UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

CLAUDENIR MODOLO ALVES

SOBRE A INCOMUNICABILIDADE HUMANA

SÃO PAULO
2009

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

CLAUDENIR MODOLO ALVES

SOBRE A INCOMUNICABILIDADE HUMANA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Área de Concentração Teoria e Pesquisa em Comunicação, Linha de Pesquisa Epistemologia, Teoria e Metodologia da Comunicação, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Ciências da Comunicação, sob orientação do Prof. Dr. Ciro Marcondes Filho.

São Paulo

2009

CLAUDENIR MODOLO ALVES

SOBRE A INCOMUNICABILIDADE HUMANA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Área de Concentração Teoria e Pesquisa em Comunicação, Linha de Pesquisa Epistemologia, Teoria e Metodologia da Comunicação, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Ciências da Comunicação, sob orientação do Prof. Dr. Ciro Marcondes Filho.

São Paulo

2009

Dedico este trabalho a minha esposa, amiga e companheira Daniela Christiane Blank, que me ensinou o princípio relacional da vida.

AGRADECIMENTOS

Encontramos pessoas em nossas vidas. São estrangeiras, pessoas presentes, porém sempre ausentes e desejamos sobre elas nunca o poder de poder. Nestes encontros trocamos algo, revelamos um pouco do nosso caminho e temos presente a sua face. O outro lança-nos para um mais além, é o movimento para o infinito.

Agradeço à Daniela Christiane Blank, esposa, amiga e companheira, pela experiência do encontro e da relação. Experiência esta, que me fez viver a alteridade de outrem feminino e viver o espaço do diálogo.

Agradeço o encontro com o professor e orientador que se fez amigo, Ciro Marcondes. Estes encontros sempre me lançaram para mais além, sempre mais humano. As idéias, as palavras destes encontros nunca eram vazias, pelo contrário, densas de autenticidade e vida.

Ao amigo sempre presente, Renold Blank, agradeço pelo diálogo inquietante, que com a força de um jovem admirador do mundo, apaixonou-se de Deus e do homem. Agradeço à Christiane Blank, que carinhosamente apontou o caminho da persistência e esteve presente ao longo destes anos.

Não posso esquecer-me dos encontros com o Prof. Franklin, que leu parte deste trabalho e do meu amigo Valdir de Castro, que me aproximou do mundo da comunicação. Aos meus familiares, que desde cedo me ensinaram os laços da relação, que atravessarão a vida, especialmente em memória ao meu avô, Sebastião Caetano.

*

Esta pesquisa é fruto do espaço público, ECA-USP, CAPES e principalmente dos cidadãos que pagam os seus impostos.

RESUMO

Esta dissertação versa sobre a incomunicabilidade humana. A pergunta problematizadora que temos como objetivo aprofundar é: o ser humano é, ontologicamente, um ser capaz de se comunicar? ou de outra forma: é possível a existência da comunicação? A hermenêutica imanente dos textos de natureza filosófica, seguida da reflexão analítica, nos aproxima da problemática sobre a incomunicabilidade humana, iluminando os enfoques chave do estado instaurado de incomunicação radical e generalizada, por outro lado a possibilidade do ser de relacionar-se e abrir a comunicação para sua existência. A possibilidade do ser humano de relacionar-se é mínima no sistema planetário de comunicação, o que nos faz concluir que vivemos na era da incomunicabilidade humana, por primeiro da incomunicabilidade entre eu e o outro.

Palavras-chave: sistema planetário de comunicação, incomunicabilidade humana, eu e o outro, exterioridade, infinito.

Obs. Este trabalho foi desenvolvido sob o horizonte do projeto Nova Teoria da Comunicação, no FILOCOM da ECA-USP.

ABSTRACT

This dissertation deals with human incommunicability. We intend to further study the following problematizing issue: Ontologically speaking, is the human being capable of communicating? In other words: can communication exist? The immanent hermeneutics of philosophical texts, followed by analytical reflection, leads us to the problem of human incommunicability, throws light on key approaches to the state of radical and generalized incommunication, and, on the other hand, the possibility for human beings to establish relationships and open lines of communication for their survival. The planet's communication system allows for minimal possibilities of human beings establishing relationships; we have, therefore, to conclude that we live in an era of human incommunicability, starting with the incommunicability between the self and others.

Key words: planet's communication system, human incommunicability, self and others, exteriority, infinite.

Note: This paper was developed within the scope of the Nova Teoria da Comunicação (New Communication Theory) project at FILOCOM (ECA-USP).

SUMÁRIO

Introdução.....11

I parte
Em busca de horizontes para a compreensão da comunicação.....13

1. O atual horizonte da planetarização.....13

2. O sistema comunicacional planetário.....20

3. Absolutização e universalização do sistema comunicacional planetário.....23

3.2 A grande esfera: máquina oracular.....25

3.2.1 Tecnologias e a comunicação.....26

3.2.2 Cultura.....28

3.3 O que é isso? “A coisa”.....30

4. Qual é a condição do homem diante do sistema planetário de comunicação?.....33

4.1 Desconexão da vida.....35

4.2 Não pensar.....36

5. Comunicação como problema.....37

6. Cinco teses problematizadoras da comunicação.....41

Obra de referência 1.....45

Obra de referência 2.....47

II Parte
Eu e o Outro.....50

1. Categoria particular de análise eu e o outro.....50

2. A incomunicabilidade humana.....51

3. Ruptura primeira.....55

4. Solidão do Ser.....59

5. Ruptura primeira e o comprometimento do diálogo.....61

6. Alteridade.....62

7. Alteridade e razão (a).....66

8. Princípio racional da comunicação.....70

9. Alteridade e razão (b).....71

10. A comunicação e o princípio da razão identificadora.....74

11. Princípio da incomunicabilidade humana.....77

Obra de referência.....80

III Parte
Alteridade.....92

1. Porque insistimos em nos comunicar?.....92

2. Pressupostos da comunicação a partir da perspectiva de Martin Buber: diálogo.....93

3. Diálogo como possibilidade para a existência da comunicação.....94

4. Homem cuja palavra-princípio EU-TU, abre-se para o acontecimento da comunicação.97

5. Quem provoca o EU?.....101

6. ISSO.....104

7. Desestabilidade das certezas.....105

8. Homem: ser relacional.....106

10. (a) Implicações sobre a incomunicabilidade humana.....109

11. Pressupostos da comunicação a partir da perspectiva de E. Levinas: a alteridade.....111

12. Alteridade e infinito.....115

13. Exterioridade.....118

14. Exterioridade, o diferente e o horizonte para além (infinito).....119

15. (b) Implicações sobre a incomunicabilidade humana.....120

Obra de referência.....123

Conclusão.....126

Bibliografia.....128

INTRODUÇÃO

Há um elemento que caracteriza o homem contemporâneo: a comunicação. Queira este homem ou não, localizado nos grandes centros ou nos sertões, ele é tocado por algum meio de comunicação. Seu mundo já não é mais o mesmo, pois cada vez mais depende de algum meio de comunicação para referenciar sua vida. As diversas áreas das atividades humanas, desde as econômicas às religiosas, são afetadas por algum meio de comunicação, de modo a realizar profundas transformações na sociedade e na cultura.

É corrente a afirmação que a sociedade contemporânea está sob a égide do império das comunicações. Esta é a temática da primeira parte desta dissertação, onde buscamos um cenário para a sociedade contemporânea, denominado de: *sistema planetário de comunicação*. O dogma construído por esta sociedade é de que *tudo se comunica*. Os sistemas sociais se comunicam, as culturas se comunicam, os sistemas bancários estão interligados por uma rede de comunicação, as indústrias operam por bases tecnológicas de comunicação. Em última instância, o homem é um ser para a comunicação.

Para nós, o problema da comunicação não está alocado nas tecnologias ou nos signos, que podem resolver suas contradições através de suas próprias operações. Para nós, a questão primeira da comunicação é o homem. É a este que, em última instância, endereçamos a questão: o ser humano é, ontologicamente, um ser capaz de se comunicar? Esta é a problemática desenvolvida na segunda parte desta dissertação. Apoiando-nos por um lado na leitura de textos semitas, percebemos a ruptura primeira entre os homens donde a incomunicação humana. Por outro lado, a leitura de textos gregos antigos, nos remete ao processo identificatório da razão e o solipsismo humano, donde também a incomunicação radical entre os homens.

Conscientes da incomunicação instaurada entre os homens, na terceira parte desta dissertação, buscamos uma passagem para a existência da comunicação. Um princípio ou uma esperança nos é dada em certa abertura do homem para a *relação*. A pergunta: o ser humano é, ontologicamente, um ser capaz de se comunicar? Encontra sua resposta na positividade mínima da afirmação do ser humano para a relação. Porém, esta abertura, consiste num movimento árduo, pois primeiro deve-se re-estabelecer uma passagem entre

Eu e o Outro, passagem esta impossibilitada pela ruptura primeira, segundo arrancar o homem de si mesmo (seu solipsismo) e de seu processo racional de identificação.

Posicionamo-nos, desta forma, diante de dois paradigmas. O primeiro é o estado instaurado de incomunicação radical e generalizado, o segundo é a possibilidade do ser relacionar-se e abrir a comunicação para sua existência. No primeiro instaura-se o sistema planetário de comunicação, no segundo a improbabilidade da existência da comunicação. O que nos faz afirmar a era da incomunicabilidade humana. O árduo trabalho que possibilita uma passagem para a existência da comunicação é uma profunda conversão do homem a *Outrem.* Quem está disposto a tal conversão? É possível que o homem encontre forças em si que o lancem a Outrem?

A pergunta problematizadora que nos acompanha como pano de fundo por todo este trabalho é: o ser humano é, ontologicamente, um ser capaz de se comunicar? Ou de outra forma: é possível a existência da comunicação? Esta pergunta é anterior àquela *o que é comunicação?,* pois remete-nos ao próprio ser humano. Este é o lugar primeiro da comunicação: o homem. Portanto, implica sobre a existência da comunicação a condição de ser humano.

I PARTE

EM BUSCA DE HORIZONTES PARA A COMPREENSÃO DA COMUNICAÇÃO

Homens que não sabem nem escutar nem falar.
(Heráclito, fragmento 19)

1. O atual horizonte da planetarização

1.1 É necessário buscar horizontes para compreendermos a comunicação. Com essa tarefa, estamos hoje diante de fenômenos totalmente novos. Na época atual, a comunicação perpassa a vida cotidiana das pessoas de forma incondicional: antenas, celulares, jornais, internet, aparelhos nanotecnológicos expansores de nossos sentidos, criações constantes de novos meios e modos para nos comunicarmos num tempo ínfimo, independente do espaço em que estejamos. As tecnologias de transmissão de dados estão em plena evolução e o indivíduo, queiro ou não queira, vive cada vez mais dentro de um sistema planetário de comunicação. Nosso comportamento diário está ligado a algum meio de comunicação, dependemos, pensamos, sentimos com estes meios. Incondicionalmente, somos afetados pelos meios de comunicação. Nossa condição de *Ser homem*, na sociedade atual, pode ser descrita assim: Ser com os *meios de comunicação*.

Raramente há no planeta pessoas ou grupos humanos que não sejam expostos diariamente a alguma informação mediada. Um homem se faz desta experiência e desta experiência se faz uma sociedade, sendo a comunicação condição desta nova sociedade. Ela oferece aos seus integrantes a oportunidade de participar de um novo sistema social, cujo funcionamento se baseia na posse do maior número possível de dados, formando na sua base, estruturas sociais complexas. Alguns autores denominam este momento de "sociedade da comunicação", como por exemplo Lyotard em sua obra *A condição pós-moderna*, além de Lucien Sfez em sua obra *Crítica da comunicação*. Há também outros pensadores que aprofundam a questão para a filosofia (cf.1.1.2.1).

Não é possível afirmar que o mundo é o mesmo[1]. Todavia, este mundo nos desafia. Para compreendermos os novos fenômenos da comunicação planetarizada, precisamos buscar novos olhares, novas leituras e novos horizontes. A presença de uma outra sociedade, um outro homem, outros valores, novas relações exigem novos métodos, novas explicações e novas interpretações.

1.1.1 É decorrente desta necessidade que constatamos que a ciência da comunicação vê-se em crise metodológica diante do fenômeno contemporâneo da comunicação. Os atuais métodos empíricos de análise, assim como a hermenêutica tradicional, revelam-se insuficientes diante do complexo sistema comunicacional, na presente sociedade. É dentro deste quadro que se justifica o objeto do presente estudo: a comunicação.

Enquanto método, as suas indagações-chave são as seguintes: é possível analisar objetivamente o fenômeno da comunicação? É possível um método racional-científico que explique os fenômenos comunicacionais? Por exemplo: permanece a impossibilidade do método científico para averiguar a subjetividade, aferir ainda as intencionalidades, o imaginário. Averiguar se a mensagem X, dada ao sujeito B, pelo sujeito A, ainda continuará X, após sua assimilação e introjeção, ou será X'?

Enquanto ciência moderna, a comunicação encontra dificuldade para afirmar-se como tal. Seus métodos oriundos da sociologia, da psicologia, das matemáticas quantitativas e ou qualitativas, de certa forma a limitam, enquanto desenvolvimento de si mesma. Fazendo desta uma disciplina dependente, a comunicação é entendida como saber interdisciplinar. Utiliza os métodos sociológicos para explicar certos fenômenos, ainda da psicologia para interpretar estes mesmos fenômenos. A comunicação em si torna-se

---

[1] Exemplo típico dessas transformações é a progressiva importância da internet na procura de informações. Conforme resultados de pesquisas do Instituto de Allensbach, na Alemanha, para receber informações, os jovens de 14 a 17 anos, recorreram nas seguintes proporções ao uso da rede mundial: em 1999: 18 %, em 2002: 52 %. No mesmo período, o uso dos meios clássicos como revistas e jornais, diminuiu de 46% para 44% no que diz respeito às revistas; e de 38% para 37% para os jornais. Conf: Allensbacher Markt-und Werbeträgeranalysen 1999-2002, em: STEINLE & WIPPERMANN, *Die neue Moral der Netzwerkkinder*, Piper, München-Zürich, 2003. Obs. Tradução do original por Daniela Blank.

subdesenvolvida quando necessita explicar os fenômenos típicos da comunicação. Por exemplo: o que é a comunicação?

1.1.2 O método científico moderno exige a matéria (empiria). Esse método possibilita a objetividade, a aferição, o controle e a verificabilidade. Diante disto, a comunicação cria modelos funcionais e verificáveis, baseando-se em instrumentos mensuráveis como a linguagem, vigorando-se como ciência. A comunicação planetarizada, diante deste imperativo, exige uma mudança do conceito de método científico. Porém, a questão da comunicação não está resolvida. Permanece a questão: o que é a comunicação? É possível comunicar-se?

Lewis Carroll, em seu livro A*venturas de Alice no país das maravilhas*, aponta para algumas questões da comunicação, que vão além do método científico e da empiria exigidos pela ciência.

> Como, porém, nessa garrafa não estava escrito "veneno", Alice se arriscou a provar e, achando o gosto muito bom (na verdade, era uma espécie de sabor misto de torta de cereja, creme, abacaxi, peru assado, puxa-puxa e torrada quente com manteiga), deu cabo dela num instante. (2002, p. 17)

A questão da comunicação em Lewis Carrol afeta não somente a linguagem em si "...nessa garrafa não estava escrito "veneno"", onde a palavra "veneno" significa perigo de vida a qualquer homem. A linguagem cumpre seu papel lógico e semântico. Porém, não dá conta do "...achando o gosto muito bom (na verdade, era uma espécie de sabor misto de torta de cereja, creme, abacaxi, peru assado, puxa-puxa e torrada quente com manteiga)". A comunicação em Carrol, A*venturas de Alice no país das maravilhas*[2] avança para as complexidades: imaginário, atemporal, criação, incorpóreos, acontecimento etc.

---

[2] A obra de Lewis Carrol A*venturas de Alice no país das maravilhas* é uma obra esférica, lida por psicólogos, filósofos, matemáticos, físicos, crianças e tantos outros. Inquieta a comunicação em si, pois: "A obra de Lewis Carroll tem tudo para agradar ao leitor atual: livros para crianças, de preferência para meninas; palavras esplêndidas, insólitas, esotéricas; crivos, códigos e decodificações; desenhos e fotos; um conteúdo psicanalítico profundo, um formalismo lógico e lingüístico exemplar. E para além do prazer atual algo de diferente, um jogo do sentido e do não-senso, um caos-cosmos. *Mas as núpcias da linguagem* [grifo nosso] e do inconsciente foram já

A comunicação torna-se uma experiência, um *acontecimento*, uma novidade dificilmente capturada pelos mecanismos das ciências lingüísticas. Onde entra em cena o imaginário, o subjetivo, o sentir, o primitivo. O fenômeno comunicacional é estranho, pois novo, e faz esquecer como se fala direito (linguagem estruturada). "Cada vez mais estranhíssimo!", exclamou Alice, "a surpresa fora que por um instante realmente esqueceu como se *fala direito* [grifo nosso]" (idem, p. 19).

1.1.2.1 Neste trabalho, porém, não é objetivo nosso debruçarmos sobre a problemática do método e sim da comunicação. Daremos prioridade à filosofia como caminho de explicação e interpretação do fenômeno da comunicação. A filosofia permite olhares múltiplos, buscando o todo do fenômeno. Neste caminho relacional entre filosofia e comunicação, estudiosos divergem quanto à situação de uma e de outra, embora todos concordem que a comunicação mantém estreita relação com a filosofia e vice-versa. Há aqueles que se ocuparam da filosofia da linguagem como Wittgenstein *"Tractatus lógico-philosophicus*, outros ainda com uma filosofia da comunicação como Karl-Otto Apel *Transformação da filosofia I: filosofia analítica, semiótica, hermenêutica e Transformação da filosofia II: o a priori da comunidade de comunicação*. Ciro Marcondes Filho, pensando a comunicação a partir da filosofia, remete a comunicação ao campo da filosofia por primeiro:

> Ela *projeto nova teoria da comunicação* [acréscimo nosso] integra um projeto de lenta maturação que buscou rever a reflexão sobre a comunicação desde os primeiros passos da filosofia até nossos dias. Isso porque acreditamos que a comunicação pertence, em primeiro lugar, ao campo da filosofia e somente depois aos campos derivados da lingüística, semiologia, semiótica e das teorias gerais de símbolos. E por pertencer antes ao campo da filosofia, a comunicação jamais pode integrar outro campo, como os das linguagens; ao contrário, são as ciências da linguagem que devem subsumir-se ao campo mais amplo; as

---

contraídas e celebradas de tantas maneias que é preciso procurar o que foram precisamente em Lewis Carroll, com o que reataram e o que celebraram nele, graças a ele". Gilles Deleuze em seus estudos sobre o sentido ou "teoria do sentido", atribui a Carroll lugar privilegiado. "O lugar privilegiado de Lewis Carroll provém do fato de que ele faz a primeira grande conta, a primeira grande encenação dos paradoxos do sentido, ora recolhendo-os, ora renovando-os, ora inventando-os, ora preparando-os" (Gilles Deleuze, *Lógica do sentido*, prólogo).

> linguagens *são* [acréscimo próprio autor] um estudo setorial[3]. (*O escavador de silêncios*: formas de construir e de desconstruir sentidos na comunicação, 2004, p.11)

1.2 O horizonte de leitura e da pesquisa do presente trabalho permanece, assim, a comunicação. Não nos ocuparemos em definir o que é comunicação. Uma outra pergunta, anterior a esta, nos acompanha: o ser humano é, ontologicamente, um ser capaz de se comunicar? ou de outra forma: é possível a existência da comunicação?

Para tanto, não nos preocuparemos com as relações estabelecidas entre a comunicação e outros saberes humanos, mas com a questão do próprio ser da comunicação. Para nós, a comunicação é elemento amalgamador da sociedade e do homem, fenômeno constituinte da vida presente (1.1). Mais que aplicação técnica e representações sociais, a comunicação compreende-se como problema, o que veremos abaixo (cf. 5).

1.2.1 Quando hoje nos deparamos com o termo comunicação, ficamos surpresos ao verificar que este termo passou despercebido pelo gênio grego antigo, pelos medievais e pelos modernos. Afirmamos despercebido no sentido de que a comunicação não foi assumida como problema. Porém, desde quando a comunicação tornou-se um problema?[4] Entender a comunicação como problema é reconhecer o espaço por ela ocupado na

---

[3] O problema relacional entre filosofia e comunicação, diferentemente da relação entre filosofia e ciência, amplamente debatido na modernidade, foi pouco abordado na filosofia moderna e contemporânea. Todavia este é um problema que não aprofundaremos nesta pesquisa.

[4] Eric Hobsbawm, enquanto historiador, não esta preocupado com a questão da comunicação em si, porém nota fato comum à era da comunicação: esquecimento. "A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de *presente contínuo* [grifo nosso], sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esqueceram, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio. Por esse mesmo motivo, porém, eles têm de ser mais que simples cronistas, memorialistas e compiladores. Em 1989 todos os governos do mundo, e particularmente todos os ministérios do Exterior do mundo, ter-se-iam beneficiado de um seminário sobre os acordos de paz firmados após as duas guerras mundiais, que a maioria deles aparentemente havia *esquecido [idem]*". Eric Hobsbawm. *Era dos extremos*: o breve século XX 1914-1991, p. 13.

constituição da sociedade presente, na vida cotidiana das pessoas, no modo de produção e no processo do conhecimento. Tal enfoque implica necessariamente reconhecer que estamos hoje, em comparação às épocas passadas, diante de mudanças estruturais fundamentais. Uma destas mudanças é a aceleração do processo da evolução social. Vivemos hoje em sociedades de mudança constante. Elemento decisório destas sociedades em estado de constante mudança, porém, é a comunicação. O termo "comunicação" aqui utilizado remete ao conceito comum, empregado em "emissão" e "recepção", "signos", "codificação e decodificação de sinais e ou linguagens". Este conceito será criticado nos itens cinco e seis, mais especificamente na segunda parte deste trabalho. A comunicação é assumida em sua positividade na terceira parte desta dissertação.

A comunicação é onipresente, começando com os *slogans* e textos de propaganda em canetas, broches, chinelos, *folders*, campanhas eleitorais presidenciais; daí, ela passa aos meios que se estruturam a partir da comunicação em si: jornais, revistas, televisão, internet, rádio etc. Todo fenômeno ou objeto é tocado pela comunicação. Em tudo está fixado um signo. Esse fenômeno é caracterizado por Jean-François Lyotard da seguinte maneira:

> O *si mesmo* é pouco, mas não está isolado; é tomado numa textura de relações mais complexa e mais móvel do que nunca. Está sempre, seja jovem ou velho, homem ou mulher, rico ou pobre, colocado sobre "nós" dos circuitos de comunicação, por ínfimos que sejam. É preferível dizer: colocado nas posições pelas quais passam mensagens de natureza diversa. E ele não está nunca, mesmo o mais desfavorecido, privado de poder sobre estas mensagens que o atravessam posicionado-o, seja na posição de remetente, destinatário ou referente. (*A condição pós-moderna*, 2006, p. 28)

Lyotard evidencia a comunicação como sendo um problema do sistema performático. A comunicação constitui uma das teses lyotardianas divisora de águas entre o moderno e o pós-moderno, tornado-se a textura pós-moderna desta sociedade e a condição da mesma.

> ...numa sociedade em que a componente comunicacional torna-se cada dia mais evidente, simultaneamente como realidade e como problema... Expondo-se este problema [*a componente comunicacional]* em termos simples da teoria da comunicação, se estaria esquecendo de duas coisas [*problematiza Lyotard [1]]*: as mensagens são dotadas de formas

> e de efeitos bastante diferentes, conforme forem, por exemplo, denotativas, prescritivas, avaliativas, performativas etc. É certo que elas não operam apenas na medida em que comunicam informações. Reduzi-las a esta função é adotar uma perspectiva que privilegia indevidamente o ponto de vista do sistema e seu único interesse. Pois é a máquina cibernética que funciona pela informação, mas, por exemplo, os fins que lhe são dados quando de sua programação provém de enunciados prescritivos e avaliativos que ela não corrigirá no curso do funcionamento, por exemplo, a maximização de suas *performances.* Mas como garantir que a maximização das *performances* constitui sempre o melhor fim para o sistema social?... *[2]*... a teoria da informação em sua versão cibernética trivial deixa de lado um aspecto decisivo, já evidenciado, o aspecto agonístico. Os átomos são colocados em encruzilhadas de relações pragmáticas, mas eles são também deslocados pelas mensagens que os atravessam, num movimento perpétuo. Cada parceiro de linguagem sofre por ocasião dos "golpes" que lhe dizem respeito um "deslocamento", uma alteração, seja qual for o seu gênero, e isto não somente na qualidade de destinatário e de referente, mas também como remetente... (idem, 2006, p. 29-30)

1.2.1.1 A afirmação da comunicação como problema epistêmico e humano imbrica-se nas diversas áreas de atuação comunicacional. Eric Hobsbawm observa a comunicação como problema central na gestação do século XXI, um marco de profunda transformação social.

> Entre 1914 e o início da década de 1990 o globo foi muito mais uma unidade operacional única, como não era e não poderia ter sido em 1914. Na verdade, para muitos propósitos, notadamente em questões econômicas, o globo é agora a unidade operacional básica, e unidade mais velha como as "economias nacionais", definidas pelas políticas de Estados territoriais, estão reduzidas a complicações das atividades transnacionais. O estágio alcançado na década de 1990 na construção da "aldeia global" – expressão cunhada na década de 1960 (McLuhan, 1962) – não parecerá muito adiantado aos observadores de meados do século XXI, porém já havia transformado não apenas certas atividades econômicas e técnicas e as operações da ciência, como ainda importantes aspectos da vida privada, sobretudo devido à inimaginável aceleração das comunicações e dos transportes. Talvez a característica mais impressionante do fim do século XX seja a tensão entre esse processo de globalização cada vez mais acelerado e a incapacidade conjunta das instituições públicas e do comportamento coletivo dos seres humanos de se acomodarem a ele. É curioso observar que o comportamento humano privado teve menos dificuldade para

> adaptar-se ao mundo da televisão por satélite, ao correio eletrônico, às férias nas Seychelles e ao emprego transoceânico. (2006, p. 24)

2. O Sistema comunicacional planetário

O primeiro passo nessa análise é, necessariamente, a questão sobre o que constitui este sistema comunicacional planetário? *A priori*, ele é organicamente a elaboração da sociedade interdependente. Notemos que há uma complexa interação entre os meios de comunicação e as mais diversas áreas da constituição social. Meios de comunicação e a economia, a política, as religiões, os meios de comunicação e sua re-invenção tecnológica, e a própria comunicação. O que nos leva à conclusão do sistema planetário de comunicação: uma força que se constitui permanentemente, ordenada para agir individual e planetariamente sobrevive por si, racionalizada, performática e independente de certa materialidade. Esta força transforma não só as interações atuais. Ela decide também, e de maneira decisiva, sobre a memória coletiva não só de famílias, mas de culturas inteiras. Porque a decisão quanto aos acontecimentos que serão guardados na memória cultural, não depende mais dos membros humanos desta cultura. Ela, por grande parte, é o resultado de processos eletrônicos, redes tecnológicas de transmissão e de interesses muitas vezes bem diferentes dos verdadeiros interesses dos integrantes daquela cultura.

2.1 O sistema comunicacional planetário possui uma base material constituída: a aparelhagem midiática. Compreende-se aqui, primeiramente, toda a invenção e a criatividade tecnológica e nanotecnológica. Aparelhos que buscam absolutizar o mundo e a vida, dando a eles sentido e interpretação, apresentam sínteses dos conhecimentos e das informações, de tal maneira que observamos o surgimento de uma nova tecnocracia. Ressalta-se em tudo isso a importância estratégica da tecnologia, preparada para atuar em territórios lingüísticos e culturais diversos.

> ... que agrupa os efeitos de massas próprios de uma população, que procura controlar a série de eventos fortuitos que podem ocorrer numa massa viva; uma tecnologia que procura controlar (eventualmente modificar) a probabilidade desses eventos, em todo caso, compensar seus efeitos. (Adauto Novaes [Org.], *O Homem-Máquina*, São Paulo, 2003, p.78)

2.1.1 Desenvolve-se em torno deste sistema comunicacional planetário uma linguagem própria. Esta não é só a pretensão da universalização de uma língua, como por exemplo, o inglês. É a fixação de padrões internacionais: clichês, pautas, temas, figuras etc. Signos que se reproduzem, espectros que circulam pelas tecnologias midiáticas internacionais.

2.1.2 O sistema comunicacional planetário altera ainda dois elementos constituintes da vida humana: *o tempo e o espaço*. Afeta nossas percepções, constituindo novas subjetividades, fazendo-nos pertencentes à cidade mundo, a onisciência e a onipresença nos é dada pela relação que estabelecemos com os meios de comunicação. "O sistema comunicacional altera a relação sujeito / mundo, fazendo com que as percepções e as ideações sejam formadas a partir da informação (reconhecimento)." Ainda: "As coisas e os fatos passaram a ser significações construídas pela mediação dos meios de informação" (Franklin Leopoldo, leitura da primeira parte).

Todavia, acrescenta Niklas Luhmann, as "informações" que mantenho relação, me são dadas pelos meios de comunicação (cf. 1.1). "Aquilo que sabemos sobre nossa sociedade, ou mesmo sobre o mundo no qual vivemos, o sabemos pelos meios de comunicação" *A realidade dos meios de comunicação*, 2005, p.15. O s*er* que aí está no mundo é um ser, necessariamente com os meios de comunicação.

Vilém Flusser, buscando entender o ser que aí está, observa uma revolução fundamental. Flusser primeiramente afirma o ser de coisas que compunham o ambiente da existência do ser humano, desde latas de conserva, máquinas, imóveis, flores, remédios e outros. A natureza ontológica destas coisas diversifica-se em contingência às "coisas últimas". O ser atém-se a estas coisas e as contém. Flusser observa o emergir de uma outra coisa, a "não-coisa", em sua obra *O mundo codificado*.

> Mas essa situação infelizmente mudou. Agora irrompem não-coisas por todos os lados, e invadem nosso espaço suplantando as coisas. Essas não-coisas são denominadas "informações". Podemos querer reagir a isso dizendo "mas que contra senso!", pois as informações sempre existiram e, como a própria palavra "informação" indica, trata-se de "formar em" coisas. Todas as coisas contêm informações: livros e imagens, latas de conserva e cigarros. Para que a informação se torne evidente, é preciso apenas ler as coisas, "decifrá-las". Sempre foi assim, não há nada de novo nisso. (2007, p. 54)

Daí infere Flusser os “inapreensíveis”:

> ...As informações que hoje invadem nosso mundo e suplantam as coisas são de um tipo que nunca existiu antes: são informações imateriais (*undingliche Informationen*). As imagens eletrônicas na tela de televisão, os dados armazenados no computador, os rolos de filmes e microfilmes, hologramas e programas são tão “impalpáveis” (*software*) que qualquer tentativa de agarrá-los com as mãos fracassa. Essas não-coisas são, no sentido preciso da palavra, “inapreensíveis[5]”. (idem)

Flusser aponta para um deslocamento existencial, das coisas para as não-coisas. O ser alimenta-se destes “inapreensíveis”, consome informações e cria máquinas que produzem as não-coisas em massa, de modo que estas se tornem mais baratas, acessíveis a todos (cf. p.56).

2.1.3 Frente a todo este sistema entrelaçado da comunicação planetária surge logo a indagação, qual, em última análise, é o grande desejo humano dentro dessa sociedade comunicacional? Outra questão a ser enfrentada é sobre o império das tecnologias e a sua absolutização.

> O potencial para as combinações entre a vida artificial, robótica, redes neurais e manipulação genética é tamanho que nos leva a pensar que estamos nos aproximando de um tempo em que a distinção entre vida natural e artificial não terá mais onde se balizar. De fato, tudo parece indicar que muitas funções vitais serão replicáveis maquinalmente assim como muitas máquinas adquirirão qualidades vitais. O efeito conjunto de todos esses desenvolvimentos tem recebido o nome de pós-humanismo. Sob essa denominação, as distinções entre o artificial e o natural, o real e o simulado, o orgânico e o mecânico têm sido levadas ao questionamento. (Lucia Santaella. *Culturas e artes do pós-humano*, 2003, p. 199)

Ainda espera-se:

---

[5] A não-coisa para Flusser é o “inapreensível”. Porém o que é o “inapreensível”? Flusser afirma ainda que este “inapreensível” despreza do ponto de vista existencial a base material (cf. p. 55). Cria-se um novo ambiente, mais impalpável, mais nebuloso, mais fantasmagórico, e aquele que nele quiser se orientar terá de partir desse caráter espectral que lhe é próprio (idem).

> ...um verdadeiro choque do futuro eclodido pelos campos recentes da pesquisa e do desenvolvimento nas ciências e tecnologias biológicas, da informação e dos materiais, como a robótica, as nanotecnologias, a vida artificial, as redes neurais, a realidade virtual e as redes planetárias de intercâmbio de informações. (Lucia Santaella. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*, 2007, p.70)

3. Absolutização e universalização do sistema comunicacional planetário

3.1 Pascal, referindo-se à questão da infinitude do universo, analogicamente à infinitude de Deus, afirma no fragmento 72: "esfera cuja circunferência está em toda parte e o centro em nenhuma". Este fragmento é interessante para pensarmos o sistema planetário de comunicação, onde o sistema comunicacional planetário é absoluto. Universalizou a si mesmo, contém em si a verdade e o sentido, a existência e o existente. Constitui uma ontologia etérea, imortal, síntese do conhecimento; absoluto. Sistema que a tudo decodifica e explica. Dando-nos a sensação de que ele é esta esfera cuja circunferência está em toda parte e o centro em nenhuma. Assumindo características de onisciência e onipresença.

Platão (427/428 – 347 a.C.) vive uma situação interessante, onde acontecia uma revolução cultural. Conflito entre a oralidade e a escrita. Na tradição antiga, a oralidade era o meio de comunicação privilegiado. Por exemplo, Sócrates confiara exclusivamente à oralidade dialética sua mensagem, já os Sofistas privilegiaram a escrita. Aristóteles, sem reservas, adota a cultura da escrita (cf. Reale, *História da filosofia:* filosofia pagã antiga, Vol. I, p. 131).

Giovanni Reale, em sua obra *Para uma nova interpretação de Platão* pensa um novo paradigma para interpretar Platão, justamente à luz das "Doutrinas não-escritas", que Platão quis comunicar exclusivamente mediante a dimensão da oralidade dialética (cf. p. 24). Este paradigma cria tensões entre as doutrinas escritas e as não-escritas de Platão. Todavia, para Reale, é justamente a doutrina "não-escrita" (cuja base é a palavra: exercício do ouvir e do falar), que faz compreender os textos escritos de Platão[6].

---

[6] Notemos: "Mas isso explica de modo preliminar, e perfeito, em que sentido e em que medida se diferenciaram os dois "paradigmas hermenêuticos" que hoje se afrontam: o primeiro sustenta (ou, pelo menos, por muito tempo sustentou) *a autonomia, ou seja, a autarquia total e decisiva dos*

Esta tensão entre o meio de comunicação oral e o escrito é sentida em sua obra *Fedro*. Observemos o texto.

SÓCRATES

Mas quanto à conveniência ou inconveniência da escrita, em que condições é bom usá-la e em quais despropositado, eis o que falta ainda examinar. Não é verdade?

FEDRO

É, sim.

SÓCRATES

Sabes na verdade qual é o melhor meio de agradar à divindade em matéria de discursos, quer na prática quer na teoria?

FEDRO

De maneira nenhuma. E tu?

SÓCRATES

(274c)[7] Posso narrar pelo menos uma tradição dos Antigos. Mas a verdade sabem-na eles. No entanto, se conseguíssemos descobri-la por nós mesmos, acaso precisaríamos ainda de nos preocupar com as opiniões dos homens?

FEDRO

Pergunta ridícula a tua. Mas conta lá o que afirmas ter ouvido dizer.

SÓCRATES

(274d) Pois ouvi contar que, perto de Náucratis, no Egito, havia um daqueles deuses antigos do lugar, cujo símbolo sagrado era a ave a que chamam íbis. O nome dessa divindade era Theuth. Pois dizem que foi ele o primeiro a descobrir a ciência do número e do cálculo, a geometria e a astronomia, o jogo das damas e o dos dados e, sobretudo a escrita.

(274e) O rei de todo o Egito nessa altura era Tamos, que habitava a grande cidade da parte alta do país que os Helenos chamam Tebas Egípcia e cujo deus é Amon. Theuth foi

---

escritos, eliminando e reduzindo drasticamente a importância e o alcance das "Doutrinas não-escritas". O segundo sustenta, ao invés, *a correlação estrutural e essencial entre "escrito" e "não-escrito" e a necessidade de referir-se ao "não-escrito" para compreender os escritos*, e a conseqüência necessidade de reler todo o *Corpus Platonicum* nessa chave, para poder reconstruir uma visão global do pensamento de Platão" (Giovanni Reale, *Para uma nova interpretação de Platão*, 1997, p. 24).

[7] Segundo marcação da obra referida, porém utilizadas no início do parágrafo com exceção da 275b.

> até ao seu palácio, mostrou-lhe os seus inventos e disse que precisavam ser distribuídos aos outros habitantes do Egito. O rei, no entanto, perguntou-lhe que utilidade tinha cada um deles e, perante as explicações do deus, conforme lhe parecessem bem ou mal formuladas, a uma censura e a outra louvava. Tão numerosas foram na verdade – ao que se diz – as observações de Tamos apresentou a Theuth, a favor e contra cada um das artes, que seria tarefa longa referi-las em pormenor.
>
> Quando, porém, chegou à ocasião da escrita, Theuth comentou: "Este é um ramo do conhecimento, ó rei, que tornará os Egípcios mais sábios e de melhor memória. Está, pois descoberto o remédio da memória e da sabedoria".
>
> (275 a) Ao que o rei respondeu: "Engenhosíssimo Theuth, um homem é capaz de criar os fundamentos de uma arte, mas outro deve julgar que parte de dano e de utilidade possui para quantos dele vão fazer uso. Ora tu neste momento, como pai da escrita que és, por lhe quereres bem, apontas-lhe efeitos contrários àquelas que ela manifesta. É que essa descoberta provocará nas almas o esquecimento de quanto se aprende, devido à falta de exercício da memória, porque, confiados na escrita, é do exterior, por meio de sinais estranhos, e não de dentro, graças a esforço próprio, que obterão as recordações. Por conseguinte, não descobriste um remédio para a memória, mas para a recordação. Aos estudiosos oferece a aparência da sabedoria e não a verdade, já que, recebendo, graças a ti, grande quantidade de conhecimentos, sem necessidade de instrução, considerar-se-ão muito sabedores (275b), quando são ignorantes na sua maior parte e, além disso, de trato difícil, por terem a aparência de sábios e não o serem verdadeiramente". (Platão, *Fedro*, 1997, p.119 -121)

Comparando a situação descrita neste texto de Platão, com a situação comunicacional atual, poderia-se dizer em termos de analogia, que Theuth re-inventa a escrita em nossa sociedade, utilizando-se de novos artifícios como: imagem, sons, tecnologias etc. A pretensão, porém, do atual sistema planetário de comunicação, ultrapassa em muito aquela do deus, ao qual Sócrates se refere no texto acima. Porque o objetivo hoje, é uma invenção planetária, que dê sentido a todos os homens, chamado sistema comunicacional planetário.

3.2 A grande esfera: máquina oracular

Na tentativa de aproximação do sistema comunicacional planetário, destacamos dois elementos que o sustentam: tecnologia e cultura.

3.2.1 Tecnologias e a comunicação

Um dos cenários que compõe o momento hodierno são as tecnologias. Ao gênero humano tornou-se impossível conceber a vida sem este instrumento. Imaginemos a composição do tecido sociocultural hodierno: a maior parte das grandes formas de organização e produção do trabalho estão subsidiadas por alguma forma de tecnologia, ligados desde a produção de pregos, aos satélites.

O desenvolvimento científico, principalmente em sua esfera aplicada, depende de tecnologias mais precisas e poderosas. As tecnologias vão se aperfeiçoando em formas nano, inteligentes, autônomas e sensoriais, gerando mais tecnologias e estas imbricadas em ciências cada vez mais complexas.

Vilém Flusser em *O Mundo codificado* ao afirmar o *Homo faber* versus *Homo sapiens sapiens* indica a fábrica como lugar para se conhecer o homem. Inferimos a fábrica como lugar privilegiado da tecnologia. Considerando a história humana como uma história da fabricação, Flusser distingue quatro períodos da história: o das mãos, das ferramentas, das máquinas e dos aparelhos técnicos, fazendo do homem um ser cada vez mais artificial que natural. Para Flusser, o *Homo faber* está intimamente ligado às suas tecnologias e aparelhos de fabricação "...aonde quer que vá, ou onde quer que esteja, leva consigo os aparelhos (ou é levado por eles), e tudo o que faz ou sofre pode ser interpretado como uma função de um aparelho..." (p. 41). As ferramentas, quanto mais complexas, mais abstratas serão suas funções exigindo do homem *faber* novos saberes na sociedade pós-industrial e pós-histórica (cf. p. 41).

> Pode-se imaginar qual será o aspecto das fábricas no futuro: serão como escolas. Deverão ser locais em que os homens aprendam como funcionam os aparelhos eletrônicos, de forma que esses aparelhos possam depois, em lugar dos homens, promover a transformação da natureza em cultura. E os homens do futuro, por sua vez, nas fábricas do futuro, aprenderão essa operação com aparelhos, em aparelhos e de aparelhos. (Vilém Flusser, *O mundo codificado*, 2007, p. 42)

Outro elemento de importância que possui como esteira a tecnologia, é a comunicação. Ao poder da comunicação nada mais está oculto: sentimentos, emoções, odores, fatos nacionais e internacionais, catástrofes, governos, estados, etc. Todo o globo está reduzido aos poderes das lentes, existe o que é midiatizado e nada mais além.

As tecnologias comunicacionais penetraram em todas as faculdades e ambientes do humano. Ampliam, em alguns casos aperfeiçoam, principalmente as capacidades sensoriais do humano, compondo uma outra realidade do planeta, da sociedade, do outro e do eu.

Para as tecnologias confluem áreas do conhecimento humano, produzem novas formas tecnológicas e de conhecimentos. Por exemplo, para o desenvolvimento de computadores, confluíram áreas da matemática e da física, para desenvolvimento de certos medicamentos, confluíram áreas da química, certas áreas da biologia e da medicina.

> 3.2.1.1 Frankenstein, um Frankenstein tecnológico nos ameaça. *Pelo menos, nós o cremos. Fazem-nos crer nisso.* Passamos a viver num mundo de máquinas de transportar, de fabricar, de pensar, Frankenstein, nosso duplo, aquele que criamos, assume sua autonomia e em seguida o poder. Evidência intuitiva imediatamente compensada por outra crença: graças à comunicação, podemos agora estabelecer um melhor contato com as nações, os grupos, os indivíduos, até com nós mesmos, já que as máquinas de pensar nos esclarecem acerca do nosso próprio espírito. (Sfez, 1994, p.19)

Na frase acima, Sfez alerta-nos sobre o grau da crença que compõe a sociedade hodierna. Crença nos meios de comunicação para aproximar e diminuir os conflitos entre os homens, crença nas tecnologias para solucionar os problemas sociais, crença nos meios comunicacionais como centros de informação, etc. Voltando à analogia entre este sistema planetário de comunicação e a perspectiva de Platão descobrimos, assim, mais um elemento típico. Notemos que, diante das verdades proferidas por oráculos, Platão repreende Fedro, sinalizando um grau de crença.

> E certas delas [as verdades], meu amigo, referem que, no santuário de Zeus em Dodona, os primeiros oráculos saíram de um carvalho. É que aos homens de outrora – visto que não eram sábios como vós – os jovens –, na sua simplicidade bastava-lhes ouvir um carvalho e uma rocha, conquanto que proferissem verdades. Para ti, porém, talvez seja importante saber

> quem fala e de que país é, uma vez que não te basta examinar se as coisas são verdadeiras ou de outro modo. (*Fedro*, 1997, p. 121)

3.2.2 Cultura

Cultura nesta situação funcionaria como elemento amalgamador social. Ela está entre o *hard* e o *software*, seria a produção desta relação. A cultura advinda desta geração faz-nos crer que os problemas do mundo se resolverão de forma cada vez mais performática, maquinária e instrumental. A própria presença do homem não é mais importante ou suficiente para sanar os problemas terrestres.

A cultura das tecnologias provoca certa aceleração nos hábitos cotidianos das pessoas, transformando desejos e afetos. Um destes comportamentos é o consumo de novas tecnologias. Fazer parte desta cultura significa por um lado, possuir aparelhos tecnológicos sempre mais atualizados, e por outro lado, assumir as competências necessárias para o manejamento de toda esta tecnologia. A conseqüência disso é uma complexificação progressiva das relações sociais e uma mudança cada vez mais acentuada das condições, dentro das quais o ser humano deve agir e situar-se. Com isto, porém, estamos especificamente diante da gênese de uma nova cultura. Cultura esta, que faz sua aposta, bem ressaltada por Marcondes Filho.

> A civilização que vem chegando aposta no super-homem e na super-humanidade. Teremos supercorpos geneticamente perfeitos, informaticamente equipados com sensores e próteses, superambientes isolados dos vírus e das pestes, supersociedades computadorizadas em que tudo é administrado, corrigido, perfeito. A utopia eleva o místico à estatura do factível. (*SuperCiber*,1997, p. 04)

O poder discursivo da cultura tecnológica é sedutor. A esfera maquinária constituinte da sociedade comunicativa generalizada está embebida em outro tempo e espaço: imagético, espectral e durante. O espaço global está submetido às dinâmicas das tecnologias de transportes. Exploram-se outras dimensões da matéria, geram-se espaços *ciber*. Por outro lado, o tempo funde-se no espaço e o espaço no tempo, constituindo novos sentidos e símbolos: a grande máquina esférica. Sinaliza-se o desenvolvimento de outras naturezas.

> O desenvolvimento da robótica vem nos mostrando que os robôs não possuem mais "mentalidades" prontas, pré-definidas, fruto de relações matemáticas que somente permitem ao robô saber o que lhe foi inserido na memória (Simões, 1999, 2001). Hoje se vislumbra um futuro no qual os robôs têm a capacidade de aprender com o meio em que vivem, têm capacidade de observar e adquirir conhecimento, da mesma forma que os humanos, que ao longo dos anos, através da observação e da reflexão, têm a possibilidade de conhecer e interpretá-lo. Na mesma direção, Sal Restivo (2001), sociólogo que trabalha no MIT (Massachussets Institute of Techology), afirma que "Máquinas eletromecânicas se tornarão tão susceptíveis a uma vida interna assim como os humanos a partir do momento que eles tiverem desenvolvido linguagem, conversação e percepção – isto é, quando eles tiverem desenvolvido uma vida social". Abrir-se-ia campo para a sociologia (inteligência artificial social), elaborando modelos e simulações para ver como os "agentes" se socializam. (Fernandes Teixeira, *A mente segundo Dennet*, p. 23-24)

O sistema comunicacional planetário gera uma cultura própria de si mesmo, naturalmente construindo sentido. Platão, confrontado na sua época com um fenômeno análogo, a invenção e utilização da escrita em seu tempo, assemelha-se à pintura. Esta "pintura" (signo) se apresenta na cultura atual como seres vivos, que, questionados, respondem com "um silêncio cheio de gravidade". A cultura do sistema comunicacional planetário atual parece comunicar e é para isso que ela existe. Os seus elementos estruturais, porém, "revelam uma única coisa e sempre a mesma", até parece que o "pensamento anima o que dizem".

As coisas dentro do sistema comunicacional planetário (cultura), uma vez produzidas, "rolam por todos os lugares", falam a quem querem e a quem não quer ouvir, sempre do mesmo modo.

> É isso precisamente, Fedro, o que a escrita tem de estranho e que a torna muito semelhante à pintura. Os produtos desta apresentam-se na verdade como seres vivos, mas, se lhes perguntares alguma coisa, respondem-te com um silêncio cheio de gravidade. O mesmo sucede também com os discursos escritos. Poderá parecer-te que o pensamento anima o que dizem; no entanto, se, movido pelo desejo de aprender, os interrogares sobre o que acabam de dizer, revelam-te uma única coisa e sempre a mesma. E uma vez escrito, cada discurso rola por todos os lugares, apresentando-se sempre do mesmo modo, tanto a quem o deseja ouvir como ainda a quem não mostra interesse algum. Não sabe, por outro lado, a quem

> deve falar e a quem não deve. Além disso, maltratado e insultado injustamente, necessita sempre da ajuda do seu autor, uma vez que não é capaz de se defender e socorrer a si mesmo. (Platão, *Fedro*, 1997, p.122)

3.3 O que é isso? "A coisa"

Vilém Flusser, em *O mundo codificado,* observa a imaterialidade. Segundo Flusser, a *hylé* (madeira/matéria) opõem-se à *morphé*[8] ("forma") "... O mundo material (*materielle Welt*) é aquilo que guarnece as formas com estofo, é o recheio (*Fullsel*) das formas..." (cf. p. 24). A matéria, segundo esta teoria do conhecimento, é um preenchimento transitório de formas atemporais. Conclui-se: "...O movimento percebido pelos sentidos (aquilo que é material nos corpos) é aparente e a fórmula deduzida teoricamente (aquilo que é formal nos corpos) é real..." (cf. p. 26). Para Flusser, o que prevalece hoje em dia é a *morphé,* esta é abrasada pelos equipamentos técnicos e representada em imagens ou fórmulas matemáticas. O império da forma se dá quando se projetam formas para conter a matéria.

> A questão "abrasadora" é, portanto, a seguinte: antigamente (desde Platão, ou mesmo antes dele) o que importava era configurar a matéria existente para torná-la visível, mas agora o que está em jogo é preencher com matéria uma torrente de forma que brotam a partir de uma perspectiva teórica e de nossos equipamentos técnicos, com a finalidade de "materializar" essas formas. Antigamente, o que estava em causa era a ordenação formal do mundo aparente da matéria, mas agora o que importa é tornar aparente um mundo altamente codificado em números, um mundo das formas que se multiplicam incontrolavelmente. (2007, p. 31)

Flusser chama esta forma de não-coisa (cf. item 2.1.2), pois lhe falta a matéria, sendo esta "imaterial". "A coisa" nos insere neste momento da humanidade, que por um lado traz angústias, mas por outro, grandes realizações, superando o tempo e o espaço. Por outro lado, a coisa dilui-se, gerando uma infinidade de símbolos e não constrói sentidos. "A coisa" traz para seu centro uma quantidade de informação ilimitada, ao mesmo tempo não

---

[8] A decodificação das coisas em signos nos da a impressão que no sistema planetário de comunicação tudo é volátil, tudo se dissipa, as coisas se compõem e se decompõem instantaneamente, constituindo característica do fenômeno comunicacional hodierno.

temos acesso a todas. Podemos afirmar que "a coisa" inaugura o ciclo cibernético. Neste ciclo cibernético, as coisas "da coisa" apenas são.

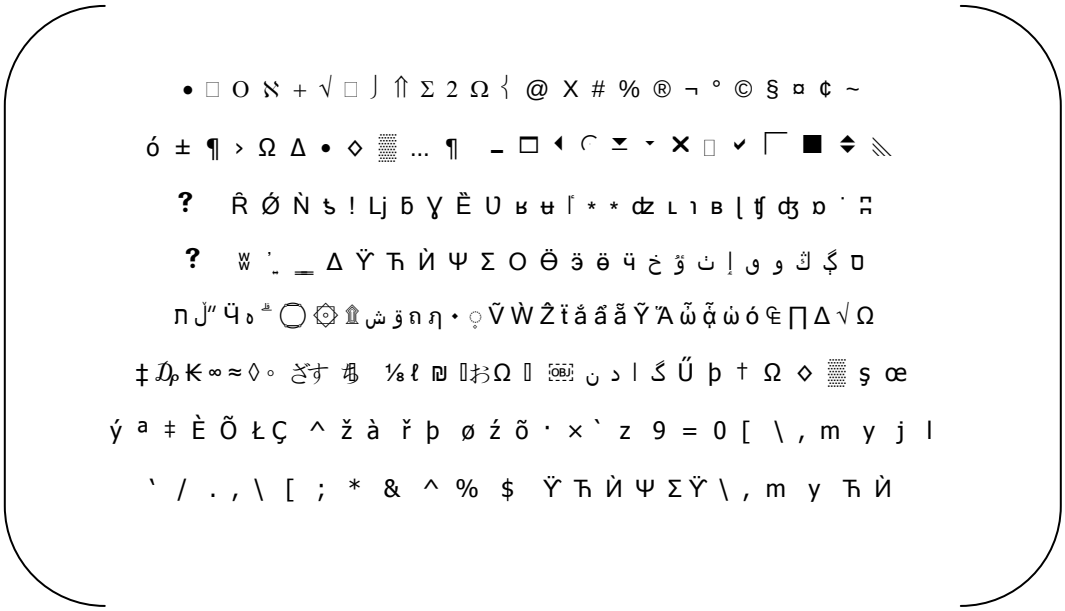
"A coisa" reveste-se de inúmeras realidades, conseqüentemente expande a própria realidade "da coisa". São realidades matrizes. Quando estamos com a Alice no país das maravilhas, inseridos, mergulhados e embebidos deste mundo as coisas são aquilo que ali percebemos, com sentido e lógica. Alice assentando-se com a Lebre de Marco, o Chapeleiro e o Caxinguelê trava um diálogo interessante sobre o Tempo (cf. p. 67-75). O Chapeleiro, após discussão arrefecida, indaga "Que dia do mês é hoje"? Alice acha o instrumento de marcação engraçado, pois marca o dia do mês e não a hora. O Chapeleiro questiona o tempo de Alice, "... o seu relógio marca o ano?" "Não". Responde Alice. Justifica o Chapeleiro: "...mas, é porque continua sendo o mesmo ano por muito tempo seguido" (p. 69). O Chapeleiro e Alice, embora "falando a mesma língua", percebem e vivem em tempos diferentes. Os acontecimentos neste tempo são surpreendentes.

> "E desde aquele momento", continuou o Chapeleiro, desolado, "ele não faz o que peço! Agora, são sempre seis horas".
>
> Alice teve uma idéia luminosa. "É por isso que há tanta louça de chá na mesa?", perguntou.
>
> "É, é por isso", suspirou o Chapeleiro; "é sempre hora do chá", e não temos tempo de lavar a louça nos intervalos".
>
> "Então ficam mudando de um lugar para outro em círculos, não é?", disse Alice.
>
> "Exatamente", concordou o Chapeleiro, "à medida que a louça se suja".
>
> "Mas o que acontece quando chegam de novo ao recomeço?" Alice se aventurou a perguntar? (Lewis Carrol, *Aventuras de Alice no país das maravilhas*, 2002, p. 72)

Notemos que não estamos negando a existência das coisas na "coisa". As informações, signos, imagens aí estão no *ciberespace*, telenovelas, jornais e outros meios de comunicação, porém estão ali diferentemente. Numa espécie de eterno contínuo "ficam mudando de um lugar para o outro em círculos". Truman, no filme "O show de Truman", desde sua infância, viveu em tempo e espaço, percebidos, sentidos e vividos por ele; constituindo seu ser de tal maneira que aquela era sua realidade. Até que em certo momento seu barco perfura este cenário, esta imagem, este signo e ele descobre outras realidades.

Trumam deixa de “mudar de um lugar para outro em círculos” (cf. filme “O show de Truman: o show da vida”, Paramount Pictures, 1998).

3.3.1 Imaginemos todas as coisas do mundo diluídas no sistema comunicacional planetário a “coisa”.



Em expansão, a cultura comunicacional generalizada rompe limites, totalmente virtual, espaço e tempo seriam categorias em suspensão. Somente o presente eterno. Cada símbolo representa um mundo e em cada mundo, outros mundos. Por exemplo, o “quadrado” representa o mercado de compra e venda de veículos no planeta. Os “círculos”, os meios radiofônicos de comunicação. O “m” as universidades, o “X” as obras clássicas. O “T”, filmes pornográficos. Enfim, o mundo conhecido estaria disponível mediante uma plataforma digital mundial.

Os navegadores da grande "coisa" estariam educados nesta linguagem universal. Nós nos determinaríamos como sujeitos plugados do eterno presente. Ora, existir significa estar nesta grande máquina. O planeta dar-se-ia no entrelaçamento desta grande sociedade de comunicação. A economia planetária move-se por esta esteira tecnológica comunicacional. Enfim, teríamos uma sociedade e um ser humano composto por esta grande máquina oracular.

3.3.2 Gianni Vattimo destaca como sintoma dos tempos a "sociedade de comunicação generalizada, a sociedade dos *mass media*". Marca a passagem de um período da história humana para outro, como se convencionou: modernidade à pós-modernidade (cf. 2.0).

> Pois bem, eu considero, pelo contrário, que o termo pós-moderno tem um sentido; e que este sentido esta ligado ao facto da sociedade em que vivemos ser uma sociedade de comunicação generalizada, a sociedade *mass media*. (*Sociedade transparente*, 1992, p. 7)

Nesta era da "imaterialidade", as formas (Flusser) tendem a multiplicar-se, porém, desejam a "carne" ou a matéria. Buscam manifestar-se, ter uma existência, pois a matéria (corpo) lhe é ausente.

> Podemos ter no futuro, bem pouco tempo, qualquer coisa como 500 canais de televisão. E que isto é realmente notável, digamos do ponto de vista sei lá, do que quiser, divertimento, conhecimento, informação, cultura digamos. Podemos imaginar até, embora eu tenha dúvidas sobre isso. E Eu disse pois: acho isso importantíssimo realmente. Vamos imaginar que recebamos em casa 500 jornais todos os dias. Se eu fizesse uma coisa destas as pessoas diriam que eu estava louco. Como posso ler 500 jornais todos os dias? Que conclusão tiro eu da leitura de 500 jornais todos os dias? Claro, impossível! Nem eu tenho tempo para isso, nem teria proveito nenhum se me entrassem em minha casa até 500 jornais. (José Saramago, "Janela da alma", 2003, 00:59:02' – 00:59:53').

4. Qual é a condição do homem diante do sistema planetário de comunicação?

Em meio a este sistema planetário de comunicação e ao império das tecnologias, nos perguntamos sobre o homem. Qual é a condição do homem dentro do sistema planetário de comunicação?

Primeiramente, Flusser nos lembra a condição natural fundamental do ser humano no mundo, antes do próprio sistema planetário de comunicação, um ser-aí para a morte. Para Flusser, a comunicação é uma maquiagem para nossa condição de mortais. A comunicação anima coisas e objetos, relações e cenas magicamente, quando a realidade é a morte e o isolamento de cada um.

> O objetivo da comunicação humana é nos fazer esquecer desse contexto insignificante em que nos encontramos – completamente sozinhos e "incomunicáveis" –, ou seja, é nos fazer esquecer desse mundo em que ocupamos uma cela solitária e em que somos condenados à morte – o mundo da "natureza". A comunicação humana é um artifício cuja intenção é nos fazer esquecer a brutal falta de sentido de uma vida condenada à morte. Sob a perspectiva da "natureza", o homem é um animal solitário que sabe que vai morrer e que na hora de sua morte está sozinho. Cada um tem de morrer sozinho por si mesmo. E, potencialmente, cada hora é a hora da morte. Sem dúvida não é possível viver com esse conhecimento da solidão fundamental e sem sentido. A comunicação humana tece o véu do mundo codificado, o véu da arte, da ciência, da filosofia e da religião, ao redor de nós, e o tece com pontos cada vez mais apertados, para que esqueçamos nossa própria solidão e nossa morte, e também a morte daqueles que amamos. (Vilém Flusser, *O mundo codificado,* 2007, p. 90-91)

Para Flusser, a comunicação surge como condição contranatural do homem condenado à morte. Quando nos perguntamos sobre a condição do homem dentro deste sistema planetário de comunicação, estamos nos perguntado: O homem que aí está pode se comunicar? Este homem tem algo a dizer de si mesmo? Além de si, ele tem um outro para dialogar?

Platão em sua alegoria da caverna (cf. texto ref. itens 3 e 4), ao tratar sobre o conhecimento do mundo e das realidades deste mundo, fala de seres que vivem em uma caverna, homens que ali vivem desde sua infância aferrados em grilhões que lhes possibilitam apenas um olhar. A luz de uma fogueira projeta, no fundo desta caverna, objetos (que ultrapassam a altura do muro) como: estátuas de homens e de animais. Estas imagens são animadas por vozes e ou silêncio dos seus carregadores. A situação destes homens é saber o que as representações lhes oferecem: imagem.

Produz-se a representação de fatos A, A1, A2, A3, A4, A5... São discursos que retroalimentam, por exemplo, a grande máquina esférica comunicativa planetária, reproduzindo-se de forma cíclica. A impressão é que "roemos os próprios ossos,

alimentamo-nos das próprias fezes". Os homens na caverna do Platão estavam agrilhoados a esta mesma lógica. José Saramago vê a possibilidade de ampliação desta lógica, ainda uma intensificação de objetos à luz da fogueira de Platão.

> Vivemos todos numa espécie de luna-park. Luna-park audiovisual onde os sons se multiplicam, onde as imagens se multiplicam e onde nós mais ou menos creio eu... Cada vez mais o sentido perdido. Perdido em primeiro lugar de nós próprios e em segundo lugar perdido em relação com o mundo, acabamos por circular aí sem saber muito bem, nem o que somos, nem para que servimos, nem que sentido tem a existência. "Janela da alma", José Saramago, 2003, 01:00:56' – 01:41')

Ainda sobre o homem deste sistema planetário de comunicação, apontemos duas características.

4.1 Desconexão da vida

O engendramento cultural cíclico, no qual estamos embebidos, faz com que nos distanciemos do tempo presente. Esta grande obra da cultura tecnológica midiática não deixa morrer coisas do passado e faz-nos viver coisas do futuro, menos o presente. Assim como os homens na caverna de Platão, não sabemos nem de nós mesmos nem do mundo, apenas das imagens.

A grande astúcia é desconectarmos do tempo presente e automaticamente da vida. Notemos que o tempo e o acontecimento das coisas na caverna de Platão são diferentes. Um tempo e acontecimento para as "imagens", outro tempo e acontecimento para os objetos. O que faz enxergar melhor, na caverna de Platão, é o ser das coisas, onde elas acontecem. Portanto, quanto mais distante deste ser, menos sabemos. Quanto mais próximo dele, mais sabemos.

Infiltra-se em nossos sentidos, em nossos desejos, em nossa consciência, em nosso processo de liberdade, em nossa alma a obra da cultura midiática com tudo o que ela possui. Falamos de coisas que não são nossas! Vivemos coisas que não são nossas! Sentimos coisas que não são nossas! Somos arrebatados e envenenados para o sono da obra de cultura da grande máquina e lá tornamo-nos cadáveres. Cadavéricos, meio vivos, meio

mortos, ciclicamente existimos. Participamos da grande encenação do sistema planetário de comunicação, promovida pela obra desta cultura midiática. Os homens da caverna de Platão também estavam sem vida, sem o ato de acontecer das coisas.

Há coisas que, às vezes, nos fazem ficar perturbados, mas que ainda assim não nos fazem pensar. São coisas que acontecem não dentro desta obra de cultura cíclica da bolha mundial mas, ao mesmo tempo, são conseqüências desta. Coisas que não estavam no programa cultural, embora poderiam ser previstas como: terrorismos, choques das grandes religiões, fundamentalismos, fim dos recursos naturais como a água... Estes fenômenos nos oferecem um outro senso de realidade, ainda plasmados na grande bolha da obra midiática.

4.2 Não pensar

Platão coloca homens em sua caverna, habituados a ver e dar sentido às coisas, de uma única forma. *"...estão ali desde crianças com as pernas e o pescoço em correntes, de modo que devam permanecer parados e olhar somente diante de si"*(cf. alegoria da caverna, ref. itens 3 e 4). Esta cultura e suas obras causaram um silêncio assustador na humanidade, inibindo o pensar.

Temos de repetir os discursos e destes fazer novas representações: B, B1, B2, B3, B4, B5, B6, B7… é um ato de reverberação ao infinito. Observamos silenciosamente. Quando observamos, o máximo que a obra de cultura nos autoriza é fazer um comentário.

Quando, raramente, surge algum pensador ou homem da arte, este é louco. As coisas que ele fala são irreais, longe das coisas em que estamos embebidos. Platão traz de sua caverna um homem à luz. Esta passagem causa "dores" ao homem. Ele passa a ter acesso às outras realidades do mundo, passa a ver o mundo por mais de um olhar e percebe os acontecimentos com maior intensidade. Todavia, este homem, ao retornar para a caverna, logo re-acostuma-se com as sombras, narrando coisas estranhas aos outros.

A obra de cultura hodierna promove comodidades que habilitam os seres para o consumo. Os homens mais venerados são aqueles que consomem. Deuses são aqueles que consomem coisas da obra desta cultura que outros jamais consumirão, embora os desejem como ídolos, como por exemplo, estar nas telas dos grandes meios de comunicação mundiais.

A obra de cultura nos plasma de tal maneira que passamos a sonhar. Nada é mais trabalhado e explorado na máquina esférica do que a sedução dos sentidos. Por estas veias aplica-se em nossa alma o veneno para o não pensar.

Está anunciada a tragédia maior: não pensar. "E, de resto, será essa invasão generalizada que dará testemunho da existência de uma forma simbólica na qual somos aprisionados" (L. Sfez, *Crítica da comunicação*, 2000, p. 13).

A condição humana dentro deste sistema planetário de comunicação, quando inibe o pensar, abre espaço para o discurso e, como conseqüência, suprime o diálogo, problema primeiro da comunicação.

> Nunca antes na história a comunicação foi tão boa e funcionou de forma tão extensiva e tão intensiva como hoje. O que as pessoas pensam é na dificuldade de produzir diálogos efetivos, isto é, de trocar informações com o objetivo e adquirir novas informações. E essa dificuldade deve ser conduzida diretamente ao funcionamento hoje em dia tão perfeito da comunicação, a saber, deve ser dirigida para a onipresença dos discursos predominantes, que tornam todo o diálogo impossível e ao mesmo tempo desnecessário. (Vilém Flusser, *O mundo codificado*, 2007, p. 98)

5. Comunicação como problema

Os itens tratados acima nos colocam diante do fenômeno da comunicação: sistema comunicacional planetário. Nosso objetivo, nesta primeira etapa desta dissertação, não é necessariamente ter ou definir um conceito de comunicação. Não buscamos eleger teóricos e cânones para a comunicação. Nosso desejo é assumir a comunicação não como fenômeno, mas sim como problema. Já enunciado, temos um horizonte que é o "sistema comunicacional planetário". Neste sistema tudo está interligado, interdependente e necessariamente tudo se comunica. Não somente as pessoas por natureza primeira se comunicam, mas uma segunda natureza, a tecnológica se comunica. É o sistema da comunicação como imperativo: "tudo se comunica". Todo este sistema planetário está regido pelo signo da comunicação em suas mais diversas facetas: linguagem, imagem, som, sensações, cores, odores, etc. Existir e comunicar são o mesmo. Ontologicamente, o ser que aí está, é um ser para a comunicação.

O “sistema comunicacional planetário” é o horizonte que utilizamos para olhar a comunicação. Porém, não é a este fenômeno que pretendemos nos deter, problema secundário da comunicação e sim na relação Eu e o Outro, dentro deste horizonte. A questão fundamental que se impõe é: Eu e o Outro nos comunicamos? de outra forma: o ser humano é, ontologicamente, um ser capaz de se comunicar? ainda: é possível a existência da comunicação? Este é o problema da comunicação do qual trataremos na segunda parte desta dissertação.

A reflexão até aqui desenvolvida conduziu-nos à conclusão de que o essencial na comunicação não são a tecnologia, os meios sofisticados de comunicação, a linguagem, os signos performáticos e outros recursos, mas sim o homem. Portanto, definimos este como problema primeiro da comunicação.

No filme “Denise está chamando”, notamos a radical mudança comportamental dos indivíduos quando atravessados por algum meio de comunicação. Todos os personagens mantêm vínculos de amizades, se falam constantemente, sabem um do outro e mantêm hábitos sociais. Jerry e Bárbara mantêm relações sexuais, Denise e Martim têm uma filha em comum, Afrodite. Quando Gail morre em acidente rodoviário, todos os componentes do círculo são afetados. Porém, o filme deixa claro um abismo intransponível entre eles, um silêncio absurdo, uma insuportável in-comunicação[9]. Cada um fechado em si.

5.1 O sistema planetário de comunicação encobre uma dúvida suscitada por poucos estudiosos. *Até que ponto de fato nos comunicamos?* (Ciro Marcondes Filho, 2004), *O espelho e a máscara* (idem, 2002), *O escavador de silêncios* (idem, 2004), *A improbabilidade da comunicação* (Niklas Luhmann, 1999), *Critica da comunicação* (Lucien Sfez, 2000). Esta dúvida, cravada no coração do sistema planetário de

[9] Um pouco mais atualizado com as mutações tecnológicas, o filme de Sofia Coppola, “Encontros e desencontros”, traz este drama do eu diante do outro. Estranhamente este filme é pensado dentro de um dos ambientes da sociedade planetária de comunicação, onde tudo se comunica. Paradoxalmente, Bob Harris e Charlotte, um diante do outro, no face a face, buscam romper a solidão do ser.

comunicação, torna-se um problema a ser pensado, como problema essencial da comunicação:[10] a incomunicabilidade humana.

O sistema planetário de comunicação implanta-se justamente nesta hipótese: os homens não se comunicam. Este é o problema fundamental entre Eu e o Outro. O Eu diante do Outro não vê, não sente, não percebe o Outro como o Outro em sua diferença radical. Há entre o Eu e o Outro a incomunicação. Esta incomunicação é uma questão da humanidade, pois cada vez mais afastados uns dos outros ou intermediados por alguma técnica de comunicação, perdemos em nos tornar humanos, pois nos fechamos ao Outro. Percebemos a sua imagem, porém matamos a sua alteridade.

5.1.1 O ponto de partida para as reflexões a seguir seria, assim, a hipótese acima formulada. Hipótese esta que se revela como sendo a grande contradição do sistema planetário de comunicação: a in-comunicação. Criam-se certezas e dogmas inquestionáveis dentro destes sistemas, onde tudo parece transparente e comunicável. As coisas, os homens, os fenômenos mostram-se animados por esta força "mágica" ainda anímica, onde tudo está significado e, portanto passível de comunicação. Todo o cosmo está inscrito em signos, passíveis de leitura. Constitui uma lei animada pelo grande espírito do mundo da comunicação. Cada átomo, molécula ou fenômeno reserva em si uma linguagem, um código. Nossa inteligência capta esta linguagem e a interpreta, decodifica e significa.

Traduz-se todo o cosmo e a ação humana, inclusive o próprio homem, por um meio de comunicação. As lentes constituem-se como a "bola" ou "olho mágico". Vê-se o passado, o presente e o futuro. Tudo está capturado, classificado, nomeado, dogmatizado. Este sistema de comunicação introjeta-se em nossa subjetividade: congela-nos, doutrina e induz o olhar. Nada mais percebemos no mundo por nós mesmos. Sentimos e vivemos pelos signos. Nossos desejos, gostos, emoções estão tocados por alguma forma de comunicação. O que nos resta essencialmente de humano?[11]

---

[10] Notemos que esta suspeita "a incomunicabilidade humana" está presente, não explicitamente, na antiguidade grega. Heráclito, fragmento 19, Platão em sua obra *Fedro* e outros que retomaremos na segunda parte.

[11] Jean-Marc Férry, ao situar o debate filosófico contemporâneo relacionando pensadores como Frege, Dewey, Wittgenstein, Heidegger e ainda Rorty, Putman, Habermas, Apel, coloca como questão ontológica o fundamento da razão e da verdade. Ferry nota na filosofia moderna e

A partir dos pressupostos apresentados nas reflexões acima, suspeitamos da afirmação "tudo se comunica" ou os "homens se comunicam" dentro do sistema planetário de comunicação. Para sistematizar essa dúvida, observemos cinco teses que problematizam nossas afirmações.

---

contemporâneas figuras da subjetividade e da intersubjetividade (Descartes, Kant, Hegel etc.) onde se destacaram os problemas da consciência, reflexão e da linguagem, e, atualmente, o problema da comunicação.

> A filosofia não pode impunemente ignorar este trajeto. Ela não poderia, a não ser correndo o risco de provincializar-se, desinteressar-se pelo novo paradigma: o da razão comunicativa, no horizonte do qual as tradicionais questões da filosofia, da antinomia da verdade à fundação última da razão, se atualizam sob o signo de um pensamento que se quer "pós-metafísico". (*Filosofia da comunicação*, 2007, p.7)

Em sua filosofia da comunicação, Jean-Marc Ferry, identificando posturas filosóficas em Habermas, Apel e Wellmer, vê em A. Wellmer no trato a "antinomia da verdade" uma teoria da comunicação (idem, p. 21). Embora a comunicação pensada por Ferry crive-se na *razão* exclusivamente, diferentemente do conceito entendido por nós nesta pesquisa, salientamos sua originalidade filosófica.

> Quando comunicamos, expomos ou escrevemos alguma coisa, apresentamos inevitavelmente pretensões à verdade, ou pelo menos (...) pretensões à *validade* de diversas ordens. Ora, se eu o faço de maneira séria, tenho a expectativa de que o outro, quem quer que ele seja, tenha boas razões para estar de acordo como afirmei, sob a condição de que ele ou ela compreende o que eu disse e possua suficientes informações, competências, capacidades de julgamento etc. Neste caso, pressuponho eu minha pretensão à validade se preste perfeitamente para um entendimento intersubjetivo fundado sobre boas razões. Porém, se acontecer, entretanto, que alguém se oponha, apoiando-se em sólidos argumentos, aquilo que estou afirmando, só me resta então retirar minha pretensão à validade, ou pelo menos admitir que a dúvida é justificada... (A. Wellmer, "*Vérite, contingence et modernité*", in J. Poulain, *De la vérité. Pragmatisme, historicisme et relativisme*, Paris, Albin Michel, p. 177-178), (idem, p. 21-22).

Wellmer reconhece "comunidades" lingüísticas, científicas ou culturais no que se refere à possibilidade de justificar as pretensões ao verdadeiro. Margeia-se por um lado certo relativismo seja ele cultural ou lingüístico e por outro o absolutismo metafísico na definição de verdade. Ressaltamos, todavia, a preocupação da filosofia com a comunicação, donde uma filosofia da comunicação é inevitável.

6. Cinco teses problematizadoras da comunicação.

Ciro Marcondes Filho desenvolve teses, problematizando a comunicação. Pontuemos a partir de sua obra *Até que ponto de fato nos comunicamos*? (p. 84ss) estas cinco teses.

6.1
Tese 1

"Não nos comunicamos pela língua estruturada, porque ela mascara a comunicação."

Esta primeira tese parte da afirmação: "Na origem da civilização, não está a fala, mas os sentimentos" (p. 84). Esta foi a primeira forma de contato entre os humanos: sentir. No início não havia a linguagem, apenas as coisas. A linguagem surge como "subproduto, impessoal, neutro e desvinculante" (idem). A linguagem surge como lógica, racional e analítica, contrapondo o mundo pictórico, formas, cores, ritmos e sons.

Esta primeira forma de comunicação entre os homens é fonte inspiradora, de constante originalidade. Baseia-se em existência individual e interior. Toda forma de vivência interior será expressa e objetivada via linguagem.

> A linguagem nos leva a crer que nossas sensações são invariáveis, fixas; a palavra, que arquiva o que há de estável, de comum e, conseqüentemente, de impessoal nas impressões da humanidade, destrói ou, pelo menos, oculta as impressões delicadas e fugidias de nossa consciência individual. (idem)

Esta primeira tese conclui da linguagem:

> ...a linguagem vulgariza, gregariza, é um recurso para manter a vontade reativa (niilista) e a serenidade. É forma de apassivar, de amortecer. Contra a angústia do mundo e seu caos, contra as contradições desconcertantes, a linguagem aparece para reduzir tudo a categorias, a "a casos idênticos". (idem)

6.2
Tese 2

"Não existe comunicação porque somos 'sistemas fechados'.

Esta segunda tese é a mais contundente. Não nos comunicamos, somos sistemas fechados, por princípio ou natureza. Os sistemas são lubrificados para diminuir o grau de irritação entre si e conservar a auto-sobrevivência. O sistema sempre volta a si mesmo: "ela se adapta por dentro, segundo seus próprios meios" (p. 86). A saída encontrada para *performatizar* as trocas é a técnica. Retomaremos esta tese na segunda parte de nosso trabalho.

6.3
Tese 3

"As comunicações são antes extralingüísticas e promovidas pela interação humana."

Esta terceira tese desemboca no chamado solipsismo. "Campo de impenetrabilidade absoluta no outro" (p. 91) e também em cada um de si mesmo. Afirma-se o princípio que todo homem é só. Quando criança, o eu está diluído na constituição do todo (ambiente externo), sente-se uma única coisa com o todo. Não há separação (estado primário da tese 1). Paulatinamente, obrigado pelo crescimento, o eu interno separa-se do mundo objetivo. Nesta separação está a objetividade em relação ao mundo e também ao outro. Esta consciência de si a faz saber que está no mundo (p. 90). Nota-se um esquecimento do eu subjetivo (estado primeiro), em função da objetividade do mundo.

Somos seres do si mesmo (solipsismo) naturalmente, todavia o que nos faz comunicar? Não é a linguagem. Sim, a "carne do mundo" (p. 91). Partilhamos um mesmo ambiente, mesmo mundo. A comunicação ocorre por via da interação entre os homens. "Há algo comum, mas construído a partir de um fundo de subjetividade de cada um" (p. 92).

Permanece nesta tese 3 a afirmação crucial para a comunicação, retomaremos no próximo capítulo, "nossa interioridade permanece inatingível pelo outro" (p. 91). Por maior que seja o grau de interação dos homens, há um "espaço" onde não há como a comunicação penetrar. Não sabemos como o outro recebe nossas palavras, gestos, sentimentos, acontecimentos, imagens, sons, etc. Há uma negação radical da comunicação. Este "não há comunicação" é a dificuldade primeira.

6.4
Tese 4

"Na linguagem estruturada, a comunicação torna-se ritualizada, não diz nada, por isso buscamos outras formas, menos ineficazes. Por exemplo, no silêncio, no toque físico, nos ambientes."

Há uma angústia em cada homem. O seu eu de fato, si mesmo original, não é conhecido, falado. A linguagem ou outras formas de comunicação estruturadas, imagens, sons e outros signos não o expressam. Quando estes meios de comunicação entram em cena, apenas arranham, murmuram e ensaiam sobre o ser.

O ser busca outros canais para estar no mundo, manifestar-se; revelar-se. Abre-se a possibilidade para a comunicação. Entram em cena os olhos, a face, os gestos; manifesta-se o corpo.

A comunicação, assumida como possibilidade na tese 4, não resolve o problema da tese 2, cuja afirmação: "Não existe comunicação porque somos 'sistemas fechados'". E ainda a afirmação da tese 3: "nossa interioridade permanece inatingível pelo outro". Ambas, continuam sem resposta cabal.

6.5
Tese 5

"Há labirintos na comunicação, pelos quais a realização da comunicação é o poder de driblar a proibição de se comunicar imposta pela 'sociedade da comunicação.'".

Entende-se a “sociedade da comunicação” os grandes sistemas sociais: rádio, televisões, jornais, revistas, divulgação pública e comercial (sistema comunicacional planetário cf. 2.0). Paradoxalmente, estes sistemas afirmam a sociedade da comunicação, todavia eles não comunicam. “Há um solipsismo oficializado na cultura, um isolamento de cada um em seus próprios pensamentos, mesmo quando se está em presença de outros” (p. 98). Ninguém sabe o que de fato se passa com o outro: sua vivência, intenções, esperanças, dor etc. Nem seu próximo e nem os grandes sistemas de comunicação.

A comunicação, sustentada nesta tese 5, é o poder de driblar estes sistemas comunicacionais.

> São estes outros meios que, de fato, viabilizam a comunicação, pois, pelos meios convencionais, há, ao contrário, uma incomunicação, pois o formato neutraliza a vitalidade do fenômeno, o esvazia, torna-o um ato inócuo. O vivo na comunicação está fora dos modelos, está fora da “Comunicação”, está, como vimos, nos olhares... (p. 99).

Na segunda parte deste trabalho aprofundaremos a tese 2, onde se levanta a problemática da incomunicabilidade. Antes, porém, de entrar nesta problemática, apresentaremos em seguida uma seleção de duas obras que, em relação aos enfoques tratados nos itens 1- 4 acima, podem ser chamadas de obras referenciais que fundamentam a problemática desenvolvida.

Obra 1, referente aos itens 1 e 2.

Adolfo Bioy Casares. A invenção de Morel.

Adolfo Bioy Casares remete-nos a uma ilha, onde somos lançados à "dureza da madeira", calor do sol, às necessidades da vida, medo, solidão do eu. Nos oferece um cenário duro da existência. Digamos que nos coloca diante do primeiro Adão. "... o lugar é capaz de matar o ilhéu mais hábil; acabo de chegar; estou sem ferramentas" (p. 16). "Subi a escadaria. Havia o silêncio, o ruído solitário do mar, a imobilidade com fugas de centopéia" (p. 24). "Onde não há ecos, o silêncio é tão terrível quanto aquele peso que não nos deixa fugir, nos sonhos" (p. 25). "As marés diárias não são perigosas nem pontuais. Às vezes levantam os gravetos cobertos de folhas que armo para dormir, e amanheço num mar impregnado pelas águas barrentas dos pântanos" (p. 28). "Agora minha fortuna está em distinguir as raízes comestíveis. Cheguei a ordenar a vida tão bem que faço todos os trabalhos e ainda me resta algum tempo para descansar. Nessa amplitude me sinto livre, feliz" (p. 29).

Estranhamente, o ilhado é acordado por um gramofone, este é um elemento não natural. Inaugura-se a natureza do segundo "Adão", a máquina de fabular.

> HOJE, NESTA ILHA, ACONTECEU UM MILAGRE: O VERÃO SE adiantou. Trouxe a cama para perto da piscina e tomei banho até bem tarde. Era impossível dormir. Dois ou três minutos fora bastavam para converter em suor a água que devia me proteger da espantosa calmaria. De madrugada, um gramofone me despertou. (p. 13)

Casares insere neste cenário certa máquina inventada por Morel. Uma máquina que se utiliza de elementos naturais. Captura movimentos, odores e cores eternizando-os, gerando a repetição; eterno retorno. Conversas, cenas, movimentos que se repetem eternamente (p. 48-49). Concorrendo para que os mortos continuem entre os vivos (p. 65). Nota Casares que é uma necessidade esta repetição eterna, pois os homens não suportam a intensidade. Toda a realidade se afigura irreal, artificial, alterada.

A invenção de Morel é sem autorização. Captura as pessoas e todos participam deste jogo eternamente. "Eu havia decidido não lhes dizer nada. Não passariam por uma

inquietação bem natural. Eu teria usado a todos, até o último instante, sem rebeliões. Mas, como são amigos, têm o direito de saber" (p. 78). O abuso de Morel consiste em fotografar, filmar, congelar as pessoas para a eternidade. "Nós representamos. Todos os nossos atos ficam gravados" (p. 79).

A invenção de Morel suprime ausências: fala, audição e visão. Três sinais da vida.

> Mas se abrirem todo o conjunto de receptores, aparece Madeleine, completa, reproduzida, idêntica; não esqueçam que se trata de imagens extraídas dos espelhos, com os sons, a resistência ao tato, o sabor, os cheiros, a temperatura perfeitamente sincronizados. Nenhuma testemunha admitirá que são imagens. E se agora aparecessem as nossas, vocês mesmos não acreditariam em mim. (p. 84)

A *performance* do sistema é tão elaborada que custa admitir um sistema de reprodução da vida mecânico e artificial. Estes simulacros, nota o ilhado, carecem de autoconsciência (p. 85). Custa perceber que tudo é uma brincadeira. Tudo é aparência (p. 88-89). Tudo é repetição.

Essas técnicas são aparelhos de retenção (cinema, fotografia, gramofone) e alcance (radiotelefonia, televisão, telefone) que suplantam as ausências. Estas sensações e percepções fazem-nos sentir uma vida sempre nova. "É assombroso que a invenção tenha enganado o inventor" (p. 97). Estes aparelhos tendem a um aperfeiçoamento, ambiciona-se capturar ainda os pensamentos, íntimas emoções. Transformar tudo em alfabeto, tudo é compreendido em imagens, "a vida será, portanto, um depósito de morte" (p. 98). Nesta eternidade rotativa, as cópias sobrevivem incorruptíveis.

Adolfo Casares termina sua obra com uma proposição desafiadora, entrar na consciência de outrem. "Ao homem que, com base neste informe, invente uma máquina capaz de reunir as presenças desagregadas, farei uma súplica. Procure a Faustine e a mim, faça-me entrar no céu da consciência de Faustine" (p. 124).

Obra 2, referente aos itens 3 e 4.

Platão, A alegoria da caverna.

"Depois disso, compara a uma condição deste tipo nossa natureza em relação à nossa educação espiritual e à falta de educação. Imagina que estás vendo homens fechados em habitação subterrânea em forma de caverna, que tenha a entrada aberta por toda a mesma caverna; além disso, que estão ali desde crianças com as pernas e o pescoço em correntes, de modo que devam permanecer parados e olhar somente diante de si, incapazes de girar a cabeça ao redor por causa das correntes, e que, por trás deles e mais longe, arda uma luz de fogo; e, finalmente, que entre o fogo e os prisioneiros haja, no alto, um caminho, ao longo do qual imagina ver construída uma mureta, como aquela divisória que os jogadores põem entre si e os expectadores, sobre a qual mostram seus espetáculos de fantoches".

"Estou vendo", disse.

"Imagina, então, que vês, ao longo desta mureta, homens que levam instrumentos de todo tipo, que emergem acima do muro, e estátuas e outras figuras de seres vivos fabricados em pedra e em madeira e de todas os modos; além disso, como é natural, que alguns dos portadores falem e que outros estejam em silêncio."

"Falas de coisa bem estranha", disse, "e de prisioneiros bem estranhos".

"São semelhantes a nós", disse. "Com efeito, acreditas, em primeiro lugar, que vejam de si e dos outros outra coisa, a não ser as sombras que o fogo projeta sobre a parte da caverna diante deles?"

Os prisioneiros, "semelhantes a nós", ao relacionarem-se com as coisas que se tornaram códigos, cuja percepção é afetada (item 2.1.2 e 2.1.3), operacionalizam a subjetividade. Esta condição de sujeito operante e indivíduo funcional, pois cada vez mais dependente de novas tecnologias, condena-nos a sujeitos não autônomos.

"E como poderiam", disse, "se estão forçados a manter a cabeça imóvel por toda a vida?"

"E os objetos que levam? Acaso não verão, igualmente, apenas a sombra deles?"

"E como não?"

"Se, portanto, estiverem em grau de discorrer entre si, não acreditas que considerariam como realidade justamente aquelas coisas que vêem?"

"Necessariamente".

"E se o cárcere tivesse também um eco proveniente da parede da frente, toda vez que um dos passantes proferisse uma palavra, acreditas que eles considerariam que aquilo que profere palavras seja alguém diverso da sombra que passa?"

"Por Zeus, não", respondeu.

"Em cada caso, portanto", disse, "considerariam que o verdadeiro só poderia ser as sombras daquelas coisas artificiais".

“Forçosamente”, concordou.

“Considera agora”, prossegui, “qual poderia ser a libertação deles e a cura das correntes e da insensatez, e se não lhes acontecessem estas coisas: quando alguém fosse solto, e, logo, forçado a levantar-se e a voltar o pescoço e a caminhar e levantar o olhar para a luz, e, fazendo tudo isso, experimentasse dor e, por causa do ofuscamento, ficasse incapaz de reconhecer as coisas das quais antes via as sombras, o que acreditas que ele responderia, caso alguém lhe dissesse que antes via apenas sombras vãs, e que agora, ao contrário, estando mais perto da realidade e voltado para coisas que têm mais ser, vê mais corretamente, e, mostrando-lhe cada um dos objetos que passam, o forçasse a responder, fazendo-lhe a pergunta “o que é?”. Pois bem, não crês que ele se encontraria em dúvida, e que consideraria as coisas que antes via como mais verdadeiras que aquelas que agora se lhe apresentam?”

“Muito”, respondeu.

A condição deste homem (item 4) é ter a sua alma substituída pela animação, cuja expressão é individual. Neste sentido, o que foi construído pelo homem passa a construí-lo, educá-lo e consolá-lo.

“E se alguém, então, o forçasse a olhar a própria luz, não lhe doeriam os olhos, e não fugiria, voltando-se para trás, para aquelas coisas que pode olhar, e não consideraria estas coisas verdadeiramente mais claras que aquelas que lhe foram mostradas?”

“Isso mesmo”, respondeu.

“E se de lá”, continuei, “alguém o tirasse à força pela subida áspera e íngreme, e não o deixasse antes de tê-lo levado à luz do Sol, não sofreria talvez e não provocaria forte irritação por ser arrastado, e, depois que tivesse chegado à luz com os olhos cheios de ofuscamentos, não seria incapaz de vê se quer uma das coisas que agora são chamadas de verdadeiras?

“Sem dúvida”, disse, “ao menos de repente”.

“Deveria, ao contrário, creio, habituar-se, para conseguir ver as coisas que estão acima. E, antes, poderá ver mais facilmente as sombras, e, depois disso, as imagens dos homens e das outras coisas refletidas nas águas, e, por último, as próprias coisas. Depois dessas coisas, poderá ver mais facilmente as que estão no céu e o próprio céu de noite, olhando a luz dos astros e da lua, enquanto de dia o Sol e a luz do Sol”.

“Como não?”

“Por último, penso, poderia ver o sol, e não as suas imagens nas águas ou em um lugar estranho a ele, mas ele próprio em si, na sede que lhe é próprio, e considerá-lo assim como ele é”.

“Necessariamente”, respondeu.

“E, depois disso, poderia tirar sobre ele as conclusões, ou seja, que é justamente ele que produz as estações e os anos e que governa todas as coisas que estão na região visível, e que, de certo modo, é causa também de todas as coisas que ele e seus companheiros viam antes.”

“É evidente”, disse, “que, depois das precedentes, chegaria justamente a estas conclusões”.

“E então, quando se recordasse da moradia precedente, da sabedoria que ali acreditava ter e de seus companheiros de prisão, não acreditas que estaria feliz com a mudança, e que experimentaria compaixão por eles?”

“Certamente”.

“E se entre aqueles havia honras e encômios e prêmios para quem mostrasse a vista mais aguda em observar as coisas que passavam, e recordasse de forma mais ampla quais delas costumavam passar em primeiro ou último lugar ou juntas e, portanto, mostrasse acurada capacidade de adivinhar o que estava para chegar, acreditas que este poderia experimentar ainda desejo disso, ou que invejaria os que são honrados ou que têm poder sobre aqueles, ou que aconteceria, ao contrário, o que diz Homero, e que em muito preferiria ‘viver sobre a terra a serviço de outro homem sem riquezas’, e sofrer qualquer coisa, em vez de voltar a ter aquelas opiniões e viver daquele modo?”

“É assim”, disse, “eu acredito que ele sofreria qualquer coisa, em vez de viver daquele modo”.

“E reflete também sobre isto”, prossegui, “se este, de novo descendo na caverna, tornasse a sentar-se no lugar que tinha antes, ficaria com os olhos cheios de trevas, caso fosse de repente atingido pelo Sol?”

“Evidentemente”, respondeu.

O sujeito operacional, cujo existir é uma função, constitui uma sociedade de indivíduo. Podemos falar de comunicação nesta sociedade, onde a mesma implica necessariamente o outro?

“E se ele tivesse de, novamente, voltar a conhecer aquelas sombras, competindo com aqueles que permaneceram sempre prisioneiros, até quando permanecesse com a vista ofuscada e antes que seus olhos voltassem ao estado normal, e este tempo de adaptação não fosse de fato breve, não faria talvez rir, e não se diria dele que, por ter subido, desceu com os olhos avariados, e que não vale a pena procurar subir? E quem tentasse soltá-los e levá-los para cima, caso pudessem agarrá-lo com suas mãos, não o matariam?”

“Certamente”, disse.

II PARTE

EU E O OUTRO

Onde está teu irmão Abel? (Gn 4,9)

1. Categoria particular de análise eu e o outro

1.1 Na primeira parte deste trabalho nós localizamos a problemática da comunicação, trazendo à tona a complexidade do tema. Utilizamos uma categoria de análise universal, para através dela vermos a comunicação (cf. 1.3). Entendemos que hoje a comunicação constitui um sistema planetário de comunicação (cf. 2.0), constitui uma cultura (cf. 3.3), imbrica-se às tecnologias (cf. 3.2.1), afeta o indivíduo (cf. 1.1) e a sociedade (1.1.1 seguintes) e constitui-se como problema (cf. 5).

1.2 A suspeita que se mantinha como pano de fundo epistemológico nesta primeira parte, expressa na obra de Adolfo Bioy Casares (referente aos itens 1 e 2), ainda na alegoria da caverna de Platão (referente aos itens 3 e 4) é expressa na segunda tese (cf. 6.2), onde é contundente a seguinte afirmação: "não existe comunicação". Afirmação esta que será problematizada nesta segunda parte.

Para nós, o sistema planetário de comunicação esconde e camufla esta afirmação: não existe comunicação. Utiliza-se de meios tecnológicos, lingüísticos, imagéticos e outros cada vez mais refinados para dar vida a alguma coisa que, na realidade, não é possível: comunicar-se. Todavia, este não é um problema somente do sistema comunicacional planetário mas sim do homem.

1.3 Decorrente da afirmação acima, "não existe comunicação", nesta segunda parte perscrutaremos outra questão decorrente da primeira: caso não haja a comunicação no sistema comunicacional planetário, somos levados à conclusão em última instância de que o homem não se comunica. É baseado nesta conclusão, porém, que se abre a categoria particular de análise eu e o outro (cf. 1.3). O problema primeiro da comunicação está alocado na relação eu e o outro. Eu posso me comunicar? O outro pode se comunicar? Podemos ouvir um ao outro?

2. A incomunicabilidade humana

2.1 Friedrich Nietzsche, no prólogo a *Ecce Homo*: como alguém se torna o que é, narra de si coisas estranhas.

> Prevendo que dentro em pouco devo dirigir-me à humanidade com a mais séria exigência que jamais lhe foi colocada, parece-me indispensável dizer *quem sou*. Na verdade já se deveria sabê-lo, pois não deixei de "dar testemunho" de mim. Mas a desproporção entre a grandeza de minha tarefa e a *pequenez* de meus contemporâneos manifestou-se no fato de que não me *ouviram [*grifo nosso*]*, sequer me *viram*. (2007, p. 17)

2.1.1 A percepção de Nietzsche aponta para o fato de não ter sido *ouvido* nem *visto*; não ser compreendido. Apesar das facilidades tecnológicas em reproduzir os escritos de Nietzsche para as mais diversas línguas, este não é "ouvido" nem "visto". Nietzsche tomou contato com algo incorpóreo, um "ar das alturas, um ar forte" (idem, p.18). Uma experiência comunicativa. "É preciso ouvir corretamente o som que sai desta boca" (idem, p. 19).

2.1.2 O "incorpóreo"[12] remete-nos ao estoicismo, principalmente à lógica e à física. Jean Brun, em *O Estoicismo*, afirma que ambos, aristotelismo e estoicismo, são empirismos (p. 35). Porém, estes dois empirismos sustentam visões de mundo totalmente diferentes uma da outra (idem). O Aristotelismo possui visão de mundo mais estática e hierarquizada.

---

[12] A palavra é a expressão desta lógica, analisa Ciro Marcondes: "Os estudos da linguagem começam, para os estóicos, com a *palavra*. Mas a palavra, para essa filosofia, não é algo imaterial, mas um corpo, pois age – ela vai daquele que fala àquele que escuta – e tudo o que age é corpo. Na teoria dos signos (*semeion*), eles desdobram esse conceito, dizendo que três coisas estão aí associadas: o que é significado, aquilo que significa e o objeto. Ou a idéia ou sensação obtida ao se ouvir essa palavra, o termo usado e a própria coisa. Esses dois últimos são corpos; quando ao primeiro, aquilo que é significado, é incorpóreo, pode ser verdadeiro ou falso". Ciro Marcondes. *O escavador de silêncios*, p. 37.

> ...estática no sentido em que o movimento é apenas a tradução de incompletude, na medida em que ele não é mais do que a passagem da potência ao acto; hierarquizada, no sentido em que cada indivíduo é definido por um conjunto de atributos e em que "não há mudança de um gênero para outro", em virtude do princípio da identidade..." (p. 35)

Para os estóicos:

> ...o mundo é um ser vivo como Deus, com o qual se confunde; tensão e simpatia presidem à sua estrutura e, para o homem, viver é viver em harmonia com a vida universal. Por isso o empirismo estóico não é um empirismo de mensagem qualitativa, como em Aristóteles, mas um empirismo da compenetração do homem e do mundo: sentir é ter os sentidos e a alma modificados pelo que é exterior... (p. 36)

O que percebemos, quando Nietzsche entra em contato com um "ar puro", é uma profunda mudança em sua lógica de percepção e compreensão do mundo. Nietzsche incorpora a dialética das relações.

Com efeito, a proposição estóica não é, de modo algum, semelhante à proposição aristotélica; esta atribui predicados a um sujeito: *o cavalo é um animal*; aquela enuncia acontecimentos: *está claro,* ou *esta mulher deu à luz*. É por isso que, enquanto o raciocínio aristotélico versa sobre o encadeamento de conceitos bem conhecidos como: *Sócrates é um homem, ora todos os homens são mortais, logo Sócrates é mortal*, o raciocínio estóico versa sobre as implicações de relações temporais *se esta mulher tem leite é porque deu à luz* (p. 37).

2.2 Os signos, as linguagens e as técnicas pairam sobre a superfície do fenômeno comunicacional. Estes surgem em contra-tese à incomunicação. Onde não há comunicação, surgem as técnicas e os signos para dar vida às coisas inanimadas. Eugen Fink descreve esta problemática de maneira muito clara no seu comentário à noção da "revelação", usada por Nietzsche na sua obra *Assim falou Zaratustra*: "O signo, porém, não é mais facilmente compreensível do que a noção, mas ele carrega a aparência de ser mais facilmente compreensível. Exatamente com isso, porém, engana".[13] – É confiando neste engano, que a

[13] Eugen Fink, *Nietzesch Philosophie,* Stutthart-Berlin-Köln-Mainz, ed. Kohlhammer, 1979, p. 64. (Tradução de Daniela Christiane Blank).

indústria da comunicação constrói o seu mito de um mundo de comunicação. Ele está sendo expresso magistralmente por Pascal Mercier, no seu romance *Trem noturno para Lisboa*.

> Lendo jornais, ouvindo rádio ou escutando no Café aquilo que as pessoas dizem, sinto cada vez mais tédio, até nojo por causa das palavras sempre iguais que se pronunciam e escrevem – por causa das expressões, retóricas e metáforas que sempre se repetem. O pior, porém, acontece quando estou escutando a mim mesmo, e ali constato que eu também repito coisas eternamente iguais. Estas palavras estão terrivelmente gastas. Desgastadas por terem sido usadas milhões de vezes. Será que ainda têm algum significado? Mas, é claro, a troca de palavras funciona, as pessoas agem conforme elas, riem, choram, se dirigem para a esquerda ou para a direita... A grande questão é: são ainda expressões de idéias? Ou são só construtos efetivos de signos auditivos, os quais fazem as pessoas andar em para cá e para lá, porque os vestígios gravados da tagarelice aparecem incessantemente?" (Pascal Mercier, *Nachtzug nach Lissabon*, Munique, ed. Btb, 2006, p. 38-39) Obs. Texto do original traduzido por Daniela Christiane Blank.

Para nós, a comunicação não está ligada a estas manifestações. Nietzsche trata a leitura (livro / meio de comunicação) como distração, algo que o tira de sua seriedade. Em período de profundidade não lê livros, não ouve pensamentos alheios, não permite a fala de outrem perto de si, esquiva-se de toda distração externa (idem, p. 40). Nietsche mergulha em si, pois não quer perder a capacidade de *pensar* e *ver* por si (idem, p. 47).

2.2.1 O ato de pensar e ver por si mesmo reflete a atitude do homem grego antigo diante do mundo. Valor para Sócrates, Platão, Heráclito, assumido por Nietzsche como exigência para ser homem. A comunicação propõe-se a pensar e ver o mundo por si mesma, configurando uma postura diante do mundo. Pensar e ver é ato epistemológico e interpretativo, dá sentido às coisas. Concentra-se aqui o esforço dos filósofos antigos a educar os gregos para que pensem e vejam por suas cabeças.

2.2.2 A comunicação é algo incorpóreo, mover-se, sopro, vento, experiência do espírito, cuja fonte é o si mesmo. Nenhum homem fala a outro homem, nenhuma coisa fala a outra coisa ou ao homem. Enquanto multiplicam-se e aperfeiçoam-se as interfaces nos jornais, televisão, revistas, imagens e sons impregnados no grande sistema comunicacional planetário, um outro evento se dá no silêncio e na quietude. Nietzsche mais uma vez nos fala de coisas estranhas, do silêncio e da solidão.

> Como sempre foi meu hábito – uma extrema lisura comigo mesmo é o pressuposto de minha existência, eu pereço em condições impuras –, eu me banho, nado e patinho como que continuamente em água, em algum elemento perfeitamente cristalino e cintilante. Isso me torna o comércio com os homens uma prova de paciência nada pequena; minha humanidade *não* consiste em sentir com o homem como ele é, mas em *suportar* que o sinta... Minha humanidade é contínua superação de mim mesmo. – Mas tenho necessidade de *solidão*, quer dizer, recuperação, retorno a mim, respiração de ar livre, leve, alegre... (Friedrich Nietzsche, *Ecce Homo*, 2007, p. 33)

2.3 Dentro da mesma perspectiva, também Heráclito, em seu fragmento dezenove, fala de homens que "não sabem falar", não dizem nada, mesmo que possuam da natureza capacidade para isto e ainda que saibam línguas, porém não dizem nada. Estes homens não dizem nada, pois não escutam nada, embora também sejam dotados dos aparelhos auditivos pela natureza, não ouvem. Há estreita relação entre o ouvir e o falar.[14] Quem não ouve, não fala. Quem fala, ouviu: "homens que não sabem nem escutar nem falar" (Bornheim, G. *Os filósofos pré-socráticos*. frag. 19, p. 37, 2005).

2.3.1 O ouvir em Heráclito é primordial, pois este nos conecta às realidades do "fogo".

> Este Logos, os homens, antes ou depois de o haverem ouvido, jamais o compreendem. Ainda que tudo aconteça conforme este Logos, parece não terem experiência experimentando-se em tais palavras e obras, como eu as exponho, distinguindo e explicando a natureza de cada coisa. Os outros homens ignoram o que fazem em estado de vigília, assim como esquecem o que fazem durante o sono. (Bornheim, G. *Os filósofos pré-socráticos*, frag.1, p. 36, 2005).

2.3.2 A comunicação é um devir e não um "É". Os meios de comunicação do sistema planetário procuram fixar, perpetuar o devir das coisas, dos fatos, da experiência. Quando isto ocorre, as coisas tornam-se significadas, marcadas por algum estigma das

[14] Aplica-se aqui a reflexão desenvolvida no item 2.2.1, quanto ao pensar e o ver. Porém, o ato de ouvir e falar inaugura uma outra lógica e epistemologia, mais próxima à tradição semita, ao contrário se cultivará na tradição filosófica grega o pensar e o ver. Heráclito diferencia-se, é um dos poucos filósofos antigos cultivadores da episteme "ouvir".

técnicas comunicacionais. A coisa que está "aí" em seu fenômeno é sempre interpretada e significada pelas técnicas comunicacionais, distanciando-nos do fenômeno; a coisa em si.

(I) A partir dos elementos apresentados acima, o nosso esforço nesta segunda parte é assumir outros olhares sobre a comunicação. Necessariamente não queremos respostas ou resolver os problemas da comunicação. Desejamos sim, formular perguntas aproximando-nos do fenômeno comunicacional. É através desta aproximação que tentaremos desvelar elementos da incomunicabilidade humana.

3. Ruptura primeira

3.1 A tradição semita coloca uma questão fundamental, não percebida pela cultura grega, que é a cisão ou separação entre os homens. Esta separação fundamental é dada em dois níveis. Primeiro, a separação do homem com a divindade. Segundo, a separação do homem com o próprio homem. Para nós interessa a segunda cisão.

3.2 A tradição semita narra a história de Caim e Abel, uma reflexão arquetípica das relações entre os homens. Observemos o texto (passamos a utilizar aqui o texto da Bíblia de Jerusalém, Gn 4,1-16).

> "O homem conheceu Eva [*o primitivo, no princípio de tudo]*, sua mulher; ela concebeu e deu à luz Caim, e disse: "Adquiri um homem com a ajuda de Iahweh". Depois ela deu também à luz Abel, irmão de Caim.

3.3 O texto rememora a idéia da proximidade do homem e das suas relações fraternais. Expressa a confiança total no outro homem, o olhar que não trai, a fala verdadeira, o sentir não cindido. Este é o primeiro homem. É da relação íntima entre a mulher e um homem (diferentes em si) que a natureza propicia um terceiro (filho). Sobre todo este sistema relacional, porém, paira desde o início aquela ruptura comunicativa entre o homem e o transcendente (relacional vertical), narrada anteriormente em Gn 3,1-24. A ela se acrescenta em Gn 4, 1-16 também a ruptura da relação horizontal (com o outro).

> Abel tornou-se pastor de ovelhas *[atividade pouco lucrativa]* e Caim cultivava o solo *[atividade lucrativa]*. Passado o tempo, Caim apresentou produtos do solo em oferenda a

> Iahweh; Abel, por sua vez, também ofereceu as primícias e a gordura de seu rebanho. Ora, Iahweh agradou-se de Abel e de sua oferenda. Mas não se agradou de Caim e de sua oferenda, e Caim ficou muito irritado e com o *rosto*[15] abatido. Iahweh disse a Caim: "Por que estás irritado e com o rosto abatido? Se estivesse bem disposto, não levantarias a cabeça? Mas se não estás bem disposto, não jaz o pecado à porta, como animal acuado que te espreita; podes acaso dominá-lo?"[16]

3.4 Em cima da apresentação de elementos arquetípicos, nos quais podemos ver de certa maneira modelos chave de comportamento humano, a tradição semita em seguida é muito clara ao colocar o primeiro e grande problema comunicacional: a relação *eu outro*. Rigorosamente não entre aqueles que são estranhos e não se conhecem, mas entre aqueles que são irmãos (proximidade por natureza).

> Entretanto Caim disse a seu irmão Abel: "Saiamos"[17]. E, como estavam no campo, Caim se lançou sobre seu irmão Abel e o matou.

3.4.1 É no acontecimento da narração acima que encontramos o arquétipo da tragédia maior que constitui um primeiro problema à comunicação em si. Maior não é a razão de Caim e Abel materialmente produzirem riquezas diferentes entre si, real motivo do conflito. O que a narração da tradição semita nos mostra é que existe entre os homens, desde o princípio, o problema de uma separação que chega a ser a ruptura primária. Abel atende o pedido verbal de Caim: "saiamos" ou "saiamos fora". É pela linguagem que já se anuncia a ruptura com o ambiente, no qual a comunicação em geral acontece. Esta ruptura inicial se torna ruptura radical entre os dois, quando Caim se lança sobre Abel e o mata.

---

[15] Rosto na tradição semita da Torá é aquele que possui face. É o próximo, independente do grau de familiaridade.

[16] Aos exegetas esta é uma tradução aproximada de um texto corrompido (nota E): "Não é que, se ages bem, elevação, e se não ages bem, à tua porta o pecado (fem.) dormindo (masc.) e para ti sua (masc.) cobiça e tu o dominarás".

[17] A nota exegética F introduz: "'Dizer' introduz normalmente um discurso direto, que não se encontra no texto hebraico. As versões, provavelmente suprindo o que parecia faltar mais do que traduzindo duas palavras desaparecidas a seguir, lêem: 'saiamos fora'"

3.4.1.1 Abel, por princípio, atende à palavra de seu irmão Caim: “saiamos”. Notemos que se trata de uma linguagem, um signo, uma palavra dirigida ao seu irmão (Outro). A palavra convoca Abel a sair. Palavra esta que intrinsecamente revela o rosto do outro (Caim). Porque Abel atende o seu irmão? Há entre os dois uma relação fraterna. Nesta relação não há ruptura, encontra-se o face a face. Não é a palavra em última instância que convoca Abel e sim Caim (face). Nesta relação abre-se a possibilidade à comunicação (tema da III parte).

3.4.1.2 Caim, ao lançar-se sobre seu irmão, comete não somente a morte material de seu irmão Abel. O assassinato de seu irmão instaura a ruptura radical entre os homens, eliminando a possibilidade de comunicação; extermina a alteridade. A face do outro está morta! Com isso, se destruiu toda condição da possibilidade para a existência da comunicação. O ato de Caim revela, assim, a impossibilidade da comunicação entre os homens, verdadeira situação da comunicação. Embora se mantenha a palavra (signo), esta é vazia, pois não contém materialmente a face do outro.

3.4.2 Aqui, inaugura-se a ruptura primeira que impossibilita a comunicação entre os homens. A nota exegética C diz: “Um jogo de palavras aproxima o nome de Caim (*Qayn*) do verbo *qanah* ‘adquirir’. Caim apossa-se, domina totalmente o outro: Abel. Adquire para si a alteridade: Abel. Isto é a morte, e morte pode ser chamada de sinônimo de não-comunicação. Desta maneira, os dois irmãos personificam a incomunicação entre os homens.

3.5 Recai sobre Caim a *culpa*. “Iahweh disse a Caim: ‘Onde está teu irmão Abel?’ Ele respondeu: ‘Não sei. Acaso sou guarda de meu irmão?’”. O que se observa é um jogo de linguagem “incomunicação”, que busca explicar e justificar a ausência do outro (Abel). No entanto:

> Iahweh disse: “Que fizeste! Ouço o sangue de teu irmão, do solo, clamar por mim! Agora, és maldito e expulso do solo fértil que abriu a boca para receber de tua mão o sangue de teu irmão. Ainda que cultives o solo, ele não te dará mais seu produto: serás um fugitivo errante sobre a terra”. Então Caim disse a Iahweh: “Minha culpa é muito pesada para suportá-la. Vê! Hoje tu me banes do solo fértil, terei de ocultar-me longe de tua face e serei um errante fugitivo sobre a terra: mas o primeiro que me encontrar me matará!” Iahweh lhe respondeu: “Quem matar Caim será vingado sete vezes”. E Iahweh colocou um sinal sobre Caim, a fim

> de que não fosse morto por quem o encontrasse. Caim se retirou da presença de Iahweh e foi morar na terra de Nod, a leste de Éden.

3.5.1 Assim, a narração que havia começado com o afastamento entre o eu humano e a sua alteridade divina; que depois havia mostrado a eliminação do outro também no nível humano (horizontal), fecha-se novamente num movimento circular sobre a impossibilidade da relação comunicacional no nível vertical. A incomunicação inicial amplia-se e se repete.

3.6 A tradição hebraica passará a narrar subseqüentemente o desejo do homem em religar-se ao transcendente e ao outro (aliança). Podemos ver nesta aliança um desejo de comunicar-se. Ele é expresso nos textos da tradição semita pelas narrações sobre a construção de símbolos em comum que reúne os homens.

> Todo o mundo se servia de uma mesma língua e das mesmas palavras. Como os homens emigrassem para o Oriente, encontraram um vale na terra de Senaar e aí se estabeleceram. Disseram um ao outro: "Vinde! Façamos tijolos e cozamo-los ao fogo!" O tijolo lhes serviu de pedra e o betume de argamassa. Disseram: "Vinde! Construamos uma cidade e uma torre cujo ápice penetre os céus! Façamo-nos um nome e não sejamos dispersos sobre toda a terra. (Gn 11,1-4)

3.6.1 A construção de símbolos (linguagens, monumentos, sistema planetário de comunicação etc) propõem-se como elemento de re-ligamento entre os homens pois, como narra o texto com Caim e Abel, esta comunicação é radicalmente rompida com a morte da alteridade do outro. Esta morte constitui um estado de incomunicação total. Dentro da perspectiva antropológica semítica, porém, o ser humano é um ser comunitário. A ruptura da possibilidade de comunicação não fica restrita a um único indivíduo. A incomunicação se instaura por toda a comunidade humana. Na tradição semita este fato aparece de maneira magistral, na narração sobre a torre de Babel.

> Ora, Iahweh desceu para ver a cidade e a torre que os homens tinham construído. E Iahweh disse: "Eis que todos constituem um só povo e falam uma só língua. Isso é o começo de suas iniciativas! Agora, nenhum desígnio será irrealizável para eles. Vinde! Desçamos! Confundamos a sua linguagem para que não mais se entendam uns aos outros". Iahweh os dispersou daí por toda a face da terra, e eles cessaram de construir a cidade. Deu-se-lhe por

> isso o nome de Babel, pois foi aí que Iahweh confundiu a linguagem de todos os habitantes da terra e foi aí que ele os dispersou sobre toda a face da terra. (Gn 11,5-9)

3.6.2 O narrador coloca na boca de Iahweh "confundamos a linguagem dos homens" para que estes não se entendam. A partir de uma perspectiva contemporânea, podemos interpretar esta "confusão" como ineficiência dos símbolos, para novamente reunirem ou re-ligarem os homens. Pois a questão da comunicação entre os homens a ser discutida não é das linguagens e sim, a relação do face a face. Com a morte da alteridade, não há a face do outro, a relação torna-se corrompida: desconfiança, medo, roubo instauram-se na relação eu outro. A pergunta de Iahweh é crucial: "Onde está teu irmão Abel?" (Gn 4,9). Esta pergunta permanece sem resposta no texto semita, ficando sem resposta até hoje. O que, porém, se torna cada vez mais claro, são as conseqüências da eliminação do outro. Sem o outro, não pode haver comunicação. Mas, sem comunicação, com indivíduos que permanentemente ficam dentro da unilateralidade de seu eu, também não pode haver pessoa humana em plenitude. A questão pela via da afirmação positiva sobre a possibilidade da comunicação se torna, assim, questão sobre ser ou não ser da pessoa humana.

4. Solidão do Ser

4.1 Uma das hipóteses para a impossibilidade da comunicação é a separação do ser. Nem a fala, nem as expressões corporais ou ações inconscientes atingem a solidão do ser. Este permanece obscuro, misterioso, não revelado (I Parte, tese 3, item 6.3).

> Em primeiro lugar, é improvável que alguém compreenda o que o outro quer dizer, tendo em conta o isolamento e a individualização da sua consciência. O Sentido só se pode entender em função do contexto, o que a sua memória lhe faculta. (Niklas Luhmann, *A improbabilidade da comunicação*, p. 42)

4.2 A ruptura primitiva sugerida pela tradição semita coloca em questão o problema da alteridade, tema a ser aprofundado no terceiro capítulo. O ser isolado em sua consciência, ilhado em seus desejos, condicionado às suas percepções sempre remete-se a si

mesmo. De si mesmo ele referencia o outro. Caim, quando se lança sobre seu irmão para matá-lo, absolutiza a si mesmo. Porém, a conseqüência é ficar só no mundo. Elimina-se ou não se possibilita a dimensão do "entre"; compreendido por Martin Buber como categoria ontológica que torna "possível a aceitação e a confirmação ontológica dos dois polos envolvidos no evento da relação" (Martin Buber, *EU e TU*, São Paulo, ed. Centauro; s.d., p. XLVIII).

> O TU encontra-se comigo. Mas sou eu quem entra em relação imediata com ele. Tal é a relação, o ser escolhido e o escolher, ao mesmo tempo ação e paixão. ... A palavra-princípio EU-TU só pode ser proferida pelo ser na sua totalidade. A união e a fusão em um ser total não pode ser realizada por mim nem pode ser efetivada sem mim. O EU se realiza na relação com o TU; é tornando EU que digo TU. (Martin Buber, op.cit., p. 13)

Todo este processo de comunicação, descrito acima por Martin Buber, porém, é impossibilitado pela ruptura primeira.

4.3 É esta ruptura que produz o fechamento do homem em si mesmo. Este fechamento, por sua vez, move dois aspectos importantes para a compreensão da comunicação: o interesse e o conflito. O interesse manifesta a vontade do eu isolado. Um eu sem ouvido e olhos, pois não ouve nem vê o outro. Assim, em vez de se realizar aquele "encontro", descrito por Martin Buber (op. cit., p. 13) , origina-se o conflito na relação eu outro. O outro para mim se torna um meio ("EU-ISSO", Buber) para a realização de meus interesses, e quando isto não ocorre, surgem os conflitos.

4.3.1 Para Heráclito, o conflito é uma forma das coisas movimentarem-se no mundo, dada a incapacidade de ouvir e falar. "Tudo se faz por contraste; da luta dos contrários nasce a mais bela harmonia" (Gerd Bornheim, frag. 8, p. 36).

4.3.2 Cada ser ensimesmado quer defender seus interesses, promover suas vontades, satisfazer-se, daí as relações sociais necessitam ser lubrificadas e funcionais. Este movimento nos dá a falsa impressão que os homens em sociedade se comunicam, pois se estabelece uma harmonia entre as contradições.

4.4 O interesse que suscitou o conflito se acomoda de outra forma, dando o eu por satisfeito. Assim, as relações se alteram e nos dão de novo a impressão de que a comunicação ocorre. As tensões entre os homens, porém, e o mal-estar da comunicação é tão intenso que as situações evoluem não com os consensos e sim com os conflitos.

Conflitos são choques e cisões que fazem o homem retroceder em seu estado solipsista. Com isso, porém, novamente retornamos o nosso estado original de ilhados, mônadas fechadas. Podem-se alterar algumas percepções em mim, acumular informações com tantos meios planetários de comunicação, porém continuo sem ouvir e ver o outro, sem alteridade.

5. Ruptura primeira e o comprometimento do diálogo

5.1 A tradição semita possui como elemento restituidor da relação entre os homens e a divindade: a aliança (re-ligar). Porém, a palavra profética revela que esta não é suficiente.

> Que me importam os vossos inúmeros sacrifícios? – diz Iahweh. Estou farto de holocaustos de carneiros e da gordura de bezerros cevados; no sangue de touros, de cordeiros e de bodes não tenho prazer. (Isaías 1,11)

Caso seja aplicado ao texto acima o mesmo princípio hermenêutico como ao texto sobre Caim e Abel, apresentado mais acima, podemos dizer que também este texto, da mesma maneira que os muitos outros semelhantes na tradição religiosa semítica, expressa outra vez o fato da base relacional entre os homens ser comprometida.

5.2 Isaías coloca a questão de forma nevrálgica. Iahweh não suporta a falsidade e a solenidade, pois eles escondem a ausência do rosto na relação entre os homens e na constituição relacional da sociedade. É muito coerente, por causa disso, que a exigência primária, formulada no texto acima citado, não seja a restituição do primeiro culto à divindade e sim a relação entre os homens; o face a face.

> Vossas mãos estão cheias de sangue:[18] lavai-vos, purificai-vos! Tirai de minha vista vossas más ações! Cessai de praticar o mal, aprendei a fazer o bem! Buscai o direito, corrigi o opressor! Fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva! (Isaías 1,15-17).

5.3 Não há como estabelecer o diálogo, quando a alteridade está ausente. Toda e qualquer forma de diálogo torna-se hipócrita, vazia, um discurso. A crítica profética

[18] Nota b do texto: "Do sangue dos inocentes misturado com o das vítimas sacrificadas".

apresentada acima atinge o centro da questão. Ela não exige a fala, mas a ação em favor daqueles que são o totalmente outro: órfão, viúva, etc (alteridade radical).

5.3.1 A relação eu outro, nestas condições, corrompe a constituição da sociedade. Afirma Isaías:

> Como se transformou em prostituta, a cidade fiel? Sião, onde prevalecia o direito, onde habitava a justiça, mas, agora, povoada de assassinos. Tua prata transformou-se em escória, tua bebida foi misturada com água. Teus príncipes são rebeldes, companheiros de ladrões; todos são ávidos por subornos e correm atrás de presentes. Não fazem justiça ao órfão, a causa da viúva não os atinge. (Isaías 1,21-23)

5.4 Notemos que o parâmetro de Isaías para se fazer justiça é o órfão e a causa da viúva, tanto para o relacionamento pessoal como para se constituir a sociedade. Os integrantes destas duas categorias, até hoje, são os seres mais sem rosto desta sociedade. A ruptura do face a face é radical, constitui separação comunicacional entre os homens. A conseqüência é que não há como dialogar, pois está ausente a alteridade. Retomaremos esta problemática na terceira parte desta dissertação.

6. Alteridade

6.1 A alteridade, traduziu-se via cultura latina como *alter* ou o outro. Porém, a questão está além da definição gramatical. A tradição grega antiga refletida na obra de Homero na sua Odisséia, apresenta a figura do estrangeiro como este estranho *(xenos)*. Estranho porque não faz parte do repertório cognitivo daqueles que se sabem incluídos dentro da mesma cultura e que, conseqüentemente, não são "estrangeiros". Deste estrangeiro, o incluído na sua própria cultura não há nenhuma informação. Ele, conseqüentemente, não significa nada. Em uma palavra, é estranho.

6.1.1 No primeiro canto da Odisséia, Palas Atena, após consenso dos deuses, manifesta-se na figura de um estrangeiro. Sua missão é inflamar o coração de Telêmaco de coragem, pois deve enfrentar o mar em busca de informações sobre seu pai, Odisseu. O estrangeiro (*xenos*) porta a novidade e é protegido por Zeus. Por isso Atena é bem recebida no solar de Odisseu. A falta de respeito pelo *xenos* equivale à falta de respeito pelas regras

de hospitalidade. “ – Salve, estrangeiro; sê bem-vindo a esta casa. Quando tiveres provado o nosso jantar, dirás o de que precisas”. (Canto I, p. 11). Ao estrangeiro é preparado um lugar especial “...divã marchetado, a distância do grupo dos pretendentes...” (Canto I, p. 12). Telêmaco dirige-se a Atena para ouvi-la: “Telêmaco, no entanto, dirigiu-se a Atena de olhos verde-mar, aproximando a cabeça, para não o ouvirem os demais” (Canto I, p. 11).

6.2 Do encontro entre Atena e Telêmaco nasce algo novo. “Ali refletiu Telêmaco a noite toda, envolto em velos de ovelha, sobre a viagem de que lhe falara Atena” (Canto I, p. 18). O estrangeiro afeta a percepção, sentimentos, visão de Telêmaco. No canto II Telêmaco convoca uma assembléia, pois estava inflamado de coragem e das coisas diferentes que o estrangeiro lhe expôs.

6.2.1 Em Pilos (Canto III) Telêmaco torna-se estranho ou estrangeiro. Ele é *xenos*:

> Aproximaram-se dos agrupamentos dos homens de Pilos. Ali estava Nestor sentado em companhia dos filhos e, em torno, os amigos prepararam um festim assando carnes e enfiando nacos nos espetos. Apenas avistaram os visitantes, vieram todos reunidos estender-lhes as mãos e convidá-los a sentar. (Canto V, p. 29-30)

6.2.1.1 O estranho ou estrangeiro é acolhido, sem ser conhecido ou nomeado. Primeiramente convive-se junto: banqueteia-se, embriaga-se etc. Após, se pergunta: “Agora, depois que os visitantes se regalaram com as iguarias é ocasião mais polida para interrogá-los e saber quem são. Estranhos, quem sois?” (p. 30).

6.2.1.1.1 A mesma situação se repete no canto IV. Telêmaco e o filho de Nestor chegam a Lacedemônia:

> – Menelau, progênie de Zeus, estão aí uns estranhos; são dois homens que aparentam ser da raça do grande Zeus. Dize: devo desatrelar seus velozes cavalos ou mandá-los procurar outra casa que os hospede?
>
> Com profunda indignação, respondeu-lhe o louro Menelau:
>
> – Outrora, Eteoneu, filho de Boétoo, tu não eras tolo, mas andas agora dizendo parvoíces como uma criança. Em verdade, se nós dois chegamos aqui, foi por termos comido inúmeras vezes à mesa hospitaleira de outras pessoas, à espera de que Zeus pusesse termo um dia a nosso infortúnio. Vai, desatrela os cavalos e traze os estranhos aqui dentro, para se banquetearem. (p. 41-42)

6.2.2 Constatamos em todas as cenas relatadas acima o mesmo elemento constitutivo, a figura do estrangeiro é portadora de algo novo, portanto deve ser ouvida. Notemos, antes dos estrangeiros revelarem quem são, estes são acolhidos "Servi-vos de comida e estai à vontade; quando tiverdes terminado, perguntaremos quem sois" (p. 42).

6.3 A Odisséia, assim, afirma a importância dos valores inter-relacionais. Inicialmente, o outro para mim é *xenos* (estrangeiro, i. e: desconhecido) e o eu para o outro também é *xenos* (estrangeiro, i.e: desconhecido). Acolher o estrangeiro é abrir-se para a possibilidade da troca. Esta troca material contém em si o valor do simbólico. Nestes encontros sempre levamos e deixamos algo. Ela, ao mesmo tempo, "engloba uma oferta e um risco" (Martin Buber, op. cit., p. 11) A oferta é aquela do estabelecimento de uma possibilidade para a comunicação com um outro, aceitando a sua alteridade e deixando enriquecer-se mutuamente. O risco consiste na possibilidade de esta alteridade ser rejeitada ou eliminada. Quais são as conseqüências de uma tal situação e qual é a condição do estrangeiro? Estas questões serão aprofundadas na III parte, itens 11-14).

6.3.1 Elemento essencial deste encontro entre estrangeiros ou desconhecidos é a verdade. Nestor não omite a verdade, mas ao mesmo tempo segue o conselho de Telêmaco, que pede: "Não queiras, por consideração ou condoído, suavizar a verdade; conta-me francamente o que viram os teus olhos" (p. 31). A mesma situação ocorre no diálogo entre Telêmaco e Menelau (p. 48): a verdade não falta no diálogo. Assim, porém abre-se uma possibilidade de troca entre ambos.

6.4 Esta possibilidade, todavia, pode ser limitada e restringida ao nível de uma simples informação, frente à qual não mais é necessário ou nem mais é possível o diálogo. Um exemplo desta situação encontramos no canto V do texto de Homero. Nele, Hermes, no canto V, figura como o deus da mensagem ou da comunicação. "Hermes, tu, que tens sido sempre o nosso mensageiro, vai comunicar à ninfa de ricas tranças que decidimos de modo inflexível o regresso do intrépido Odisseu e assim ele volte..." (p. 60). Hermes porta uma mensagem, decidida entre os deuses conhecedores dos signos, onde tudo já esta pré-significado. A decisão já foi tomada e não há novidade alguma, apenas levar uma mensagem. Aplicando esta atitude à condição do sistema planetário de comunicação, podemos dizer que na atitude de Hermes, vêm à tona mecanismos intrínsecos dos meios de comunicação planetário de hoje.

> Assim falou Zeus e não deixou de obedecer-lhe o mensageiro Argeifontes; atou de contínuo em seus pés as lindas sandálias divinas de outro, que o transportam, tanto sobre a água como sobre a terra infinita, com a rapidez do vento. Apanhou a vara com que adormenta os olhos dos homens, ou os desperta do sono, como lhe apraz". (p. 61)

6.4.1 Hermes utiliza-se de técnicas para se comunicar, controla o momento de adormecer ou despertar os homens conforme lhe apraz. Não há a figura do estranho ou do estrangeiro, do infortúnio, do novo, do acaso. Este modelo de comunicação traz em si as conseqüências já preestabelecidas.

6.4.2 Mas, um tal modelo de comunicação não reflete a condição humana. Exige a onisciência e a onipresença, tais características pertencem aos deuses; mas são exatamente estas características que o sistema planetário internacional de comunicação assume. Nossa condição, bem afirmada pelos antigos é de "comedores de pão" (Canto IX, p. 103). Os homens não são monstros ou animais, refletido por Homero na figura, por exemplo, de Polifemo (Canto IX) filho de Posidão e também não são deuses como desejava Calipso (Canto V).

6.4.2.1 Homero pondera uma questão no canto X que não pode ser esquecida, sinaliza que a condição de ser do homem é de humano: "comedores de pão". Definir a nossa condição existencial é condição para o fenômeno da comunicação. Por principio não somos deuses nem animais, nos ensina Homero.

> Assim falou Polita e eles chamaram-na bradando. Ela não tardou a sair; abriu as luzidias portas e convidou-os. Todo o grupo, em sua ignorância, seguiu-a; Eurílocо, porém, ficou-se para trás, suspeitando algum logro. Ela os fez entrar e sentar em divãs e cadeiras; preparou-lhes uma papa de queijo, cevada e pálido mel, com vinho de Prammos; nessa comida misturou drogas daninhas, para tirar-lhes toda lembrança da terra pátria. Assim que lha serviu e eles a sorveram, bateu-lhes com a vara de condão e fechou-os em pocilgas. Tinham agora cabeça, voz, cerdas e corpo suínos, embora conservassem a inteligência como antes. Foram assim encurralados a chorar e Circe deitou-lhes glandes, bolotas e pilritos para comer, alimento habitual de porcos que chafurdam na lama. (Odisséia, Canto X, p. 118).

6.4.3 Os meios de comunicação planetários, porém, operam exatamente entre estes dois extremos, ora pensando o homem como deuses ora como animais. A conseqüência

disso é que se corre o risco de deixar de ser homem. Evidente característica deste processo é a ausência da memória, problema por sua vez apresentado por Homero:

> No décimo, abicamos à terra dos lotófagos que se nutrem de flores. Ali descemos em terra e provemo-nos de água; em seguida, meus companheiros tomaram sua refeição junto dos ligeiros barcos. Depois de nos alimentarmos de comida e bebida, despachei alguns companheiros a investigar que homens comiam pão naquela terra; escolhi dois homens e mandei com eles um terceiro, como arauto. Eles se adiantaram e se confundiram com a gente lotófaga. Os lotófagos não pensaram em matar nossos companheiros; deram-lhes a comer do loto e quem, dentre eles, comia o fruto de loto, doce como o mel, já não queria trazer notícias nem regressar, mas sim ficar ali com os lotófagos, sustentando-se de loto, sem pensar no regresso. Eu os trouxe à força para bordo, desfeitos em pranto; amarrei-os nos bojudos barcos, debaixo dos bancos. Aos outros leais companheiros mandei que embarcassem à pressa nos ligeiros barcos, para que nenhum, comendo loto, viesse a esquecer o regresso. (Canto IX, p. 102-103).

7- Alteridade e razão (a)

7.1 O canto IX da Odisséia constitui nuclearmente a revelação de Odisseu, seguidos pelo canto X, XI e XII. O canto VIII é concluído com a interrogação de Alcínoo, sobre quem é Odisseu? Cuja resposta é: “Sou Odisseu, filho de Laertes; o mundo inteiro me conhece, graças a minhas astúcias, e minha fama chega aos céus” (Canto IX, p. 101). Homero elabora o cenário para apresentar a gênese da razão ocidental. Não podemos nos esquecer que esta interrogação nasce em contrapartida à guerra de Tróia: “... quando eu voltava de Tróia” (Canto IX, p. 102). Após experiência demorada de uma guerra, nasce a pergunta: Quem é Odisseu? Indagação cujo significado arquetípico pode ser definido da seguinte forma: quem é a razão?

7.2 A razão define a condição do homem como “Ser racional”. Já sinalizada por Homero a natureza da razão não é animal (como desejava Circe) nem divina (como desejava Calipso). Ela é humana “dos comedores de pão”.

7.2.1 A primeira característica desta razão é a (a) astúcia. Assim a razão se autodenomina “... o mundo inteiro me conhece, graças a minhas astúcias...” (p. 101). A razão luta contra um mal terrível: o (b) esquecimento. O esquecimento é notado por

Homero como um princípio de irracionalidade ou a identidade da não-razão. Corpos humanos habitados por animais, como queria Circe.

7.2.1.1 (b) A razão que sofre de esquecimento se alimenta de flores.

> Os lotófagos não pensaram em matar nossos companheiros; deram-lhes a comer do loto e quem, dentre eles, comia o fruto de loto, doce como o mel, já não queria trazer notícias nem regressar, mas sim ficar ali com os lotófagos, sustentado-se de loto, sem pensar no regresso. (p. 103)

7.2.1.2 A razão precisa de "força", métodos, para não esquecer. Odisseu toma seus companheiros a força e os amarra nos barcos, ordena aos restantes que embarquem imediatamente. É preciso fugir do esquecimento. A razão, por natureza ardilosa, cria instrumentos para não se esquecer: o discurso, a linguagem e a própria estruturação racional de si.

7.3 A cultura latina traduzirá *Logos* por discurso, linguagem, razão (*verbo* quando os cristãos querem inculturar-se ao mundo grego). Todavia a razão representa uma dimensão do Logos que é a racionalidade, condição do "comedor de pão".

7.3.1 Homero revelará uma das maiores façanhas da razão quando Odisseu chega ao país dos Ciclopes. Lá Odisseu enfrenta um arquiinimigo, Polifemo. Polifemo é uma outra natureza, diferente da racional. Polifemo é a natureza do mito, é o diferente.

7.3.1.1 Polifemo vivia em uma caverna, "um antro" (p. 105), o juízo afirma ser este um "monstro enorme (idem). Ao entrar, Polifemo assegura a caverna com uma enorme pedra, movida somente pelo mesmo. Percebendo a presença de estranhos em sua caverna, questiona: "Estranhos, quem sois? de onde vindes sulcando o úmido caminho?" (p. 106). Resposta: "Nós somos aqueus; regressamos de Tróia..." (idem). Questiona Polifemo:

> Dize-me, porém, onde fundeaste o teu bem construído barco ao chegares, se na extremidade da ilha ou aqui perto, para eu ter certeza (idem).

É diante dessa indagação que Odisseu começa a meditar[19], isto quer dizer, ele começa a usar a razão. É nessa meditação que se revela o seu *status* de "comedor de pão", nem animal nem deus, mas humano, e como tal diante da capacidade de raciocinar.

[19] Este ato do homem em "meditar" configura o exercício da razão.

7.4 Medita consigo Odisseu:

> Assim falou para experimentar-me, mas não me enganou; eu sabia demais. Respondi-lhe, porém, com palavras astutas: "Posidão, que a terra estremece, despedaçou meu barco de encontro aos penedos na orla de vossa terra; ele o impeliu para perto do cabo e o vento o arrancou do mar; eu, porém, e mais estes escapamos ao fim abismal. (p. 106-107).

7.4.1 O discurso elaborado por Odisseu é fruto do artifício da razão. Há entre o fato (naufrágio do navio) (A) e o discurso elaborado por Odisseu (B') a não-equivalência. O fato (A) não equivale a sua representação (B) e passa a ser B'. Entre a coisa e sua representação há uma lacuna. É nesta lacuna que atua a artimanha da razão ao construir *signos*. Estes signos, porém, não representem o fato, mas a natureza de outra coisa: os meios de comunicação. Astuta, a razão confecciona, artificializa esta representação, utilizando-se de instrumentos, signos. A razão artificializa uma outra relação com a natureza, com o outro e consigo mesma (cf. I parte, item 2.1.2 'a não-coisa' para Flusser).

7.4.2 Odisseu passa a maquinar, utilizar razão, apoderar-se de seus instrumentos, em uma palavra, ele é racional.

> Então, eu me acerquei do Ciclope e disse-lhe, erguendo nas mãos uma copa de hera cheia de escuro vinho:

7.4.2.1 Notemos a plasticidade que Odisseu tece seu signo

> Toma, Ciclope; bebe vinho, após comeres carne humana, para saberes que bebida carregava nosso barco. Eu o trazia para fazer-te uma libação, se, compadecido, me enviasses para minha terra. Mas quem pode suportar a tua fúria? Desgraçado, como há de vir visitar-me doravante alguém da incontável Humanidade, se não te comportas como se deve?

7.4.2.2 O *método* é embebedar o Ciclope e este é conduzido racionalmente.

> Assim falei; ele tomou e bebeu. Gostou imensamente de sorver a suave bebida e pediu-me segunda vez: "Dá-me mais, de bom grado, e dize-me o teu nome em seguida, para eu te dar

> um presente de hospitalidade, que te alegre. A terra produtora de espelta fornece aos Ciclopes o vinho das grossas bagas que a chuva de Zeus faz crescer, mas este é Ambrósia e néctar destilados!" Assim falou ele; eu de novo lhe servi do rútilo vinho; três vezes o trouxe e dei; três vezes ele bebeu como um louco. Quando o vinho subiu aos miolos do Ciclope, eu lhe dirigi palavras gentis: "Ciclope, perguntaste o meu glorioso nome: eu vou dizer-te; dá-me, porém, o presente, como prometeste. Meu nome é Ninguém[20]. Chamam-me Ninguém minha mãe, meu pai e todos os meus companheiros.". Assim falei e ele replicou-me prontamente, sem piedade na alma: "Será Ninguém o último que comerei depois de seus camaradas; irão primeiro os outros; será esse o presente de hospitalidade. (p. 108)

7.5 Odisseu conhece a si mesmo, sabe de sua história, sabe quem é. Há intrinsecamente o princípio de identidade ("É" de cada coisa). Quando Polifemo pergunta por seu nome, Odisseu elabora um processo de comunicação. Tem consciência que se chama Odisseu, porém re-significa este fato. A Razão significa e re-significa os fenômenos, constrói representações, elabora uma segunda natureza para os fenômenos. E Odisseu se auto- significa como Ninguém.

7.5.1 "Ninguém" é uma representação re-significação do Ser Odisseu. Cria-se algo entre a natureza primeira da coisa e a coisa representada. Esta engenhosidade comunicativa completa um cenário tramado por Odisseu. Após embebedar o Ciclope, Odisseu e seus companheiros furam-lhe o único olho, cumprindo o plano maquinado pela razão. Segue a conclusão da comunicação:

> Daí bradou chamando os Ciclopes moradores das cavernas das cercanias na cumeada ventosa. Ouvindo os brados, eles despontaram, cada qual de um lugar; pararam em volta da gruta e perguntaram o que o molestava: "Que te afligia tanto, ó Polifemo, para bradares assim pela noite divina e nos tirares o sono? Estará algum mortal, mau grado teu, tangendo embora o teu rebanho? Ou alguém te está matando por dolo ou pela força?" Do fundo da caverna, respondeu-lhes o robusto Polifemo: "Ninguém, amigos, me está matando por dolo e não pela força". Eles, em resposta, pronunciaram aladas palavras: "Se ninguém te está maltratando e estás só, não há como fugires à moléstia enviada pelo grande Zeus; reza, pois, a sua alteza Posidão nosso pai". Com essas palavras, foram-se. Meu coração, cá dentro, se pôs a rir, porque o tinham logrado aquele nome e minha impecável solércia. (p. 109).

[20] Ninguém = *oudeis*. Há um trocadilho semântico entre *oudeis* e Odisseu.

7.6 Os acontecimentos não se deram de fato no nível da realidade primeira ou na representação que desta se faz (lógica, matemática, linguagens etc). Gera-se um outro princípio de realidade,[21] na lacuna, no vazio, no nada, entre estas duas realidades (material e simbólica). O ardil é concluído com o mais formal fazer racional, quando a envolvidos terceiros responde Polifemo: "Ninguém, amigos, me está matando por dolo e não pela força". Cuja resposta derivante da primeira proposição é a seguinte: "Se ninguém te está maltratando e estás só, não há como fugires à moléstia enviada pelo grande Zeus; reza, pois, a sua alteza Posidão nosso pai". O problema aloca-se na construção da terceira realidade "Ninguém", esta é interpretada por terceiros "ninguém".

7.7 A razão instrumentaliza a saída de Odisseu. Polifemo, move a grande laje da entrada da caverna e Odisseu com seus homens afivelados às ovelhas passam por entre os dedos de Polifemo. O acontecimento produzido pelo *principio midiático*[22] (B' – terceira natureza) interfere no primeiro plano da realidade (matéria) e no segundo plano da realidade (símbolo), cujo efeito é sair da caverna.

8. Princípio racional da comunicação

8.1. O princípio de racionalidade que rege a comunicação do eu e do outro é o de dominação. A razão busca a partir de si identificar o outro. Cria linguagens que possam torná-lo conhecido. A gênese desta razão é a violência, pois abarca o outro a partir de si e todo signo criado desta relação é altamente arbitrário. Odisseu separa o nome e o objeto nomeado, sua razão apropria-se dessa distância ontológica entre palavra e coisa, autodenominando-se como Ninguém. Odisseu identifica-se com o não existente. Figura-se uma inteligência ardilosa, cheia de recursos, criativa. Uma inteligência que se utiliza de imagens, sons, palavras cuja verdade é plastificável.

---

[21] Este outro princípio de realidade será amplamente explorado pelos meios de comunicação contemporâneos. Desvincula-se da primeira natureza (matéria) e da segunda o símbolo. Afasta-se do fenômeno em si, porém esta criação espectral é dotada de sentido e provoca um novo acontecimento.

[22] Ver a relação entre os textos Canto IX de Homero e Platão, a *República*.

8.2 A relação estabelecida eu e o outro, parte de um princípio racional cuja característica desta relação é a dominação. Dominar com um único objetivo: constituir o poder sobre o outro. A história desta relação eu e o outro inscreve-se sobre a utilização da *techné* (técnica, trabalho) e do *logos* (palavra, linguagem, razão).

8.2.1 Ao relacionar-me com o outro, o eu apropria-se de técnicas e da razão cuja referência é o Si mesmo do sujeito. Não há como estabelecer comunicação! O que a razão propõe é sua autonomia cuja gênese é violenta e culmina na dominação. O outro é diluído em mim (eu) a partir das minhas categorias de conhecimento e sensibilidade.

8.3 Não há comunicação. O que há, é a luta dos contrários, pois cada ser ensimesmado, busca auto-referenciar-se. A comunicação como vista no sistema planetário ou na relação eu e o outro se torna uma relação entre surdos. A razão fundante da comunicação busca a identidade das coisas para torná-las conhecidas. Funda uma ontologia para cada ser com desejo de se absolutizar. Porém, não constitui a alteridade ou a diferença.

9. Alteridade e razão (b)

9.1 A alteridade não é termo comum ao pensamento ocidental. Parmênides de Eléia em seu primeiro fragmento (prólogo) é conduzido à presença da deusa que lhe promete a revelação da verdade.

> Pois deves saber tudo, tanto o coração inabalável da verdade bem redonda como as opiniões dos mortais, em que não há certeza. Contudo, também isto aprenderás: como a diversidade das aparências deve revelar uma presença que merece ser recebida, penetrando tudo totalmente. (Gerd Bornheim, *Os filósofos pré-socráticos*, p. 54)

9.2 Opõem-se o (a) "coração inabalável da verdade bem redonda" (b) "com as opiniões dos mortais" tratando-se da certeza da verdade, principal preocupação de Parmênides. Em seu segundo fragmento, Parmênides aponta dois únicos caminhos de investigação concebíveis para a certeza da verdade:

> O primeiro (diz) que (o ser) é e que o não-ser não é; este é o caminho da convicção, pois conduz à verdade. O segundo, que não é, é, e que o não-ser é necessário; esta via, digo-te, é

> imperscrutável; pois não podes conhecer aquilo que não é – isto é impossível - , nem expressá-lo em palavra. (idem, p. 55)

9.2.1 A segunda via deve ser abandonada, pois dela nada se pode saber; é o não-ser. Em seu fragmento 6 e 7, Parmênides dá as razões de abandonar a via epistemológica do não-ser. A primeira razão é de natureza ontológica: "só o ser é" (fragmento 6), ao contrário o "nada, nada é" (idem). A razão ontológica conclui uma epistemologia, onde se formam "cabeças duplas"; os mortais que nada sabem, espírito errante, são surdos e cegos, mentes obtusas, massas indecisas (idem). Parmênides aponta o problema maior destes seres: "para o qual o ser e o não-ser é considerado o mesmo e não o mesmo" (idem). Funda-se um problema epistemológico-ontológico que é a contradição. No fragmento 7, Parmênides afirma outra conseqüência deste problema "a múltipla experiência do hábito" (idem). O múltiplo condiciona os seres com olho, porém sem visão e o ensurdecer pelo ouvido ou pela língua (idem). A única faculdade capaz de decidir em meio às controvérsias é a razão.

9.3 Parmênides define um único caminho para a razão na busca pela verdade certa: "o ser é" (fragmento 8).

> Neste caminho há grande número de indícios: não sendo gerado, é também imperecível; possui, com efeito, uma estrutura inteira, inabalável e sem meta; jamais foi nem será, pois é, no instante presente, todo inteiro, uno, contínuo. Que geração se lhe poderia encontrar? Como, de onde cresceria? Não te permitirei dizer nem pensar que o não-ser é. Se viesse do nada, qual necessidade teria provocado seu surgimento mais cedo ou mais tarde? Assim, pois, é necessário ser absolutamente ou não ser. (fragmento 8)

9.3.1 Esta via a razão percorre com segurança, pois atingirá a verdade com certeza. A afirmação do "É" para o "Ser", implica essência deste. Essência é o princípio daquilo que nunca se altera no ser, torna-o sempre o mesmo, o princípio de identidade da razão (Canto IX) (item 7): imperecível, gerador de si mesmo, inabalável, uno, contínuo, é.

9.3.2 "É", esta é a ambição humana por conhecer a natureza última de todas as coisas (conclui-se na metafísica - Ente). Estar no mundo exige controle racional e técnico sobre a natureza e sobre o outro homem. "Ser é", implica desejo de dominar pelo conhecido e nomeado. A gênese propulsora desta forma de ser é a violência, sua vontade é absolutizar-se. Constituir o poder.

9.3.2.1 Criar uma identidade cultural, técnica, lingüística para o “Ser é” implica fazer opções, distinguir, separar. Esta é a lógica da identidade. Ela não comporta o múltiplo e contraditório (não-ser). O não-ser nada é.

9.4 Encontramos aqui de maneira explícita a característica dos atuais aparelhos midiáticos. Comunicar implica o princípio de identidade, que conduz à verdade certa. A relação que os meios estabelecem com seus receptores, nada mais é que a maximização desta lógica.

9.4.1 Diante dos meios de comunicação, figura-se um ser cuja característica do pensar é a mesma. Uma imagem midiática pretende abarcar a realidade constituinte do fenômeno. O ser que a capta, sente, percebe, faz o seu pensar partindo desta. Assim, porém, pensa o mundo não a partir dele mesmo, mas sempre mediado, sempre a partir de um signo masterizado, decorre deste, o mundo metafísico do fixo.

9.4.2 A mídia configura-se como o pastor do homem. Notemos que este pastoril não é mais massificado. Cultiva-se a liberdade de escolha e consumo na alma dos seres. Há o princípio de autonomia. Este jogo constitui-se de forma refinada. Na realidade, é a re-afirmação de Calipso para que o homem assuma uma outra natureza.

9.5 O novo Eu midiático encontra outra analogia ainda na ontologia de Parmênides. Esta assume sua forma nuclear quanto à afirmação do fragmento três: “Pois pensar e ser é o mesmo”. Em cima desta afirmação, o ser funda um horizonte que é pensar o mundo e eu penso o mundo a partir de meu ser. Cada ser passa a ter uma essência nuclear identificadora chamada eu nos seres humanos, e cada outro ser também passará ter este núcleo essencial com um nome. “O ser é” possibilita assim a afirmação categórica Eu sou, Eu existo, Eu penso, Eu domino. Tudo o que está externo a mim é o não-ser, o não identificado. Este, porém, é exatamente a afirmação do novo Eu midiático, cuja condição é ser com os meios.

9.5.1 Não há dúvidas que a inseparável interconexão entre pensar e ser conduz a uma totalidade. Esta totalidade ontológica funda como eu me posto, comunico no mundo. O ser é constitui o horizonte que parte de minha sensibilidade, emoções, pensamento. Busco relação com aquilo que me é familiar, aquilo que posso identificar. Em meu horizonte ontológico busco o “é” de outros seres.

9.6 Nesta busca, a razão atua nomeando tudo o que está ao seu redor, “o ser é”, “o não-ser não é”. Busca identificar todos os fenômenos históricos, sociais e subjetivos.

Demonstra clareza, transparência e objetividade, pois "o ser é"; e só aquilo que é, existe, pode ser apresentado, percebido, definido e denominado, sem dúvida e sem a possibilidade de ser questionado. Estabelecendo a relação com a mídia, encontramos nela as mesmas características. Ela não convive com o múltiplo e o contraditório. Os meios de comunicação tendem à totalidade, determinando o sentido das coisas. Sendo integrado no sistema mediático, não sabemos mais do mundo com os nossos próprios olhos. Eles foram substituídos pelos olhos da mídia, de tal maneira que podemos dizer que a mídia é esta grande razão absoluta, a partir da qual o mundo se faz e acontece.

9.6.1 A razão passa a identificar a essência do ser, partindo daquilo que não se altera, daquilo que é. Homero notou este princípio da natureza da razão. No Canto IX, Odisseu não reconhece em Polifemo o ser. Sua razão não identifica Polifemo, este é o não-ser. A comunicação vê-se fadada ao fracasso, pois não constitui a alteridade.

10. A comunicação e o princípio da razão identificadora

10.1 Pouquíssimos filósofos trataram sobre a alma. Esta será uma temática absorvida pelas mais diversas correntes religiosas, filosóficas e psicológicas. Não há espaço nem necessidade neste trabalho, entrar nos múltiplos significados, a partir dos quais, o termo foi usado. O que queremos, no entanto, é mostrar como a perspectiva, a partir da qual Platão compreende a alma, a sua imortalidade, a sua natureza e o seu destino, abre mais um caminho para compreender melhor o fenômeno da comunicação no sistema planetário.

> – Como se fôssemos uns medrosos, Sócrates? Seja; trata de nos dar ânimo! Admitamos antes que não sejamos nós os medrosos: mas que, dentro de nós, haja não sei que criança a quem esta espécie de cousas cause medo. Que essa criança, dissuadida por ti, não tenha da morte o mesmo medo que de um papão!
>
> – Mas, então, o que é preciso, disse Sócrates, é um encantamento todos os dias, até que ela fique livre de seus temores.
>
> – Onde iríamos arranjar, Sócrates, contra esta espécie de temores, um bom encantador, disse ele, pois que estás para nos abandonar? (Platão, *Fédon*, p. 57-58)

10.2 Este encantador de nossa alma, diariamente, possui por tarefa, convencer-nos de que o medo da morte não se justifica. Sócrates recomenda a Cebes que procure na

Grécia, nas nações bárbaras, entre todos os homens, pois este empreendimento é valioso. Surpreendentemente Sócrates recomenda a Cebes que cuide de si mesmo, seja o zelador de sua alma. “Mas submetei-vos também vós a uma mútua procura; pois talvez tereis dificuldades em descobrir gente mais capaz que vós para desincumbir-se desse mister!” (idem).

10.2.1 Os meios de comunicação possuem uma força propulsora própria de sua natureza que sempre deve dizer algo, o signo deve estar ali, porque só o “ser é”, isso quer dizer, se torna um “ente”. Não encontramos um jornal que não tenha nada escrito, uma revista em folhas brancas, um programa de rádio onde não se diga nada, uma televisão que não contenha nem imagem nem som, internet vazia. “O ser é” para a comunicação; é inconcebível para ela o ser em movimento.

10.2.2 “O ser é” da comunicação busca o pensar, “pois pensar e ser é o mesmo” (Parmênides, frag. 3). A razão identificadora, cuja gênese é o domínio, significa o mundo a partir de si mesmo. Os engendramentos comunicacionais, inseparáveis das tecnologias, constituem a terceira natureza do homem e da cultura (cf. item 7.6, 7.7).

10.3 Este empreendimento busca em última instância almas para habitar. Os meios de comunicação não possuem vida própria, não há vida nos signos, sua existência é limitada, ínfima. O corpo (material) comunicacional não possui um Ser próprio, pois a vida lhe é negada, ausente. Este habitar possui como princípio a dominação, o infectar da alma.

10.4 Já no texto de Platão, Sócrates adverte Cebes sobre os encantadores da alma, e afirma que o mais sábio é confiar a alma a nós mesmos. Aplicando esta afirmação do pensador à situação midiática de hoje, podemos dizer que não precisamos da mídia para pastorear a nossa alma. Isso porque nenhuma mídia transmite simplesmente idéias ou informações em si. Ela, bem pelo contrário, induz de maneira maiêutica todo um sistema de impulsos às nossas propensões, invadindo assim o centro de nosso ser, aquilo que Sócrates chama de alma. Esta nova colonização compromete a vida. Podemos viver sem todo o sistema internacional de comunicação. A nossa natureza não depende desses meios, a vida não está condicionada a eles. Por fim, o medo que temos da morte não será resolvido pelo encantamento midiático.

10.5 Superar o homem da mídia é afirmar o essencial da vida; viver. Onde o desafio é pensar o mundo a partir da diferença do outro. Deslocar a centralidade do eu e presenciar o outro em sua "estrangeiridade".

10.6 Platão, em sua obra *Fedro*, ao tratar do argumento sobre a imortalidade da alma, oferece-nos elemento precioso para compreensão do movimento na comunicação.

> É o seguinte o início da demonstração: toda a alma é imortal. De fato, o que é animado de movimento perpétuo é imortal, enquanto o que move outro e é por outro movido, com o findar do movimento, alcança também a cessação da existência.

10.6.1 A coisa que não possui movimento por si mesmo não possui alma. Necessita do movimento daquilo que move por si mesmo para existir. Os signos mediáticos não vivem por si, não possuem alma, não possuem vida. Necessitam habitar alguma alma para ganhar alguma forma de existência que se movimente. A alma é atraída pela lógica da sedução midiática e, capturada neste sistema, aí permanece.

> Então, apenas o que se move a si mesmo, porque se não desagrega, jamais cessa de mover-se; mais ainda, é fonte e princípio de movimento para tudo quanto é movido.

Conclui Platão:

> Ora o princípio é coisa não gerada. De um princípio nasce necessariamente tudo o que tem começo, enquanto aquele não vem de coisa alguma. Na verdade, se um princípio nascesse de qualquer coisa, não seria ainda um princípio. E, uma vez que não é gerado, é também necessariamente incorruptível.

10.6.2 Será que, a partir deste enfoque, podemos afirmar que a mídia é princípio de si mesma? – A resposta a esta indagação é não. Na realidade, a mídia possui uma existência fragilizada, carente de alma. Se aniquilarmos o princípio vivente das mídias, os seres animados, a própria mídia deixará de existir. Qualquer meio de comunicação sem audiência finda.

> De outro modo, torna-se evidente que, aniquilando o princípio, nunca ele pode nascer de algures, nem outra qualquer coisa surgir dele, se é de fato em um princípio que tudo deve ter origem. Sendo assim, é então princípio de movimento o Ser que se move por si mesmo.

10.6.2.1 Para Platão, o verdadeiro conceito de alma e sua essência é "a imortalidade do que se move por si mesmo"; mas esta exatamente não é a condição das mídias.

> De fato, todo o corpo, cujo movimento lhe vem de fora, é inanimado: é, porém, animado, quando o recebe do interior de si mesmo, uma vez que é essa a própria natureza da alma. Ora se é assim que as coisas se passam – que quando se move por si mesmo não é outra coisa senão alma –, então a alma, necessariamente, seria não-gerada e imortal. (Platão, *Fedro*, p. 60)

10.7 Todo o movimento das peças midiáticas vem de fora, elaboração do princípio de identidade da razão, portanto inanimados. A alma por sua natureza anima as coisas de seu interior. É desta que vem a pulsação da vida. Bem recordado por Platão no *Fédon* que quem deve cuidar da alma é o próprio homem, o cuidar de si mesmo.

10.7.1 Quando a alma é pastoreada pela mídia corremos o risco de adoecermos, pois esta não possui vida. O início desta doença é o não pensar e ver por si mesmo. O homem da idade da mídia possui como desafio cuidar de sua alma, de seus desejos, de suas vontades. Ouvir a alma exige o silêncio, envergar-se sobre si mesmo, conhecer a si mesmo.

10.7.2 Os meios planetários de comunicação, porém, em vez de promover o silêncio para que se possa ouvir a alma, propõem a animação. Este contrário ao silêncio expande-se para o exterior, para os signos, para as imagens e sons. Somos cada vez mais conduzidos para longe de nós mesmos, corremos o risco de perder a nossa alma. Não podemos confiar a outrem o pastoreio de nossa alma, este coube a nós mesmos. Talvez assim a criança em nós perca o medo da morte.

11. Princípio da incomunicabilidade humana

11.1 A hipótese assumida neste trabalho de dissertação (1.2) é aquela da incomunicabilidade humana. Suspeitamos em última instância que a afirmação comum que os meios de comunicação planetário comunicam, não é verdadeira. Porém, a conseqüência

desta afirmação torna-se crítico quanto o problema da comunicação não alocasse nos meios tecnológicos planetários da comunicação e sim no homem.

11.2 As facilidades oferecidas pelas tecnologias em criar interfaces eficientes, mesmo suprimindo o tempo e o espaço, não garante que a comunicação passe a existir. A intensificação dos meios de comunicação, onde cada um possua um meio próprio para manifestar a sua existência, não é condição para a existência da comunicação.

11.3 Uma análise crítica dos mecanismos do sistema midiático mostra que a comunicação humana esta comprometida ou até fracassada. Contornados por toda uma tecnologia comunicacional, vivemos na era da incomunicabilidade humana. Isso nos remete ao núcleo da profunda crise do homem vivida na sociedade contemporânea. Perder o próprio de sua humanidade: não saber falar.

11.4 O princípio da incomunicabilidade humana sustenta-se com base em três argumentos desenvolvidos ao logo deste trabalho, sendo que o terceiro (alteridade) será o eixo de nosso próximo capítulo.

11.4.1 O primeiro argumento nos é oferecido pela tradição semita, a partir do texto de Caim e Abel. A base relacional entre os homens e a possibilidade para se dialogar vê-se comprometida. Esta ruptura primeira corrompeu a relação face a face, findou-se o olhar no olho do outro, romperam-se as relações fraternais. Primeiramente entre aqueles que são irmãos de sangue, depois entre aqueles que me é totalmente estranho (*xenos* da cultura grega).

11.4.1.1 O homem não vê o outro homem. Torna-se encapsulado em si mesmo, busca satisfazer seus interesses, está isolado. Este possui uma existência solipsista. É incapaz de comunicar-se, não sabe mais falar. Está condenado a Ser só.

11.4.2 O segundo argumento nos é oferecido pela tradição greco-latina, para tal utilizamos o Canto IX da Odisséia. A comunicação encontra sua engenhosidade no princípio da razão, que por natureza busca identificar o “ser é”. Sua natureza é a violência, seu maior projeto é o poder absoluto sobre o outro e si mesma.

11.4.2.1 A razão comunicacional funda a guerra de um contra o outro forjando as mais diversas técnicas: jornais, tv, internet, empresas publicitárias etc. Signos e linguagem que buscam aprisionar, seduzir, convencer e pastorear a alma.

11.5 A comunicação encontra-se fracassada. Sendo, porém, que, conforme tudo aquilo que o personalismo mostra sobra a essência do ser humano, este ser é por essência um ser relacional e dialogal (cf.: Mounier, E., *Revolución personalista y comunitária*, ed. Zero, Madrid), podemos afirmar em última instância que o fracasso da comunicação é o fracasso do homem. Tanto o primeiro argumento como o segundo deparam-se diante de um homem que não é capaz de sair de si mesmo. Não é capaz de fraternidade, não fala, não ama. O ato mais humano que poderíamos esperar deste ser é a comunicação, porém esta se determina ao fracasso.

11.6 A história do homem pode ter um fim trágico, não há nada que garanta a eternidade do homem. Os meios de comunicação necessariamente, embora anunciem o problema ambiental, problema da falta de água e outros, não são garantidores de que o homem tomará consciência de seu fim e irá dialogar.

11.7 A crise do humano revela um outro problema comunicacional, que não será sanado por mais tecnologias ou pela intensificação dos meios de comunicação. É o problema da relação eu e o outro, cuja ausência de alteridade é a questão. Esta é a problemática que perseguiremos na terceira parte desta dissertação.

12. Antes, porém, de entrar nesta questão, é essencial aprofundar mais ainda as questões chaves, tratadas dentro da linha do pensamento desta segunda parte; de maneira específica a questão sobre a razão, a natureza do homem e a questão da alteridade; problema central para a compreensão de toda comunicação. Para isso, recorreremos de novo ao texto da Odisséia de Homero, apresentando o canto nove especificamente escolhido. Seguimos na apresentação deles o método da interpretação imanente de texto. Isso significa que nos comentários analíticos, iluminaremos apenas os enfoques chaves, deixando que o texto em si estabeleça a ligação com os temas tratados anteriormente. Os itens correspondentes com os temas tratados estão sendo indicados nos comentários entre parêntesis.

Obra 1, referente aos itens 6 ss

Homero. *Odisséia*. Canto IX

Respondendo-lhe, disse o solerte Odisseu:

Poderoso Alcínoo, varão insigne entre todos, palavra! é bom escutar um aedo como este, cuja voz o assemelha a um deus! Não existe, asseguro-te, satisfação maior do que ver todo um povo possuído de alegria, os convivas sentados em linha nos salões a escutar um aedo, as mesas cheias de pão e carne diante deles e um escanção tirando vinho duma cratera e levando-o para encher as taças. Isso ao meu coração parece o espetáculo mais belo. Teu coração, porém, te induz a perguntar sobre os meus dolorosos ais, levando-me a soluçar e gemer ainda mais. Por onde começar? Por onde terminar? São incontáveis os padecimentos que os deuses celestiais me reservaram. Bem, começarei por dizer o meu nome, para que vós também o conheçais e mais tarde, salvo do dia inexorável, seja eu vosso hospedeiro, apesar da distância de meu solar.

Odisseu passa a responder à pergunta de Alcínoo. Esta pergunta: Quem é Odisseu? coincide com uma outra: Quem é a razão? (item 7.1)

Sou Odisseu, filho de Laertes; o mundo inteiro me conhece, graças a minhas astúcias, e minha fama chega aos céus.

Odisseu referencia-se por um lugar, Ítaca. Necessariamente, Homero não imaginava um lugar físico e sim um porto de partida.

Habito em Ítaca de longe avistada; nela se ergue notável montanha de selvas ondeantes; ilhas numerosas há por ali, muito próximas umas das outras, como Dulíquio, Same e a selvosa Zacinto. Ítaca mesma é rasa; é a mais distanciada do mar, no rumo do ocaso, enquanto as outras se dirigem para a autora e para o sol; é fragosa, mas boa nutriz de jovens; eu cá não consigo ver nada mais doce que a terra da gente. Palavra!

Odisseu é encantado por Calipso e Circe, cuja natureza é divina, a assumir uma outra natureza. A condição é deixar de ser humano, casando-se com uma das duas (item 6.4.2.1). Homero, após se perguntar sobre a razão, questiona qual é a natureza do homem.

Lá, no seio de sua gruta, retinha-me Calipso, augusta deusa, cobiçando-me para marido; igualmente Circe, a ardilosa senhora de Eeia, prendia-me em seu palácio, cobiçando-me para marido; mas jamais puderam persuadir o coração em meu peito. Tanto é verdade que nada existe mais doce que a pátria e os genitores, por mais opulenta que seja a casa longínqua onde alguém vá morar separado dos pais. Eia, porém, que eu vos relate igualmente as tribulações de meu regresso, lançadas por Zeus, quando eu voltava de Tróia.

O fato de Homero escrever a Odisséia, após a guerra de Tróia é significativo. Na Ilíada, Homero descreve um quadro completo dos dez anos de guerra, Micenas e demais cidades gregas (Ocidente) unem-se contra Tróia (Oriente). A causa do conflito é o rapto de Helena (esposa de Menelau e rei de Esparta) por Paris (príncipe de Tróia). Homero assume na Odisséia a guerra de Tróia e Esparta, mais que um fato histórico. Constitui a Odisséia uma reflexão filosófica sobre a razão e a natureza do homem. O paradigma para o pensar é a barbárie, fenômeno semelhante ao pós-guerra.

As brisas que me levavam de Ílio aproximaram-se dos cícones, em Ismaro. Saqueei ali a cidade e matei os homens; trazendo da povoação suas esposas e copiosas riquezas, repartimo-las de modo que nenhum de meus homens seguisse lesado na igualdade dos quinhões. Então, deveras, ordenei que nos puséssemos ao fresco, mas eles, os grandes néscios, não me atenderam. Bebeu-se ali muito vinho e mataram na praia muitos carneiros e retorcidos bois de curvos passos. Entretanto, os cícones foram apelar para outros cícones, seus vizinhos, além de mais numerosos, mais valentes, que habitavam o interior e sabiam combater montados e, se preciso, a pé. Eles chegaram ao amanhecer, numerosos como as folhas e flores na primavera. Então o mau destino de Zeus nos alcançou, mal-aventurados! para que sofrêssemos males sem conta. Firmes ao pé dos ligeiros barcos, travaram a batalha trocando os golpes com suas lanças de ponta de bronze. Enquanto durou a manhã e cresceu o santo dia, estivemos de pé firme a repeli-los, embora mais numerosos; apenas, porém, o sol se inclinou para a hora de destrelar os bois, os cícones obrigaram os aqueus, vencidos, a dobrar. De cada barco seus companheiros de boas cnêmides pereceram; os demais escapamos à morte fatal.

A idéia de viagem é uma constante na Odisséia. Torna-se um método para se pensar.

Dali prosseguimos nossa viagem, de coração pesaroso, mas contentes de escapar à morte, embora com a perda de companheiros queridos. Não zarpamos, porém, nos curvos barcos, sem que antes fosse bradado três vezes o nome de cada um dos infelizes companheiros tombados em terra sob os golpes dos cícones.

Quem governa a história, pergunta Homero. Zeus? A figura de Odisseu questiona os deuses e coloca em cena o homem e sua responsabilidade sobre a história e sobre si mesmo.

Todavia, Zeus, que as nuvens ajunta, suscitou contra os barcos o vento Bóreas, numa tempestade prodigiosa, cobrindo de nuvens juntamente a terra e o mar, enquanto a noite avançava do céu. Os barcos eram arrastados precípites, enquanto a fúria do vento fazia as velas em três e quatro farrapos. Arriamo-las sobre o convés temendo a ruína, e tocamos os barcos a remo, a toda força, para terra. Deixamo-nos ficar ali duas noites e dois dias seguidos, devorando o coração de fadiga e tristeza. Quando Aurora de ricas tranças trouxe à luz o terceiro dia, plantamos os mastros, içamos as brancas velas e sentamo-nos; o vento e os pilotos tocaram os barcos para diante. Teria eu então chegado são e salvo à terra pátria se, ao contornar Maleia, as vagas, a correnteza e Bóreas não me houvessem afastado e desviado para além de Citera. Daí por nove dias ventos funestos me conduziram sobre o piscoso mar. No décimo, abicamos à terra dos lotófagos que se nutrem de flores. Ali descemos em terra e provemo-nos de água; em seguida, meus companheiros tomaram sua refeição junto dos ligeiros barcos.

Homero deixa claro a condição do homem “comedor de pão”.

Depois de nos alimentarmos de comida e bebida, despachei alguns companheiros a investigar que homens comiam pão naquela terra; escolhi dois homens e mandei com eles um terceiro, como arauto. Eles se adiantaram e confundiram com a gente lotófaga. Os lotófagos não pensaram em matar nossos companheiros; deram-lhes a comer do loto e quem, dentre eles, comia o fruto de loto, doce como o mel, já não queria trazer notícias nem regressar, mas sim ficar ali com os lotófagos, sustentando-se de loto, sem pensar no regresso.

No texto aparece de maneira específica a questão da memória, tratada no (item 6.4.3) do presente trabalho.

Eu os trouxe à força para bordo, desfeito em pranto; amarrei-os nos bojudos barcos, debaixo dos bancos. Aos outros leais companheiros mandei que embarcassem à pressa nos ligeiros barcos, para que nenhum, comendo loto, viesse a esquecer o regresso. Eles embarcaram sem demora, sentaram-se nos barcos e, dispostos em linha feriram com os remos o mar cinzento. Dali prosseguimos nossa viagem, de coração pesaroso; chegamos ao país dos arrogantes e iníquos Ciclopes.

Odisseu, racionalmente identifica os princípios da não civilização. Considera os Ciclopes bárbaros, sem leis, nem assembléias. É o diferente não identificado pela razão (item 7).

Confiantes nos deuses imortais, eles não plantam com suas mãos uma planta, nem aram; tudo nasce sem sementeira nem aração – trigo, cevada, vinhas que produzem vinho com suas grossas bagas – e as chuvas de Zeus tudo fazem crescer. Não têm praças de assembléia, nem leis estabelecidas; moram na crista de altas montanhas, no seio de cavernas, e cada qual dita leis aos filhos e esposas, sem se preocuparem uns com os outros. Ora, ao largo do porto, se estende uma ilha estreita, nem próxima nem distante da terra dos Ciclopes, coberta de matas. Vivem ali cabras selvagens inumeráveis; não as afasta o trânsito de pessoas, nem penetram ali caçadores, habituados ao desconforto quanto percorrem os cumes das montanhas. Não a ocupam rebanhos nem aradas; está o tempo toda vazia de gente, sem semeaduras nem lavras, criando cabras berrantes. Não possuem os Ciclopes naus de rostos vermelhos, nem vivem ali carpinteiros navais, que fabricam barcos bem providos de bancos, para lhes irem buscar todas as utilidades, aportando a cidades de outros povos, como é freqüente homens cruzarem o mar em navios, visitando-se uns aos outros; poderiam tomar a ilha um belo povoado. Ela, com efeito, não é ruim; é capaz de produzir de tudo; existem ali ao longo da costa do mar cinzento, campinas regadas e fofas; ali seriam perenes as videiras, plana a aradura e, nas safras, teriam colheitas abundantíssimas, tão pingues são as terras. Há um bom surgidouro na enseada, onde não é mister passar amarras, nem deitar fateixas, nem prender proízes; os mareantes podem aportar e ficar quanto tempo seu coração solicitar, ou até soprarem as brisas. Num extremo da enseada, corre água límpida duma fonte ao pé duma gruta; crescem choupos em torno. Ali surdimos, guiados por algum deus, pela noite trevosa; nada nos era dado enxergar: denso nevoeiro envolvia os barcos e não nos alumiava a ilha os olhos de ninguém, nem vimos as extensas ondas rolando sobre a costa, antes de abicarem nossos barcos bem providos de bancos. Encalhados os barcos, colhemos todas as velas e desembarcamos no quebradouro do mar. Dormimos ali à espera da divina Aurora. Mal raiou a filha da manhã, Aurora de róseos dedos, demos, maravilhados, um giro pela ilha. As ninfas, filhas de Zeus, senhor da Égide, levantaram cabras montesas para o repasto da tribulação. Imediatamente fomos aos barcos em busca de curvos arcos e zagunchos de longo alvado; organizamo-nos em três grupos e começamos a atirar. Não tardou um deus a conceder-nos abundante caçada. Seguiam-me doze navios e a cada um couberam nove cabras; eles, porém, selecionaram dez só para mim. Assim, por todo aquele dia, até o pôr-do-sol, ficamos sentados banqueteando-nos com abundância de carne e vinho suave. Ainda, não acabara o rútilo vinho em nossos barcos; sobejava porque, na tomada da fortaleza sagrada dos cícones, cada um de nós enchera ânforas em profusão. Olhávamos para a ilha dos Ciclopes, tão próxima, e notávamos a fumaça, a voz deles, das ovelhas e das cabras. Quando se pôs o sol e baixaram as trevas, deitamo-nos por fim no quebradouro do mar. Mal raiou a filha da manhã, Aurora de róseos dedos, reuni os meus homens e disse ao grupo: “Ficai aqui vós outros, meus leais companheiros, enquanto eu, com meu barco e meus tripulantes, vou verificar como são aqueles homens. Serão cruéis, selváticos e iníquos? ou de índole hospitaleira e temente aos deuses”? Com essas palavras, embarquei e ordenei aos companheiros soltassem os proízes e subissem a bordo. Eles embarcaram sem semora, sentaram nos bancos e, dispostos em linha, chegamos ao lugar, pouco distante, vimos ali uma caverna numa extremidade, sobre o mar; era alta, com uma

abóbada de loureiros. Dormiam ali grande número de carneiros, ovelhas e cabras e um alto aprisco fora construído em torno, com altas pedras fincadas no chão e com longos pinheiros e carvalhos de alta copa.

Razão identificadora emite juízos (item 7).

Era a morada de um homem monstruoso, que apascentava rebanhos, isolados e distante, sem comércio com os outros; vivia arredado, sem rei nem roque; tinha, por sinal, a constituição de um monstro enorme; não tinha a aparência de homem que come pão, mas a de um selvoso pico de alta montanha, que se avista apartado dos outros. Ordenei, então, aos leais companheiros que permanecessem ali de guarda junto do barco, enquanto eu, escolhendo doze dos mais bravos camaradas, me pus a caminho; levava comigo um odre de cabrim de escuro vinho suave, que ganhara de Marão, filho de Evantes, sacerdote de Apolo, deus que guardava Ismaro, por tê-lo poupado com o filho e a esposa, por escrúpulo, pois ele morava num sítio coberto de arvoredo consagrado a Apolo. Ele me fez esplêndidos presentes; deu-me sete talentos de ouro bem trabalhado; deu-me uma cratera toda de prata e, em seguida, vinho, de que encheu doze ânforas ao todo, vinho suave e puro, uma bebida divina; dele não sabia ninguém dentre os servos e aias da casa, além dele, da esposa querida e de uma única despenseira. Quando bebiam desse rubro vinho doce como mel, despejando uma taça cheia em vinte medidas de água, um odor agradável e divino se exalava da cratera e então era um suplício abster-se dele. Levei comigo um grande odre cheio desse vinho, bem como provisões num alforje; é que desde logo meu bravo coração pressentiu meu encontro com um homem revestido de grande robustez, um selvagem sem noção de justiça nem de leis. A passos estugados alcançamos a caverna; não o encontramos dentro; estava pastando seus gordos carneiros no relvedo. Entramos no antro e tudo observávamos admirados. Os jacás estavam cheios de queijos; os redis, repletos de cordeiros e cabritos; estavam divididos por idade; num lugar, as crias mais velhas; noutro, as do meio e num terceiro, as recém-nascidas. Transbordava soro de todas as vasilhas lavradas, baldes e tarros em que ordenhava. Então, a primeira coisa que meus companheiros disseram foi pedir-me que nos apossássemos de queijos, voltássemos em seguida à pressa para o ligeiro barco, tangendo cabritos e cordeiros dos redis, e sulcássemos a água salgada.

A razão quer conhecer, ver, quer dominar o estranho.

Eu, porém, não atendi – palavra, que fora bem melhor! Eu queria ver o homem em pessoa e se ele me daria presentes de hospitalidade. Ai! não tardaria a aparecer, para desgosto de meus camaradas! Acendemos fogo, oferecemos um sacrifício e, deitando mãos aos queijos, comemos. Ficamos ali dentro sentados até que ele chegou, tangendo o rebanho. Vinha carregando pesado feixe de lenha seca, para cozer seu jantar. Atirou-o para dentro do antro, com grande estardalhaço; assustados, nós nos refugiamos no fundo do antro. Ele, porém, tocou para a vasta caverna as gordas ovelhas, quantas ordenhava, deixando fora os machos, carneiros e bodes, abrigados na malhada profunda. Em seguida, levantou bem alto uma grande laje e colocou-a na entrada; era

pesada; vinte e duas carretas possantes de quatro rodas não a moveriam do chão, tal o penedo imenso com que vedou a entrada. Sentou-se e pôs-se a mungir as ovelhas e berrantes cabras, uma após outra, colocando por baixo de cada uma a sua cria. Ato contínuo, coalhou a metade do branco leite, que pôs de parte, recolhido em cestos trançados, e metade guardou em vasilhas, para ter o que beber e usar em sua ceia. Depois de executar o seu trabalho atentamente, acendeu fogo; viu-nos, então, e perguntou:

Odisseu é *xenos* a Polifemo, e Polifemo também é *xenos* para Odisseu, porém não há regras de hospitalidade entre ambos, exclui-se a possibilidade para a troca entre ambos. A gênese desta relação é o domínio de um sobre o outro (ítem 6,1; 6.2.1; 6.3).

"Estranhos, quem sois? de onde vindes sulcando os úmidos caminhos? Ides a negócio determinado ou errais à toa no mar, como os piratas que vagam arriscando a vida e levando a desgraça a terras alheias?" Assim falou e de novo nosso ânimo se dobrou aterrado com o vozeirão profundo e aquela estatura monstruosa. Apesar de tudo, eu lhe disse, em resposta, estas palavras: "Nós somos aqueus; regressamos de Tróia vagueando à mercê de ventos de toda sorte sobre o grande abismo do mar; nossa intenção era ir para casa, mas tomamos rumo diferente, errando o caminho, porque, parece, assim prouve a Zeus dispor. Prezamo-nos de ser homens de Agamênnon, filho de Atreu, cuja glória é hoje a maior debaixo de céu, por ter arrasado uma cidade tão grande e destruído um povo tão numeroso. Nós, porém, chegados a tua presença, suplicamos aos teus joelhos, esperando que nos dês gasalhado ou, de outra forma, nos dês os presentes que é de praxe dar aos hóspedes. Bem, poderoso senhor, mostra respeito aos deuses; somos suplicantes, os suplicantes e os hóspedes estão sob o amparo de Zeus Hospitaleiro, que acompanha os veneráveis forasteiros." Assim falei e ele replicou-me prontamente, sem piedade na alma: "És um ingênuo, estranho, ou vieste de longe, para me mandares temer ou evitar os deuses; os Ciclopes não fazem caso de Zeus, senhor da Égide, nem dos deuses bem-aventurados, por que palavra! somos muito mais fortes. Apenas para evitar o ódio de Zeus eu não pouparia a ti e a teus camaradas, salvo se assim me pedisse o coração.

Na primeira parte desta dissertação (item 2.1.2) Flusser sinalizou uma problemática do homem da idade da mídia que é do emergir dos símbolos. Flusser sinaliza para um deslocamento existencial, das coisas para "as não-coisas" materialmente como observado nos fenômenos, são os "inapreensíveis".

> Mas essa situação infelizmente mudou. Agora irrompem não-coisas por todos os lados, e invadem nosso espaço suplantando as coisas. Essas não-coisas são denominadas "informações". Podemos querer reagir a isso dizendo "mas que contrassenso!", pois as informações sempre existiram e, como a própria palavra "informação" indica, trata-se de "formar em" coisas. Todas as coisas contêm informações: livros e imagens, latas de

> conserva e cigarros. Para que a informação se torne evidente, é preciso apenas ler as coisas, "decifrá-las". Sempre foi assim, não há nada de novo nisso.

Daí infere Flusser os "inapreensíveis":

> ...As informações que hoje invadem nosso mundo e suplantam as coisas são de um tipo que nunca existiu antes: são informações imateriais (*undingliche Informationen*). As imagens eletrônicas na tela de televisão, os dados armazenados no computador, os rolos de filmes e microfilmes, hologramas e programas são tão "impalpáveis" (*software*) que qualquer tentativa de agarrá-los com as mãos fracassa. Essas não-coisas são, no sentido preciso da palavra, "inapreensíveis" (V. Flusser, *O mundo decodificado*. P. 54)

Dize-me, porém, onde fundeaste o teu bem construído barco ao chegares, se na extremidade da ilha ou aqui perto, para eu ter certeza. Assim falou para experimentar-me, mas não me enganou; eu sabia demais. Respondi-lhe, porém, com palavras astutas:

Odisseu cria o "inapreensível", o "impalpável", a não-coisa flusseriana. Odisseu desconecta-se e suspende a realidade.

"Posidão, que a terra estremece, despedaçou meu barco de encontro aos penedos na orla de vossa terra; ele o impeliu para perto do cabo e o vento o arrancou do mar; eu, porém, e mais estes escapamos ao fim abismal." Assim falei e ele nada me replicou, sem piedade na alma. Pôs-se de pé de um salto, estendeu as mãos sobre meus companheiros e, agarrando dois duma vez, como se fossem cachorrinhos, esmagou-os de encontro ao solo; os miolos escorreram pelo chão, umedecendo a terra. Ele os picou membro a membro, preparando a refeição, comeu, como um leão montês, as vísceras, as carnes e os ossos medulosos, sem deixar restos. Nós outros, em pranto, erguemos as mãos para Zeus, ao vermos aquela crueldade, com o coração entregue ao desespero. O Ciclope, depois de fartar de carne humana seu estômago imenso e beber leite puro por cima, deitou-se na caverna, de comprido, entre os carneiros. Planejei, em meu altivo coração, aproximar-me, puxar de junto da coxa o gládio aguçado e golpeá-lo no peito, onde as membranas firmam o fígado, tateando o lugar com a mão. Outra idéia, porém, me conteve; nós sofreríamos um fim abismal ali mesmo, incapaz de remover da alta porta com nossas mãos a pesada laje por ele ali colocada. Por isso, aguardamos, soluçando, a divinal Aurora. Mal raiou a filha da manhã, Aurora de róseos dedos, ele reavivou o fogo e mungiu as famosas ovelhas, uma após outra, colocando por baixo de cada uma sua cria. Depois de executar o seu trabalho atentamente, agarrou dois de nós duma vez e preparou a refeição. Após comer, tangeu para fora da caverna o médio rebanho, facilmente removendo a grande laje; em seguida, recolocou-a como se estivesse tampando um carcaz. O Ciclope, assobiando fortemente, guiou o nédio rebanho para a montanha, enquanto eu ali fiquei

maquinando maus planos em meu íntimo, na esperança de tomar vingança, se Atena me desse essa glória. A meu coração o seguinte plano pareceu o melhor. Jazia junto do aprisco o longo cajado do Ciclope; era uma vara verde de oliveira, que ele cortara para empunhar quando secasse; quando a vimos, afigurou-se-nos, pelo tamanho, o mastro dum escuro barco de vinte remos, um mercante, largo dos que atravessam o grande abismo, tal, a nossos olhos, era o comprimento, tal a grossura. Fui a ele, cortei um pedaço de uma braça, que entreguei aos companheiros com a ordem de aguçá-lo. Quando o tinham desbastado, eu me aproximei e afinei a ponta; em seguida, levei-o a endurecer na chama de um fogo ardente. Guardei-o bem, escondido sob a espessa camada de estrume que cobria todo o chão do antro. Mandei, depois, meus camaradas tirar a sorte para escolher quem arriscaria comigo erguer o toro e revolvê-lo no olho do Ciclope, quando lhe viesse o doce sono. A sorte apontou aqueles que eu mesmo gostaria de escolher; eram quatro, comigo cinco. Ele chegou ao pôr-do-sol, tangendo as ovelhas de magnífico velo e foi logo tocando todas as gordas ovelhas para a vasta caverna, sem deixar nenhuma fora do redil; ou desconfiava de alguma coisa, ou algum deus assim lhe mandava. Em seguida, ergueu bem alto a grande laje e colocou-a na entrada; sentou-se e pôs-se a mungir ovelhas e as berrantes cabras, uma pós outra, colocando por baixo de cada uma a sua cria. Depois de executar o seu trabalho atentamente, agarrou dois de nós duma vez e preparou a refeição. Então, eu me acerquei do Ciclope e disse-lhe, erguendo nas mãos uma copa de hera cheia de escuro vinho:

O que se passa na relação entre Odisseu e Polifemo é a cena midiática. Separado ontologicamente o ser do fenômeno e sua representação, cria-se o *meio* midiático por excelência.

"Toma, Ciclope; bebe vinho, após comeres carne humana, para saberes que bebida carregava nosso barco. Eu o trazia para fazer-te uma libação, se, compadecido, me enviasses para minha terra. Mas quem pode suportar a tua fúria? Desgraçado, como há de vir visitar-me doravante alguém da incontável Humanidade, se não te comportas como se deve?" Assim falei; ele tomou e bebeu. Gostou imensamente de sorver a suave bebida e pediu-me segunda vez: "Dá-me mais, de bom grado, e dize-me o teu nome em seguida, para eu te dar um presente de hospitalidade, que te alegre. A terra produtora de espelta fornece aos Ciclopes o vinho das grossas bagas que a chuva de Zeus faz crescer, mas este é Ambrósia e néctar destilados!" Assim falou ele; eu de novo lhe servi do rútilo vinho; três vezes o trouxe e dei; três vezes ele bebeu como um louco. Quando o vinho subiu aos miolos do Ciclope, eu lhe dirigi palavras gentis: "Ciclope, perguntaste o meu glorioso nome: eu vou dizer-te; dá-me, porém, o presente, como prometeste. Meu nome é Ninguém. Chamam-me Ninguém minha mãe, meu pai e todos os meus companheiros".. Assim falei e ele replicou-me prontamente, sem piedade na alma: "Será Ninguém o último que comerei depois de seus camaradas; irão primeiro os outros; será esse o presente de hospitalidade". Disse e, inclinando-se para trás, caiu de costas e assim ficou, com o enorme pescoço à banda, tomado do sono que a todos subjuga. Da goela escapava-lhe vinho e bocados de carne humana, que ele arrotava, bêbado. Enfiei, então, o toro no borralho abundante, para aquecê-lo; dirigi palavras de acoroçoamento a cada um de meus companheiros, para que nenhum recuasse amedrontado. Quando, enfim, o

toro de oliveira estava a ponto de inflamar-se, brilhando terrivelmente, apesar de verde, tirei-o do fogo e trouxe-o para perto. Os camaradas rodearam-me; um deus lhes inspirava uma grande coragem.

Interferência do *meio* midiático: ato 1

Ergueram o toro de oliveira de ponta aguçada e cravaram-no no olho do Ciclope enquanto eu, pesando de cima, o fazia girar; era como um homem furando uma prancha de navio com um trado, enquanto outros, por baixo, fazem este girar numa correia, cujas pontas seguram, e o trado volteia sempre, firme no lugar. Foi assim que agarramos o toro aguçado ao fogo e o fizemos girar em seu olho. O sangue escorria em volta do toro ardente. Queimava inteiramente as pálpebras e as sobrancelhas o vapor exalado da pupila a arder, cujas raízes frigiam na chama. Quando um ferreiro mergulha na água fria da têmpera, que é donde vem a força do ferro, um machado grande ou uma acha-de-armas, esta chia forte; silvava assim o seu olho em voltado toro de oliveira. O Ciclope soltou um urro terrível; a rocha reboou em redor; nós, apavorados, recuamos, enquanto ele arrancava do olho o toro ensangüentado; lançou-o de si, em seguida, agitando os braços.

Novos atores para constituir a cena do *meio* midiático.

Daí bradou chamando os Ciclopes moradores das cavernas das cercanias na cumeada ventosa. Ouvindo os brados, eles despontaram, cada qual de um lugar; pararam em volta da gruta e perguntaram o que o molestava: “Que te afligia tanto, ó Polifemo, para bradares assim pela noite divina e nos tirares o sono? Estará algum mortal, mal grado teu, tangendo embora o teu rebanho? Ou alguém te está matando por dolo ou pela força?” Do fundo da caverna, respondeu-lhes o robusto Polifemo:

Eficiência da mídia e conclusão do *meio* midiático.

“Ninguém, amigos, me está matando por dolo e não pela força.” Eles, em resposta, pronunciaram aladas palavras: “Se ninguém te está maltratando e estás só, não há como fugires à moléstia enviada pelo grande Zeus; reza, pois, a sua alteza Posidão nosso pai.” Com essas palavras, foram-se. Meu coração, cá dentro, se pôs a rir, porque o tinham logrado aquele nome e minha impecável solércia. O Ciclope, gemendo, torturado por dores horríveis, foi, tateando com as mãos, retirar a laje da entrada e sentou-se na passagem de braços estendidos, a ver se agarrava algum que tentasse transpor a porta com as ovelhas; talvez, em seu coração esperasse tamanha ingenuidade em mim. Entretanto, eu excogitava a melhor maneira possível de salvar meus camaradas e a mim próprio da morte; tramava todos os enganos e ardis, com quem tem a vida em perigo, pois grande desgraça iminente nos ameaçava. A meu coração o seguinte plano pareceu o melhor. Havia carneiros bem nutridos, de velo espesso, belos e grandes, de lã violácea. Esses, sem dizer nada, eu ia prendendo juntos com o vime flexível sobre que o monstruoso Ciclope sem rei nem roque costumava dormir. Tomava três por

vez; o do meio levava um homem e dois outros iam de um e de outro lado protegendo os meus camaradas. Cada três reses, pois, levavam um homem; quanto a mim, restava um carneiro, incomparavelmente o melhor de todo o rebanho; abracei-me a seus flancos, encolhi-me sob o seu veloso ventre e ali fiquei, com coragem no peito, agarrado com as mãos aos flocos prodigiosos e colado vigorosamente. Dessarte aguardamos, soluçando, a divinal Aurora. Mal raiou a filha da manhã, Aurora de róseos dedos, os machos abalaram-se para a saída, enquanto as fêmeas, não ordenhadas, puseram-se a balir pelo redil, com os úberes enfartados. O dono, torturado por dores pungentes, detinha cada um dos animais e palpava-lhe as costas; não percebeu o imbecil que os homens estavam amarrados sob o peito das reses de espesso velo.

Interferência do *meio* mediático: ato 2

O último do rebanho a dirigir-se para a saída foi o carneiro, carregando, além do peso de sua lã, o da minha astuciosa pessoa. Palpando-o, disse o robusto Polifemo: "Manso cordeiro, por que és tu o último do rebanho a mover-te através da caverna? Nunca até hoje seguiste no último lugar; sempre foste o primeiríssimo a pastar a tenra flor da grama, com os teus passos largos; o primeiro a chegar à correnteza do rio, o primeiro a querer voltar para o redil à tarde. E agora és o último dos últimos! Sentes, talvez, a falta do olho de teu dono, que um homem ruim e seus miseráveis companheiros cegaram após subjugar meus sentidos com o vinho – esse Ninguém, que, asseguro-te, ainda não se livrou da destruição. Oh! se pensasses, como eu, e fosses capaz de falar, para dizeres onde se refugia aquele homem da minha fúria! Então eu o esmagaria de encontro ao chão, seus miolos se espalhariam aqui e ali pela gruta e meu coração se aliviaria dos males que o imprestável Ninguém me causou". Dito isso, impeliu o carneiro de junto de si para a saída. Já a alguma distância da caverna e do redil, eu primeiro me soltei de sob o carneiro; depois desamarrei meus camaradas e pusemo-nos a tanger à pressa as reses de longas pernas, ricas de banha, voltando-nos amiúde, até chegarmos ao barco. Se nossos companheiros se alegraram de ver os que havíamos escapado à morte, choravam lamentando a sorte dos outros. Eu, porém, não consenti que se entregassem à dor; acenando a cada um com as sobrancelhas, mandei tocar as numerosas reses de magnífico velo a toda pressa para o barco e cruzar a água salgada. Eles embarcaram sem demora, sentaram-se nos bancos e, dispostos em linha, feriram com os remos o mar cinzento. Quando me achava à distância de um grito, eu disse ao Ciclope, escarnecendo-o: "Ciclope, pelo que se vê, não era para devorares com tua brutal violência os companheiros de um desvalido no seio da caverna, e sim para seres atingido por tua própria malvadeza, desgraçado, que não hesitas em devorar os hóspedes em tua casa. Esse o crime que Zeus e os outros deuses punem em ti". Assim falei: ele, então, ainda mais se irou no coração; arrancou o pico duma grande montanha e arremessou-o; acertou à frente do barco de escura proa. O mar recuou sob o impacto do penhasco e a onda, refluindo em direção à praia, levava, rápida, o barco para terra, como se fosse a maré; estava a ponto de abicar, quando eu, lançando mão de um varejão assaz comprido, o fiz deslizar ao longo e, incitando os companheiros com acenos de cabeça, mandei-os debruçar sobre os remos para nos safarmos do desastre; eles, curvando-se, remavam. Quando, porém, ganhando o mar, estávamos ao dobro da primeira distância, eu ia de novo falar ao Ciclope; de todos os lados, os camaradas

procuravam dissuadir-me com palavras brandas: “Estás louco? por que hás de enfuriar um homem selvagem, se, há pouco, acertando no mar o seu projétil, levou o barco de volta à terra e já nos dávamos por perdidos? Se ele escutar algum de nós soltando a voz ou falando, arremessará uma penha a força de seu arremesso”. Assim diziam, mas não convenciam meu altivo coração; volvi-lhe com a cólera no peito:

O fenômeno manifesta-se puramente.

“Ciclope, quando algum dentre os homens mortais te interrogar sobre a vergonhosa cegueira do olho, dize-lhe que foi Odisseu quem o cegou, o saqueador de cidades, filho de Laertes, morador em Ítaca”. Assim falei; ele, com um gemido, respondeu-me nestes termos: “Santos numes! Palavra! Há muito foi profetizado o que me aconteceu. Vivia aqui um adivinho, nobre e alto, Télemo filho de Éurimo; inexcedível na divinação, envelheceu no ofício entre os Ciclopes. Ele me predisse que tudo isto havia de acontecer um dia e eu perderia a vista às mãos de Odisseu. Eu, porém, sempre imaginei que viria aqui alguns varões altos e belos, revestidos de grande robustez; ao invés, quem me cegou o olho foi um baixote, ordinário e fraco, que me subjugou pelo vinho. Não obstante, vem cá, Odisseu, para eu te dar presentes de hospitalidade e concitar o glorioso deus que a terra estremece a conceder-te uma boa viagem; eu sou filho dele e ele preza-se de ser meu pai. Ele é que, se lhe aprouver, me há de curar e mais ninguém, quer dentre os deuses bem-aventurados, quer dentre os homens mortais”. Assim falou ele e eu lhe disse em resposta: “Pudesse eu privar-te da alma e da vida e mandar-te para dentro da mansão de Hades, tão certo como não te há de curar o olho nem mesmo aquele que a terra estremece”. Ouvindo isso, ele orou a Posidão soberano, erguendo as mãos para o céu estrelado: “Ó tu, que a terra envolves, Posidão de negras comas, escuta-me; se deveras sou teu filho e te prezas de ser meu pai, dá-me que não chegue a sua casa Odisseu, saqueador de cidades, filho de Laertes, morador em Ítaca. Se, porém, está determinado que veja a família, de volta ao bem construído palácio na terra pátria, faze-o chegar tardio e humilhado, perdidos todos os companheiros, a bordo de barco estrangeiro, e encontrar atribulações em casa”. Assim falou orando e o deus de negras comas ouviu-lhe a prece. Contudo, novamente, apanhou um penhasco muito maior, rodopiou e arremessou-o, imprimindo-lhe uma força imensa; acertou um pouco atrás do barco de escura proa, quase roçando a ponta do leme. O mar recuou sob o impacto do penhasco, a onda impeliu o barco para diante, a ponto de abicar em terra. Chegamos, enfim, à ilha onde, reunidos, me esperavam os outros barcos bem providos de bancos; estavam nossos companheiros sentados por ali a lamentar-nos, numa aguarda constante. Ali abicando, impelimos o barco sobre a areia e desembarcamos no quebradouro do mar. Tiramos do bojudo barco as reses do Ciclope e distribuímo-las, para que nenhum de meus homens seguisse sem receber um quinhão igual. Apenas a mim os companheiros de boas cnêmides, na distribuição de reses, deram um carneiro a mais; esse eu imolei na praia a Zeus, filho de Crono, deus das nuvens negras, que reina sobre o universo, e queimei os quartos. O deus, porém, não acolheu meu sacrifício; estava meditando como destruir todos os barcos bem providos de bancos e meus leais companheiros. Assim, pois, não sentamos, então, por todo o dia até o pôr-do-sol, banqueteando-nos de carne abundante e vinho suave; quando se pôs o sol e baixaram as trevas, deitamo-nos, por fim, no quebradouro do mar.

Homero põe Odisseu sempre em movimento, seguindo sua viagem constituindo a dialética dos caminhantes: “Descemos e não descemos nos mesmos rios; somos e não somos” (Bornheim, *Os filósofos pré-socráticos*, Heráclito, frag. 49ª, p. 39). Saber-se-á no final que o movimento do caminhar é o mais importante.

> Mal raiou a filha da manhã, Aurora de róseos dedos, despertei os companheiros e ordenei que soltassem os proízes e subissem a bordo; eles embarcaram sem demora, sentaram-se nos bancos e, dispostos em linha, feriram com os remos o mar cinzento. Dali prosseguimos nossa viagem, de coração pesaroso, mas contentes de escapar à morte, embora com a perda de companheiros queridos.

III PARTE

ALTERIDADE

E com toda a seriedade da verdade, ouça: o homem não pode viver sem o ISSO, mas aquele que vive somente com o ISSO não é homem. (Martin Buber. *EU e TU*, p. 74)

'A verdadeira vida está ausente'. Mas nós estamos no mundo. (Emmanuel Levinas. Totalidade e Infinito, 19)

1. Porque insistimos em nos comunicar?

1.1 O sistema planetário de comunicação engenhosamente alocou próteses em nosso ser, das mais diversas naturezas: científica, técnica, imagética, sonoras, etc. Elementos que extencionam o nosso corpo, os nossos sentidos, as nossas percepções. São eles que oferecem segurança à nossa existência. Porém, a existência não é segura, dada a iminência da morte. Os dogmas modernos da ciência e da tecnologia, assim como a verdade certa que a mídia oferece sobre os fenômenos sucumbem ante a real condição do homem (II parte, item 4).

1.1.1 Através da reflexão desencadeada até aqui, quando no primeiro capítulo nos deparamos com a comunicação sistematizada no sistema planetário (categoria universal de análise) (I parte, item 2), concluímos que o problema da comunicação não são as tecnologias, seus meios ou conteúdos, interfaces eficientes e sim a relação eu e o outro. Esta problemática foi tratada no segundo capítulo. Nesta relação eu e o outro concluímos sobre a incomunicabilidade humana, dado o princípio da razão identificadora e a ruptura primeira do face a face. Torna-se a comunicação um problema de natureza humana; do homem. Onde se insere uma outra pergunta: é característica ontológica essencial do homem a comunicação[23]?

[23] Esta pergunta será respondida tanto por Buber como por Levinas ao afirmar que o ser é relação (item 4.2.1.1).

1.2 Neste terceiro capítulo, versaremos sobre a experiência do humano, que possui o desejo e a vontade de falar. Dialogar. Este desejo de encontrar um outro que possa ouvi-lo. Que possa perceber a sua existência, sentir a sua alma. Olhar e ser olhado, tocar e ser tocado. Este ato é de lisura humana, fluxo do pulsar da vida. Enquanto se é vivente, permanece o desejo da comunicação; portanto condição da comunicação é a vida.

1.3 Embora estejamos sob o estado da incomunicabilidade, nossa esperança é de fazer-nos percebidos, falar de nossa alma, exalar o perfume de nosso ser único neste mundo. A esperança é esta chama, pequena luz que teima em não se apagar, pois deseja se comunicar. Esta é a esperança que se renova em ser homem a cada circunstância e mantém-se o desejo para se comunicar. Porém, não podemos esquecer com ingenuidade a nossa condição para a incomunicabilidade (capítulo II). É diante deste dilema que se formula a indagação do terceiro capítulo do nosso trabalho: Há um caminho para a comunicação existir?

2. Pressupostos da comunicação a partir da perspectiva de Martin Buber: diálogo

2.1 Para nós, a questão problematizadora da comunicação se dá em duas manifestações. Primeiramente o Eu. Este eu que está no mundo, passa a ocupar uma existência (tempo e espaço). A segunda manifestação é o Outro, que também está no mundo. Tanto o eu como o outro, existem enquanto relação. É nesta relação que se faz o eu e o outro (item 4.2.2). É daí que definimos como comunicação? Seria o contato entre estas duas manifestações?

2.1.1 A primeira pergunta a ser feita não é o que é comunicação, e sim: é possível nos comunicarmos? Toda definição de comunicação traz uma experiência dos contatos entre a primeira e a segunda manifestação. Aos gregos antigos, esta manifestação da coisa será definida de Ser (ontologia / metafísica). A tradição judaica definira esta manifestação como epifania. As coisas simplesmente emanam, pulsam, manifestam-se em um puro existir. Estão "aí" gratuitamente. Dão-se à percepção de quem quer que seja. A epifania é a presença de algo.

2.2 A presença não exige uma ontologia, não quer uma catalogação da razão, quando a própria razão é uma epifania. A coisa, presente, está para ser contemplada. Toda

tentativa de comunicá-la (sentido usual), é incomunicação. Tentar capturar a presença da coisa (fenômeno puro), é impossível por sua própria natureza.

2.2.1 Exemplifiquemos a epifania. O Eu contempla o pôr do sol às margens de um imenso rio. Tudo o que está aí é manifestação: rio, árvores, vento, sol, eu, cheiro das coisas, tempo, espaço, pessoas, etc. Esta manifestação é vivencial e compõe o fluxo da vida. Tudo está aí gratuitamente, dando-se com nenhuma finalidade. Tentar fotografar ou capturar esta manifestação, decompor esta manifestação em poesia, capturar em filmes é ato de incomunicação, ou seja, uma ingênua tentativa de capturar o fenômeno em si perscrutá-lo e comunicá-lo.

2.3 Caso assumamos uma hipótese positiva sobre a existência da comunicação, necessariamente devemos partir do princípio de que esta passagem reside no homem. A possibilidade de algum tipo de contato entre a primeira manifestação "Eu" e a segunda manifestação "Outro", será chamado por Martin Buber de diálogo[24] (Martin Buber, EU e TU. Ed. Morais, 1974)[25].

3. Diálogo como possibilidade para a existência da comunicação

3.1 Buber coloca duplicidade para a condição do ser homem. Uma primeira possibilidade desta duplicidade é a palavra-princípio EU-ISSO; a segunda é a palavra-princípio EU-TU. "O mundo é duplo para o homem, segundo a dualidade de sua atitude" (p. 53). A atitude para Buber refere-se à postura assumida pelo homem no mundo, como ato essencial de seu ser, esta atitude concretiza-se na palavra-princípio. Buber não se refere necessariamente à linguagem ao tratar da palavra-princípio: "As palavras-princípio não

[24] "O dialogo, em Buber, é uma situação em que eu não possuo o outro, não o submeto; antes, submeto-me a ele. Só há chance de comunicabilidade no diálogo se eu me desvencilhar de mim, de meu ego presunçoso, e aceitar o outro. Não há busca de verdade, conhecimento, informação; eu simplesmente o recebo. Desaparece o fundamento gnosiológico. Volto-me ao outro não porque tenha havido uma proximidade prévia ou por já estarmos substancialmente unidos mas por que o "tu" é o absolutamente outro". (Dicionário de comunicação. São Paulo: Paulus, p. 78.)

[25] Para citação do texto neste trabalho utilizamos a nova impressão, porém mantivemos da antiga a composição em maiúsculo EU-TU própria da expressão buberiana.

exprimem algo que pudesse existir fora delas, mas uma vez proferidas, elas fundamentam uma existência. As palavras-princípio são proferidas pelo ser" (p. 53).

3.1.1 A palavra-princípio fundamenta uma existência. Buber estabelece uma mesma substância para o "ser" e seu modo de "ser". O ser que se manifesta, ao dizer de si, diz o que ele é[26]. Para Buber mais que o ser, é a existência que fundamenta a palavra-princípio. A existência, portanto, é a origem para a possibilidade de ser.

3.1.2 Notemos bem que Buber vincula existencialmente a relação EU-TU ou EU-ISSO. "Se se diz TU, profere-se também o EU da palavra-princípio EU-TU. Se se diz ISSO, profere-se também o EU da palavra-princípio EU-ISSO" (p. 53). Buber não concebe o EU em si, mas o EU da palavra-princípio por si em relação com o TU ou o ISSO. Esta relação é orientada pelo princípio da subordinação, onde o eu se esvazia para acolher. Postura esta que abre o homem, sendo uma passagem para a exterioridade.

3.2 Buber afirma dois fundamentos para a existência do ser: um para o ISSO e outro para o TU.

> Aquele que diz TU não tem coisa alguma por objeto. Pois, onde há uma coisa há também outra coisa; cada ISSO é limitado por outro ISSO; o ISSO só existe na medida em que é limitado por outro ISSO. Na medida em que se profere o TU, coisa alguma existe. O TU não se confina a nada. Quem diz TU não possui coisa alguma, não possui nada. Ele permanece em relação (p. 54)

3.2.1 A palavra-princípio EU-ISSO para Buber, não pode jamais ser proferida pelo ser em sua totalidade. Buber não vê problema moral ou redução epistemológica quando o homem diz sua palavra-princípio EU-ISSO. Afirma Buber ser esta uma experimentação do mundo, porém não a única. Para Buber "o homem explora a superfície das coisas e as experiências" (p. 54). Esta experiência das coisas oferece ao homem um saber sobre a constituição das coisas (ISSO).

---

[26] Porém o "é" que o ser pronuncia não é o "é" da filosofia grega antiga, caracterizado principalmente pela metafísica Aristotélica. Este "é" de Buber traduz-se por manifestação ou presença (estar "ai").

> O experimentador não participa do mundo: a experiência se realiza "nele" e não entre ele e o mundo. O mundo não toma parte da experiência. Ele se deixa experienciar, mas ele nada tem a ver com isso, pois, ele nada faz com isso e nada disso o atinge. (p. 55)

Conclui Buber dos dois fundamentos:

> "O mundo como experiência diz respeito à palavra-princípio EU-ISSO. A palavra-princípio EU-TU fundamenta o mundo da relação". (p. 55)

3.3 Buber nos ajuda a compreender a comunicação quando afirma a idéia de relação. O que se dá "entre" a primeira manifestação EU e a segunda TU (outro) (2.1) é a relação. Infere Buber três esferas para o mundo das relações: natureza, homem e Deus. Independente da natureza destes três elementos, o EU pode estabelecer a relação ISSO no entanto, insiste Buber, existe a possibilidade de uma relação total (TU).

> A árvore não é uma impressão, um jogo de minha representação ou um valor emotivo [*ISSO – acréscimo nosso]*. Ela se apresenta "em pessoa" diante de mim e tem algo a ver comigo e, eu, se bem que de modo diferente, tenho algo a ver com ela. Que ninguém tente debilitar o sentido da relação: relação é reciprocidade... Não é a alma da árvore ou sua dríade que se apresenta a mim, é ela mesma. (p.56-57)

3.4 Buber supera o horizonte do ser (ontologia) clássico grego aristotélico e platônico quando pensa a existência. Para Buber, não é o ser que define a existência ou a existência o ser, porém a relação que se estabelece com os seres. O EU, si-mesmo ainda o Ser não é uma substância ou uma essência identificatória como deseja Parmênides (II parte, item 9), mas relação. Diferentemente do que pensava Aristóteles as coisas, para Buber, não possuem um fundamento último (ente), como também não se encontram em estado puro como deseja Platão, as coisas e o próprio ser se fazem na relação que é atual.

> Não se supera esta dualidade fundamental pela invocação de um "mundo de idéias", como um terceiro elemento acima de quaisquer contradições. Pois, eu estou falando, na verdade, do homem atual, de ti e de mim, de nossa vida e de nosso mundo e não de um EU em si ou de um ser em si. Para este homem atual o limite atravessa também o mundo das idéias. (p. 60)

3.4.1 As coisas se dão na relação e "relação é reciprocidade" (p. 56). O que temos é a presença das coisas no mundo, dada agora neste exato momento. As relações não se estabelecem jamais identificatoriamente, caso contrário é a palavra-princípio EU-ISSO. Para Buber, é no encontro que ocorre a relação, sendo esta plena somente na palavra-princípio EU-TU. Aqui o homem afirma-se em sua totalidade e vive de sua humanidade em profundidade, abrindo-se para a vivência do diálogo.

4. Homem com a palavra-princípio EU-TU abre-se para o acontecimento da comunicação

4.1 A palavra-princípio é um ato essencial do ser por primeiro, uma afirma o objeto (ISSO), a outra a presença (TU). Para Buber, "o EU se realiza na relação com o TU; é tornando-se EU que digo TU. Toda vida atual é encontro". (p. 59)

> A relação com o TU é imediata. Entre o EU e o TU não se interpõe nenhum jogo de conceitos, nenhum esquema, nenhuma fantasia; e a própria memória se transforma no momento em que passa dos detalhes à totalidade. Entre EU e TU não há fim algum, nenhuma avidez ou antecipação; e a própria aspiração se transforma no momento em que passa do sonho à realidade. Todo meio é obstáculo. Somente na medida em que todos os meios são abolidos, acontece o encontro. (p. 59)

4.1.1 É na palavra-princípio EU-TU que se dá a presença, o encontro e a relação. Aqui está o ambiente apropriado para o diálogo. "Presença não é algo fugaz e passageiro, mas o que aguarda e permanece diante de nós" (p. 60). Questiona Buber: Que experiência pode-se então ter do TU? Nenhuma, pois não se pode experienciá-lo. Ainda: O que se sabe então a respeito do TU? Somente tudo, pois, não se sabe, a seu respeito, nada de parcial (p. 58). Tal é a natureza da relação estabelecida entre EU-TU.

4.2 Buber, na palavra-princípio EU-TU, observa o evento do encontro, onde não há barreiras para a relação. O EU está na presença do TU e o TU está na presença do EU. Esta presença se constitui de materialidade total, possibilidade vivencial plena. "... mas é melhor a violência sobre um ente realmente vivenciado, do que a solicitude fantástica para com números sem face" (p. 67). A relação é intensa e se dá o diálogo entre o EU e o TU, sem

nenhuma barreira, pois ainda não foi erigida a palavra-princípio EU-ISSO; palavra de separação. “A frase erigiu a barreira entre sujeito e objeto; a palavra-princípio EU-ISSO, a palavra de separação, foi pronunciada” (p. 67).

4.2.1 O TU está condenado a tornar-se um ISSO, sempre retornar à coisidade (p. 63). O que faz da palavra-princípio EU-TU um acontecimento, um evento. Sabendo que o ISSO pode vir a ser TU para o EU e o TU pode vir a ser ISSO para o EU.

> Todavia, a grande melancolia de nosso destino é que cada TU em nosso mundo deve tornar-se irremediavelmente um ISSO. Por mais exclusiva que tenha sido a sua presença na relação imediata, tão logo esta tenha deixado de atuar ou tenha sido impregnada por meios, o TU se torna um objeto entre os objetos, talvez o mais nobre, mas ainda um deles, submisso à medida e à limitação. A atualização da obra em certo sentido envolve uma desatualização em outro sentido. A contemplação autentica é breve; o ser natural que acaba de se revelar a mim no segredo da ação mútua, se torna um simples ponto de interseção de vários ciclos de leis. E o próprio amor não pode permanecer na relação imediata; ele dura, mas numa alternância de atualidade e de latência. O homem que, agora mesmo era único e incondicionado, não somente à mão, mas somente presente, que não podia ser experienciado, mas somente tocado, torna-se de novo um ELE ou ELA, uma soma de qualidades, uma quantidade com forma. Agora eu posso, de novo, extrair dele o colorido de seus cabelos, de sua voz ou de sua bondade; porém enquanto eu fizer isso, ele não é mais meu TU ou não se transformou ainda novamente em meu TU. (p. 63)

4.2.1.1 O que permanece é a relação. Buber insiste em sua obra “No começo é a relação” (p. 63) e “relação é reciprocidade” (p. 62). O homem é assumido em Buber não como ser racional ou simbólico mas, sobretudo como ser relacional. O homem busca o encontro, busca o TU, deseja a relação, torna-se pleno no encontro com o TU. A relação entre o EU e o TU acontece de forma plena, pois um está na presença do outro. Constitui o que Buber chama do face-a-face (próprio do diálogo) . É nesta reciprocidade que acontece a revelação das coisas, a manifestação do ser e não o seu aniquilamento puramente racional pela via do conhecimento. Os instrumentos da comunicação (linguagens, sons, signos, imagens etc) neste evento do encontro face-a-face são uma redução, portando um ISSO.

> No princípio é a relação, como categoria do ente, como disposição, como forma a ser realizada, modelo da alma; o *a priori* da relação; o TU *inato*. Quando se vive numa relação

> realiza-se, neste TU encontrado, a presença do TU inato. Fundamentando-se no a priori da relação, pode-se acolher na exclusividade este TU, considerado como um parceiro; em suma, pode-se endereçar-lhe a palavra-princípio. (p. 70)

4.2.2 O que há é a relação (*a priori*) e as coisas que vão se revelando em presença (*a posteriori*). Não há um EU ou um TU determinado e conhecido, com linguagem própria, estruturado e significado. O EU e o TU dependem da relação para tornarem-se presença um para o outro, necessitam do encontro para acontecerem. O EU e o TU isolados, sem o "entre" apenas são o EU e o TU e não o EU-TU. A presença constitui-se como revelação, a partir do ato fundamental da relação.

4.2.2.1 Aplicando a concepção de Martin Buber à problemática da comunicação, tratada neste trabalho, notemos bem que a questão não é ampliar os meios de comunicação ou torná-los mais eficientes quanto à imagem e às tecnologias. Os signos, as imagens, a voz e todos os outros sinais comunicativos como as técnicas são reduzidas ao nada diante da presença (TU). A questão posta é totalmente outra. A possibilidade da comunicação se dá na relação do face-a-face (EU-TU).

> O TU se revela, no espaço, mais precisamente, no face-a-face exclusivo no qual tudo o mais aparece como cenário, a partir do qual ele emerge, mas que não pode ser nem seu limite nem sua medida. Ele se revela, no tempo, mas no sentido de um evento plenamente realizado, que não é uma simples parte de um série fixa e bem organizada, mas sim o tempo que se vive em um "instante", cuja dimensão puramente intensiva não se define senão por ele mesmo. O TU se manifesta como aquele que simultaneamente exerce e recebe a ação, em estar, no entanto, inserido numa cadeia de causalidades, pois, na sua ação recíproca com o EU, ele é o princípio e o fim do evento da relação. (p. 71-72)

Sabendo do TU, quando o EU se torna EU?

> O homem se torna EU na relação com o TU. O face-a-face aparece e se desvanece, os eventos de relação se condensam e se dissimulam e é nesta alternância que a consciência do parceiro, que permanece o mesmo, que a consciência do EU se esclarece, aumenta cada vez mais. De fato, ainda ela aparece somente envolta na trama das relações, na relação com o TU, como consciência gradativa daquilo que tende para o TU sem ser ainda o TU. Mas, essa consciência do EU emerge com força crescente, até que, um dado momento, a ligação se

> desfaz e o próprio EU se encontra, por um instante, diante de si, separado, como se fosse um TU, para tão logo retomar a posse de si e daí em diante, no seu estado de ser consciente entrar em relações. (p. 70)

4.2.2.2 Para tornarmo-nos humanos e vivermos enquanto humanos, nós precisamos do TU. Portanto, o ato próprio do humano é se relacionar, tornando-o um ser relacional. É o tipo de relação que estabelecemos que diz quem somos. Ato próprio da relação em um primeiro momento, é o diálogo.

4.3 Para Buber, as coisas assumem presença no mundo. Não há um espaço reservado ou técnicas para que a presença se dê e o encontro aconteça, muito menos medidas e comparações, métodos ou qualquer outra forma de recurso que forjem a presença. O encontro entre EU-TU não está fixado ou agendado, ele é gratuito e fortuito, ainda é um encontro EU-TU e não há terceiros envolvidos, evento exclusivo.

> Os encontros não se ordenam de modo a formar um mundo, mas cada um dos encontros é para ti um símbolo indicador da ordem do mundo. O mundo que assim te aparece não inspira confiança, pois ele se revela cada vez de um modo e, por isso, não podes lembrar-te dele. (p. 73)

O mundo e as coisas do mundo não estão terminados. Há constantemente a epifania da presença, sempre de uma relação ainda não vivida; uma revelação e uma criação.

> Ele não é denso, pois nele tudo penetra tudo; ele não tem duração, pois vem sem ser chamado e desaparece quando se tenta retê-lo. Ele é confuso, se tu quiseres esclarecê-lo, ele escapa, se ele não te encontra, se dissipa; ele virá novamente, sem dúvidas, mas transformado. (idem)

O mundo não está fora do EU, permanece no EU e o EU nele.

> Ele repousa no âmago de teu ser, de tal modo que, se te referes a ele como “alma de minha alma”, não dizes nada de excessivo. Guarda-te, no entanto, da tentativa de transferi-lo para a tua alma, TU o aniquilarias. Ele é teu presente, e somente na medida em que o tiveres como tal é que terás a presença; podes fazer dele teu objeto, experienciá-lo e utilizá-lo, aliás, deves proceder assim continuamente, mas, então não terás mais presença alguma. Entre ele e ti

> existe a reciprocidade da doação; tu lhe dizes TU, e te entregas a ele; ele te diz TU e se entrega a ti. Não podes entender-te com ninguém a respeito dele, és solitário no face-a-face com ele, mas ele te ensina a encontrar o outro e a manter o seu encontro. (idem)

4.4 A proposta de Buber é desconcertante, pois coloca a questão central da comunicação o Eu e o Tu como relação. O lugar da comunicação por excelência não é o meio ou as técnicas, como também o seu conteúdo, mas o homem. O homem é o portador da palavra-princípio. Este, ao falar a sua palavra-princípio, realiza o ato humano de se comunicar para Buber. Esta comunicação ocorre no encontro da presença EU e da presença TU, sem nenhum tipo de separação entre os dois. Não há mentira, falsidade ou a fragilidade da linguagem entre o EU-TU. É a presença que garante este evento.

4.4.1 O TU convoca o EU a sair de si mesmo para dialogar face-a-face. O dialogo é processo revelador que marca o corpo, tamanho o grau de materialidade e constituição do mundo. Este enfrentamento exige do homem audácia para se comunicar, convoca a dizer sua palavra-princípio, convoca o ser a assumir sua humanidade, a ser humano. Este ato convoca o homem a viver a sua carne, tocar o mundo, estar face-a-face com o TU.

4.4.2 Todavia, o homem do sistema planetário de comunicação está habituado às ciências, às técnicas, às imagens, aos sons, aos meios que lhe possibilitam a mais perfeita interface. Como este homem pode dizer a sua palavra? De onde lhe vem a força necessária para se pôr em relação com o TU? Este homem que está condenado a ser isolado, privado da oferta e do encontro.

5. Quem provoca o EU?

5.1 O desafio posto por Buber é o viver face-a-face, dizer a palavra-princípio EU-TU. O homem do sistema planetário de comunicação é confiante em seus artefatos: ciência, razão, técnica, linguagens, religiões, leis, etc. Buber vê nesta confiança “ruídos de passos cambaleantes”.

> Estes, porém, indiferentes e incapazes para tal contato vivo que lhes abriria o mundo, estão bem informados. Eles aprisionam a pessoa na história, e seus ensinamentos nas bibliotecas; eles codificam indiferentemente o cumprimento ou a violação das leis, e são pródigos na autoveneração ou mesmo na auto-adoração sempre bem camuflada com a psicologia, como

> é próprio do homem moderno. Oh! semblante solitário como um astro na escuridão. Oh! Dedo vivo colocado sobre uma fronte insensível. Oh! ruídos de passos cambaleantes. (p. 79)

Esta é uma relação que carece de presença. “O objeto deve consumir-se, desaparecer para se tornar presença, retornar ao elemento de onde veio para ser visto e vivido pelo homem como presença” (p. 77). A exclusividade da presença é percebida pelo ato da contemplação que leva ao fenômeno mesmo (idem).

5.2 No ato contemplativo do EU-TU, não se busca conhecer, relacionar coisas entre coisas ou processos entre processos, mas sim contemplar a presença. Presença esta, plena. O que surge do ato contemplativo (relação) é o silêncio e não os signos.

> Somente o silêncio diante do TU, o silêncio de todas as línguas, a espera silenciosa da palavra formulada, indiferenciada, pré-verbal, deixa ao TU sua liberdade, estabelece-se com ele na retenção onde o espírito não se manifesta, mas está presente (p. 77).

5.2.1 O espírito está entre o EU e o TU, ele é a resposta do homem a seu TU (p. 76). Buber contempla outras dimensões do ser humano, não diretamente percebidas pela palavra-princípio EU-ISSO. É na palavra-princípio EU-TU que o ser humano se completa totalmente, pois se abre para a transcendência. O espírito permanece no mundo e nos faz um com o todo e todo com o um.

5.2.2 A palavra-princípio EU-TU provoca transformações no mundo, pois o espírito é realidade. Há uma estreita ligação e permanência na história do espírito, manifestação do EU-TU, chamada de atualidade. A vida se dá neste constante fluir atual, não há plágio ou terceira realidade (II parte, item 7.5 – 7.7) constituída apenas a palavra-princípio EU-TU. Dizer TU é ato de inteligência do homem, mudança qualitativa na história onde nasce a comunidade do amor.

> Esta comunidade de amor deve florescer quando pessoas se agrupam pela manifestação de um livre sentimento e resolvem viver juntas. Mas isso não é assim; a verdadeira comunidade não nasce do fato de que as pessoas têm sentimentos umas para com as outras (embora ela não possa, na verdade, nascer sem isso), ela nasce de duas coisas: de estarem todas em relação viva e mútua com um centro vivo e de estarem unidos uns aos outros em uma relação viva e recíproca. (p. 80)

5.3 A palavra-princípio EU-TU é um ato essencial do espírito, que convoca o EU para a conversão ao TU. Esta conversão inaugura rupturas com o ISSO, com o não pertencimento à atualidade, com a massa inerte que nada possui de real.

> O dogma do curso inelutável das coisas não deixa, porém, lugar à liberdade, nem para a revelação mais concreta, aquela cuja força serena modifica a face da terra; a conversão. Este dogma desconhece o homem que pode vencer a luta universal pela conversão; aquele que rompe, pela conversão, as amarras dos impulsos de utilização; aquele que se liberta pela conversão do fascínio da sua classe; aquele que, mediante a conversão, pode resolver, rejuvenescer, transformar quadros históricos mais seguros... E tornar-se livre significa libertar-se da crença na servidão. (págs 88-89)

5.3.1 A revelação acontece para o EU, a face se revela, o encontro acontece, o TU é dado na medida em que o EU esvazia de si mesmo. A conversão ao TU é exigente, pois rompe com a sensibilidade e com o modo de conhecer do ISSO. O EU sofre uma "queda" um desconcerto diante da face, ele se converte ao TU, esvaziando-se de si mesmo. Abrir-se à relação significa não reter nada para si. "...permitir alcançar a raiz profunda que o homem chama desespero e de onde brotam a autodeterminação e a regeneração, isto já seria o início da conversão" (p. 91).

> Àquele que se esquece de toda causalidade e toma uma decisão do fundo de seu ser, àquele que se despoja dos bens e da vestimenta para se apresentar despido diante da Face, a este homem livre, o destino aparece como réplica de sua liberdade. (p. 86)

5.4 O TU convoca o EU para dizer a sua palavra-princípio no mundo. Porém, há o homem desventurado, é aquele que não diz a sua palavra. Ele é uma "matéria inerte". A convocação é para mudar a relação do EU com o mundo, converter-se ao TU. O EU está convocado a tomar uma resolução frente ao mundo, estabelecer uma nova relação, presenciar o mundo.

6. ISSO

6.1 O ISSO abandonado a si mesmo aliena-se. Seu mundo está privado de graça, da oferta, do encontro, da presença, do diálogo, é um egótico. Como propõe Buber, "a pessoa aparece no momento em que entra em relação com outras pessoas" (p. 92), o egótico corre o risco de nunca ser pessoa. Encapsulado em si, o egótico, não abre a passagem para a relação.

> O EU da palavra-princípio EU-TU é diferente do EU da palavra-princípio EU-ISSO. O EU da palavra-princípio EU-ISSO aparece como egótico e toma consciência de si como sujeito (de experiência e utilização). O EU da palavra-princípio EU-TU aparece como pessoa e se conscientiza como subjetividade (sem genitivo dela dependente). O Egótico aparece na medida em que se distingue de outros egóticos. (p. 92)

Ainda:

> A pessoa contempla-se o seu si-mesmo, enquanto que o egótico ocupa-se com o seu "meu": minha espécie, minha raça, meu agir, meu gênio. (p. 93)

O egótico afirma a palavra-princípio EU-ISSO, não participando da atualidade.

> O egótico não só não participa como também não conquista atualidade alguma. Ele se contrapõe ao outro e procura, pela experiência e pela utilização, apoderar-se do máximo que lhe é possível. Tal é a *sua* dinâmica: opor-se à parte e à tomada de posse; ambas operações se passam no ISSO, no que não é atual. (p. 93)

6.2 O ISSO atira o EU na inatualidade, pois não há relação com o TU. As coisas, os eventos não permanecem nele, não há vida. Buber propõe ainda um terceiro tipo de EU, aquele EU que é incapaz de relacionar-se, não há atualidade, a vida lhe falta.

> Este terceiro tipo de EU, ao lado da pessoa e do egótico, que não é nem o homem livre nem o homem do arbitrário, nem se situa entre eles, existe, postado de uma maneira fatal, nas grandes épocas do destino; todos se entusiasmam ardentemente por ele, enquanto que ele próprio permanece em um fogo gélido; aquele ao qual milhares de relações se dirigem, mas

> da qual nenhuma provém; ele não participa de nenhuma atualidade, mas ele é como uma atualidade da qual todas participam intensamente. (p. 96)

7. Desestabilidade das certezas

7.1 O homem que não prova no mundo o TU, se introverte. Permanece em um lugar onde não é possível a revelação, impossibilita a relação, fecha-se ao diálogo e enfrenta a autocontradição de si mesmo. Este recorre a falsificações para sua existência: religião, arte, ciência, razão, etc. Torna-se irrealizado, não autêntico e adormece em profundos tormentos. Angustia-se, pois possui o desejo para relacionar-se, mas está alienado.

7.2 Toda artificialidade das linguagens são inautenticidade, pois ele em si mesmo não é autêntico e carece de atualidade.

> Ele chama para si o pensamento no qual ele, com razão confiou profundamente: tal pensamento deve remediar tudo. Não é a grande arte do pensamento o fato de pintar uma imagem do mundo cheia de confiança e digna de fé? Assim fala o homem aos seus pensamentos: "Veja este monstro terrível estirado aí com seus olhos cruéis, não é, por acaso, o mesmo com o qual eu brincava outrora?... E o pensamento dócil e habilidoso pinta, com sua rapidez bem conhecida, uma, ou antes, duas séries de imagens sobre as paredes da direita e da esquerda... (p. 98)

7.2.1 O homem que não diz sua palavra, fechou-se sobre si mesmo. Porém, vive em grande autocontradição, pois é inautêntico. Instaura-se uma grande desestabilidade, pois o recurso a que este homem recorre também é inautêntico e não atual (ISSO). As certezas oferecidas pelas bases mais sólidas vêm-se estremecidas: certezas da razão e da própria fé, pois ambas não são autênticas.

7.3 Instaura-se na vida do homem a grande fragilidade de sua existência, o terror de ter estabelecido relações que não possuem autenticidade e atualidade. Seu existir derreteu-se no ISSO ou na palavra-princípio não pronunciada. Este homem estremece sobre si-mesmo, diante do nada.

> Doravante, quando o homem estremece na alienação e o mundo o angustia, ele levanta o olhar (para a direita ou para a esquerda, pouco importa) e avista uma imagem. Então, ele vê

> que o EU está contido no mundo e que, na verdade não há EU, e, por isso, o mundo não pode prejudicá-lo, e, então ele se tranqüiliza; ou, então ele vê que o mundo está contido no EU, e que, afinal, não há mundo, e, por isso, ele também não pode prejudicar o EU, o que tranqüiliza também. E uma outra vez, quando o homem se estremece na alienação e o seu EU o aterroriza, ele levanta os olhos e vê uma imagem , pouco importa qual: ou o EU vazio está totalmente repleto de mundo ou submerso na torrente do mundo, e ele se tranqüiliza. Porém, chega um momento, que, aliás, está próximo, em que o homem que estremece levanta os olhos e vê, num só relance, as duas imagens de uma vez. E então um tremor mais profundo se apodere dele. (p. 98-99)

8. Homem: ser relacional

8.1 O homem constitui-se como ser na relação; portanto ele é um ser relacional. Em seu caminho, o EU conhece apenas o seu caminho, quando encontra um outro homem este também possui o seu caminho. O encontro é fundamental para que o caminho de cada um seja conhecido por ambos. O encontro com o outro caminhante não está determinado; é um acontecimento. O homem, quanto mais ilhado em seu si mesmo (ISSO), mais exigente deve ser sua conversão para encontrar-se com o TU.

8.2 O EU, ao dizer a sua palavra-princípio TU, encontrou o outro EU caminhante que ouve e acolhe a palavra do outro. Este caminhante também diz sua palavra-princípio TU e acontece o encontro.

8.2.1 Assim como o espírito, as coisas não estão no EU e nem no TU, como dois núcleos que em si guardam a oferta ao TU. Tanto o EU quanto o TU nada possuem, nada retém para si. São presença. O que existe no evento relacional é o que está "entre" o EU-TU.

> O que já foi dito a respeito do amor, vale aqui com maior razão: os sentimentos simplesmente acompanham o fato da relação, que não se realiza na alma, mas entre o EU e o TU. (p. 105)

8.2.2 A atualidade do mundo ocorre no "*entre"* da relação EU-TU, sendo esta ação pura. O homem no mundo é atual quando está em relação com o TU. O EU ensimesmado (ISSO) está desatualizado, não possui acontecimento, não faz o encontro, não fala. O EU-ISSO não possibilita o "entre", está ausente da vida e do mundo. Dizer a palavra-princípio

EU-TU, é provocar o acontecimento do entre, onde o ouvir e o falar se dão em ato da presença do EU e do TU.

> Não depende, porém, do fato de eu "afirmar" ou "negar" o mundo em minha alma, mas do fato de eu transformar em vida minha atitude de alma diante do mundo, uma vida que atua no mundo, uma vida atual; e numa vida atual podem cruzar-se caminhos que provêm de atitudes de almas bem diferentes. Porém, aquele que se contenta em vivenciar sua atitude, e somente realizá-la em sua alma, pode ser bem rico em pensamentos, mas é sem mundo, e todos os jogos, as artes, a embriaguês, os entusiasmos e mistérios que nele se passam não atingem nem mesmo a pele do mundo. Enquanto alguém se liberta somente em seu si-mesmo, não pode fazer nem bem nem mal ao mundo, não importa ao mundo. Somente aquele que crê no mundo pode ter algo a ver com o mundo. (p. 114)

8.3 O "entre" está entre o EU e o TU, a acolhida do que está entre o EU e o TU no ouvir e no falar, constitui o diálogo. Porém, este diálogo não é retenção de algo e sim uma passagem. Constituímo-nos como taças vazadas. Ambiente próprio para acolher, porém nunca cheio, sempre esvaziado. A taça vazada não possibilita a posse, a identificação, o domínio. Ela é relacional. O que está "entre" é revelado no caminhar relacional da palavra-princípio EU-TU.

> A estrada não é, porém, circular. Ela é o caminho. Em cada novo Éon, a fatalidade se torna mais opressora, a conversão mais assoladora. E a teofania se torna cada vez mais *próxima*, ela se aproxima sempre mais da esfera *entre seres*, se aproxima do reino que se oculta no meio de nós, no "entre". A história é uma aproximação misteriosa. Cada espiral do caminho nos conduz igualmente a uma perdição mais profunda e a uma conversão mais originária. (p. 130)

8.4 O homem relacional compõe-se em três grandes esferas: 1. É a vida com a natureza, onde a relação permanece no limiar da linguagem 2. É a vida com os homens, onde a relação toma forma de linguagem 3. É a vida com os seres espirituais, onde a relação embora sem linguagem, gera a linguagem (p. 118). Da vida com a natureza extrai-se o mundo físico, as coisas que são consistentes; da vida com os homens extrai-se o mundo psíquico, dos afetos; e da vida com os seres espirituais extrai-se o mundo noético (validade) (p. 119).

8.4.1 O homem ocupa a centralidade nestas três esferas, pois é a porta de entrada para as mesmas. Todavia Buber, contempla o homem em relação completa e total, quando admite as três esferas.

> Entre as três esferas uma se destaca: é vida com os homens. Aqui a linguagem se completa como seqüência no discurso e na réplica. Somente aqui, a palavra explicitada na linguagem encontra sua resposta. Somente aqui, a palavra-princípio é dada e recebida da mesma forma, a palavra da invocação e a palavra da resposta vivem numa mesma língua, o EU e o TU não estão simplesmente na relação, mas também na firme integridade. Aqui, e somente aqui, há realmente o contemplar e o ser-contemplado, o reconhecer e o ser-reconhecido, o amar e o ser-amado. (p. 119)

8.5 A relação EU-TU é exclusiva, marcada pela individuação e, portanto, limitada pelo TU. A relação é limitada por seu outro e esta é a condição da mesma. Somente na relação TU eterno em que inclusividade e exclusividade se conciliam.

8.5.1 Outra característica que compõe a palavra-princípio EU-TU é a fragilidade da aparição do TU. Este é condenado a se tornar um ISSO e sua aparição é como o instante de um olhar, sempre de passagem, uma fresta que se abre e logo se fecha. Podemos apenas presenciá-lo em sua eventualidade.

> A rotação do eixo universal que inaugura o evento da relação havia sucedido quase imediatamente outra, que coloca um fim nela. Há pouco, o mundo do ISSO nos envolvia, o mundo do TU havia emanado das profundezas no instante de um olhar e agora já caiu de novo no mundo do ISSO. (p. 116)

9. O homem como ser relacional em ato é Palavra convocada ao silêncio. “O silêncio imperativo da forma que aparece, a linguagem amante, o mutismo anunciador da criatura: todas são portas na presença da Palavra”. (p. 119) No ato da relação TU o que existe é o silêncio, neste vive a Palavra que deve ser ouvida. Silêncio para ouvir a natureza, o homem e o TU eterno. Aqui reside o ato contemplativo que suprime as linguagens: o silêncio.

9.1 O silêncio implica a solidão. A solidão entendida como a presença nua das coisas onde se manifesta o TU, ali se está só e em relação.

> Se solidão significa afastar-se do comércio com as coisas de experiências e utilização, então ela é sempre necessária, não só para a relação suprema, mas, sobretudo para o ato de relação. Porém, se se compreender a solidão como ausência de relação, não é aquilo que abandonou os seres que serão acolhidos por Deus, mas aquele que foi deixado pelos seres aos quais ele endereça o TU verdadeiro. (p. 120)

9.2 O espírito está "entre" o EU e o TU e a Palavra é a alma do espírito, pois no princípio é a Palavra que está e age sobre o mundo de forma plena. Há uma estreita relação entre a vida (mundo) e o espírito (*Ruah* – espírito \ vento). O Ruah endereça-se à vida e não ao intelecto, atualiza o mundo. A Palavra está no princípio de tudo e é um princípio ativo, criador e transformador. A Palavra permanece no EU-TU, ela possibilita a palavra-princípio TU. Esta Palavra é decomposta quando emerge o ISSO. No lugar da Palavra temos as linguagens, diretamente em relação com o ISSO.

10. (a) Implicações sobre a incomunicabilidade humana

10.1 O homem é um ser que se faz homem na relação. Relação esta que se manifesta em três esferas: natureza, homem e Deus. O homem relacional diz sua palavra-princípio plenamente no EU-TU. Este homem relacional encontra o seu TU, este faz-se presença e atualidade no mundo. A relação plena se dá na palavra-princípio TU, sendo o homem a porta de entrada das três esferas.

10.1.1 Para Buber o homem é relacional. Esta afirmação significa que o homem é capaz de sair de si (de suas percepções, suas paixões, sua racionalidade, seus conhecimentos, subjetividades etc) e dizer o seu TU. Reconhecer o outro. O homem relacional pode tocar o outro homem (TU), dizer uma palavra, ouvir. Ao dizer TU, o homem afirma a sua humanidade, pois penetra na alma do outro homem intimamente. Sente com ele e atravessados por um "entre", habitam o espaço sagrado do face-a-face, lugar essencial do humano. Um homem que toca a alma do outro homem torna-se mais humano!

10.1.1.2 É diante deste enfoque e diante de todas as reflexões de Buber, comentadas e sintetizadas nos itens anteriores, que finalmente vêm à tona de novo a questão dos meios de comunicação planetário. A indagação que se põe diante deles é a seguinte: Será que eles de fato nos põem em relação? Os meios de comunicação planetário possibilitam sim uma grande fluidez dos signos, porém estes nos proporcionam a relação EU-TU? Os meios de comunicação planetários possibilitam eficientemente a interface, alocando-se entre a relação eu e o outro, será ainda possível o encontro face-a-face? Contudo, percebemos um esvaziamento da presença da face do outro. Esta se torna cada vez mais distante, ausente, sem presença. A imagem ou qualquer signo que represente a face do outro não me vincula diretamente à presença da face de Outrem, pois é um meio.

10.1.2. A partir dos critérios de Buber, devemos dizer que a relação entre o homem e os meios de comunicação planetário é uma relação duvidosa, que mais atende o reforço do EU-ISSO que de fato uma relação EU-TU. Mas, o número cada vez maior de dados, transmitidos com uma velocidade cada vez maior, impossibilita até o estabelecimento desta relação. Progressivamente, o EU é aniquilado debaixo de um ISSO cada vez maior, cada vez mais complexo, e que muda com uma freqüência cada vez mais acelerada. A conseqüência deste fato é que em escala crescente, nem uma relação EU-ISSO pode ser estabelecida. O homem como ser relacional fica isolado diante de um ISSO que se tornou auto-suficiente e redundante (absoluto). As respostas ao ISSO, por sua vez são dadas por sistemas automatizados, de tal maneira que o ser humano relacional se vê reduzido ao papel de espectador mudo, excluído de toda possibilidade de comunicação. As suas tentativas de participar do sistema só perturbariam o funcionamento deste sistema. É ele que toma as decisões, baseado em redes eletrônicas muito mais velozes do que o cérebro humano. Como resultado de tudo isso, o homem se torna desprovido de toda possibilidade de comunicação, mero elemento a ser manipulado pelo sistema do ISSO, conforme as necessidades e os interesses deste sistema.

10.2 O ser humano relacional, ao dizer a palavra-princípio EU-TU, atualiza o mundo provocando eventos e acontecimentos. Os meios de comunicação planetários usurpam a vida destes eventos, duplicando imagens e sons capturados (I Parte, obra de ref. I). Falsificam a história ou mesmo fabulam eventos. Os meios de comunicação planetário aspiram à extensão temporal, a duração sobrevive à relação EU-ISSO. Tudo o que é

transmitido pelos meios de comunicação planetários já não pertence mais ao fenômeno puro do acontecer. São elementos inautênticos, apresentados conforme interesses de sistemas que seguem as suas próprias leis: as leis do mercado, as leis do lucro, as leis da eficiência, e as próprias leis operacionais de um sistema entrelaçado e as leis da própria redundância do sistema. A conseqüência deste fato é que na época virtual de hoje, os meios de comunicação formam um sistema autônomo e absoluto, que funciona na base de sistemas eletrônicos independentes dos sistemas vivos da consciência humana. Visto a partir da perspectiva dos sistemas virtuais, os parâmetros humanistas e tradicionais dos sistemas vivos se tornam obsoletos; e com isso também a exigência de uma relação EU-TU.

10.3 Em última instância, o estado da incomunicabilidade, instala-se na relação eu e o outro. Os espaços sociais, assim como o "entre" da relação eu e o outro, está habitado por algum signo, algum meio de comunicação. Estes pretendem substituir a presença da face de Outrem. Os homens vêem-se cada vez mais distanciados uns dos outros, pois obstruíram as veias de relação entre si, o espaço para o encontro face-a-face é minimizado. Esta situação remete o homem a não perceber mais a face do outro homem e cada vez mais afirmar a palavra princípio EU-ISSO. A palavra princípio EU-TU, lugar de completude humana, não encontra espaço e nem condições para manifestar-se. Esta é a nossa condição, a de incomunicabilidade, pois não há espaço para o homem dialogar, encontrar-se face-a-face. A incomunicabilidade fecha o homem existencialmente em si mesmo, cuja afirmação máxima é o "meu" ou a "minha", porém não estabelecendo relação, ele não existe.

11. Pressupostos da comunicação a partir da perspectiva de E. Levinas: a alteridade

11.1 O homem relacional encontra-se entre a primeira manifestação (EU) e a segunda manifestação (OUTRO) ou aquilo que não sou eu, de alguma forma estabelecendo relação entre a primeira e a segunda natureza: seja política, cultura, economia, religião, trabalho etc. Pensemos a comunicação EU-TU. Ela sempre será EU-TU. Emmanuel Levinas em sua obra *Totalidade e Infinito: ensaio sobre a exterioridade* instiga-nos a pensar numa questão essencial para a comunicação em nossos dias: a exterioridade ou alteridade.

11.2 As coisas no mundo podem por um lado constituir “o Mesmo”. São coisas que conheço, me são familiares, tudo está ordenado e identificado, estabeleço uma certa ordem e eu denomino este mundo de minha “casa” (p. 19). Onde o Eu habita é a casa, o lugar do mesmo. A alteridade está incorporada à minha identidade de pensante ou possuidor, para constituir o mundo do “Mesmo”. Porém alteridade é exterioridade radical, está fora de minha casa.

> Dessas realidades, posso “alimentar-me” e, em grande medida, satisfazer-me, como se elas simplesmente me tivessem faltado. Por isso mesmo, a sua alteridade incorpora-se na minha identidade de pensante ou de possuidor. (p. 19)

A identidade do Mesmo é o egoísmo.

> A identificação do Mesmo não é o vazio de uma tautologia, nem uma oposição dialética ao Outro, mas o concreto do egoísmo. (p. 24)

O mesmo identifica-se, permanece, fixo, possui e constitui o poder.

> Ora a verdadeira e original relação entre eles, e onde o eu se revela precisamente como o Mesmo por excelência, produz-se como *permanência* no mundo. A *maneira* do Eu contra o “outro” do mundo consiste em *permanecer*, em *identificar-se* existindo aí *em sua casa*. Habitar é a própria maneira de *se manter*; não como a famosa serpente que se agarra mordendo a sua cauda, mas como o corpo que, na terra, exterior a ele, *se* agüenta e *pode*. O “em sua casa” não é um continente, mas um lugar onde *eu posso*... (p. 24)

11.2.1 Na constituição do mesmo está o mundo do Ser (metafísica), cuja afirmação máxima é “o Ser é” e o “não ser não é”. O Mesmo, cuja casa é conhecida, busca assegurar sua identidade e conclui-se na totalidade de si mesmo. A vida e o mundo para o Mesmo constituem esta totalidade, onde não cabe mais o Outro. Potencialmente a totalidade caminha para um absolutismo, como é o caso do programa nazista ou ainda do sistema planetário de comunicação.

11.3 Levinas instaura no reino do Mesmo o reino do Outro. A afirmação desconcertadora de Levinas é que não somos seres para o “Mesmo” e sim seres para o “Outro”. Assim como Buber, Levinas afirma o homem como ser relacional. Há para

Levinas, uma separação absoluta entre o Mesmo e o Outro, que constitui a ipseidade de cada coisa. É esta ipseidade que constitui a cada coisa ser uma outra coisa. Esta separação entre o Mesmo e o Outro é preenchido pela relação.

> A irreversibilidade não significa apenas que o Mesmo vai para o Outro, diferentemente de como o Outro vai para o Mesmo. Essa eventualidade não entra em linha de conta: a separação radical entre o Mesmo e o Outro significa precisamente que é impossível colocar-se fora da correlação do Mesmo e do Outro para registrar a correspondência ou a não-correspondência desta ida a este regresso. De outro modo, o Mesmo e o Outro encontrar-se-iam reunidos sob um olhar comum e a distância absoluta que os separa seria preenchida. (p. 22)

11.3.1 Há um espaço entre o Mesmo e o Outro que é preenchido por um "olhar comum" (o "entre"). São os pontos das intersecções, onde as duas circunferências se encontram neste espaço do "olhar comum". Porém, o Outro determina-se como outro porque Eu sou absolutamente EU e o Outro se constituirá como absolutamente Outro. Levinas observa a cada coisa uma singularidade extrema constituinte de alteridade própria. Porém, sendo cada coisa em si mesma uma casa e nesta tendemos a ficar, o que nos faz ir em direção ao Outro?

11.3.2 O ser relacional pulsa com o "desejo metafísico" (p. 19). Este desejo não está racionalizado, ele tende para uma coisa inteiramente diversa, para o absolutamente outro. "O Desejo é desejo do absolutamente Outro" (p. 20). Este Desejo é ateu, desinteressado e pulsionador da vida para o Outro. "Desejo sem satisfação que, precisamente, entende o afastamento, a alteridade e a exterioridade do Outro" (p. 21). O desejo metafísico é movimento do inadequado, sua lógica é a contemplação do diferente, não busca a adequação (conhecimento em Aristóteles) ou a identificação (metafísica). Torna a casa habitada pelo Mesmo, como estrangeira de si mesma, portanto transcendente.

> O movimento metafísico é transcendente e a transcendência, como desejo e inadequação, é necessariamente uma trans-ascendência. A transcendência pela qual o metafísico o designa tem isto de notável: a distância que exprime – diferentemente de toda a distância – entra na *maneira de existir* do ser exterior. A sua característica formal – ser outro – constitui o seu conteúdo, de modo que o metafísico e o Outro não se *totalizam*; o metafísico está absolutamente separado. (p. 21- 22)

11.4 O desejo metafísico arranca-me de minha casa, do meu Eu e lança-me para fora (exterior). Constituímo-nos como seres transcendentes. Embora, para Levinas a minha intimidade mais profunda seja estranha e hostil para mim "É verdade que a minha intimidade mais profunda se me apresenta como estranha ou hostil" (p. 25). O que torna o meu próprio EU uma alteridade para mim mesmo. A alteridade do Outro é anterior a toda e qualquer ação do Mesmo. Constitui, portanto um pré-suposto para a relação.

> O Outro metafísico é outro de uma alteridade que não é formal, de uma alteridade que não é um simples inverso da identidade, nem de uma alteridade feita de resistência ao Mesmo, mas de uma alteridade anterior a toda a iniciativa, a todo o imperialismo do Mesmo; outro de uma alteridade que constitui o próprio conteúdo do Outro; outro de uma alteridade que não limita o Mesmo, porque nesse caso o Outro não seria rigorosamente Outro: pela comunidade da fronteira, seria, dentro do sistema, ainda o Mesmo. (p. 25)

11.4.1 O Outro perturba o Mesmo, pois não pode ser possuído, dada a sua alteridade que é anterior a qualquer movimento do Mesmo. O Outro se torna Estrangeiro, pois o Mesmo não o limita conceitualmente, não o captura em sua casa. O Estrangeiro é livre. "Ausência de pátria comum que faz do Outro – o Estrangeiro; o Estrangeiro que perturba o "em sua casa". Mas o Estrangeiro quer dizer também o livre. Sobre ele não posso *poder*..." (p. 25).

11.4.2 O Desejo metafísico; movimento para a transcendência coloca-nos em face do Outro. Este movimento, que não deseja a captura ou redução do Outro, mas sempre reconhece o Outro como o "absolutamente Outro" (p. 25). Sempre estranho, irredutível, totalmente Outro de mim "O absolutamente Outro é Outrem" (p. 25).

> A estranheza de Outrem – a sua irredutibilidade a Mim, aos meus pensamentos e às minhas posses – realiza-se precisamente como um pôr em questão da minha espontaneidade, como ética. A metafísica, a transcendência, o acolhimento do Outro pelo Mesmo, de Outrem por Mim produz-se concretamente como a impugnação do Mesmo pelo Outro, isto é, como a ética que cumpre a essência crítica do saber. (pág. 30)

11.4.3 Outrem está fora do Mesmo, é alteridade. O desejo metafísico que é ateu não quer capturá-lo, designá-lo, ter poder sobre ele. Quer a relação. O encontro. O desejo metafísico não é saciável, ele é desejo de Outrem. Este é o horizonte relacional para o homem.

12. Alteridade e infinito

12.1 Outrem é movimento para a transcendência, horizonte para o caminhar, um chamado para o além. Este desejo metafísico está em nós como a idéia do infinito.

> As nossas análises são dirigidas por uma estrutura formal: a idéia do Infinito em nós. Para ter a idéia do Infinito, é preciso existir como separado. Esta separação não pode produzir-se como fazendo apenas eco à transcendência do Infinito. Senão, a separação manter-se-ia numa correlação que restauraria a totalidade e tornaria ilusória a transcendência. Ora, a idéia do Infinito é a própria transcendência, o transbordamento de uma idéia adequada. Se a totalidade não pode constituir-se é porque o Infinito não se deixa integrar. Não é a insuficiência do Eu que impede a totalização, mas o Infinito de Outrem. (p. 69)

12.1.1 A idéia de infinito presente em nós é a de relacionar-se com um ser que conserva a sua exterioridade total em relação àquele que o pensa (p. 37). O infinito conserva a exterioridade total de Outrem e a separação do Mesmo para a relação constituinte da alteridade. Pensar um objeto constitui a objetividade do mesmo, diferentemente, pensar o infinito, a transcendência ou o estrangeiro. A idéia do infinito conserva o *ideatum* (idéia antes da própria idéia de infinito), cujo pressuposto é a alteridade radical de Outrem.

> A distância que separa *ideatum* e idéia constitui aqui o conteúdo do próprio *ideatum*. O infinito é característica própria de um ser transcendente, o infinito é o absolutamente outro. O transcendente é o único *ideatum* do qual apenas pode haver uma idéia em nós; está infinitamente afastado da sua idéia – quer dizer, exterior – porque é infinito. (p. 36)

12.1.2 É o desejo metafísico o movente da relação, relação esta antes de tudo radical, pois Outrem não está pré-concebido como idéia ou pensamento, capturado em meus sentidos, Outrem é alteridade (totalmente separado do Mesmo), destina-me ao infinito (*ideatum* primeiro), que o torna sempre estrangeiro, não podendo ser dominado ou possuído.

12.2 Por anterioridade o Outrem é alteridade radical, dele não posso fixar, reter ou poder nada. De Outrem recebo a oferta de sua expressão. Outrem exprime materialmente o seu rosto. O rosto é exterioridade, traz algo que eu não contenho, é sua manifestação (epifania).

12.2.1 O rosto de Outrem é desconcertante a mim mesmo, desestabilizador, é revelação. A relação com o rosto de Outrem (frente-a-frente) não desemboca em nenhum tipo de totalização, mas lança-me ao infinito. O rosto de Outrem é um sentido anterior às minhas idéias, é um estrangeiro que não pode ser capturado ou nomeado, não há signo que o compreenda.

> O modo como o Outro se apresenta, ultrapassando *a idéia do Outro em mim*, chamamo-lo, de facto, rosto. Esta *maneira* não consiste em figurar como tema sob o meu olhar, em expor-se como um conjunto de qualidades que formam uma imagem. O rosto de Outrem destrói em cada instante e ultrapassa a imagem plástica que ele me deixa, a idéia à minha medida e á medida do seu *ideatum* – a idéia adequada. Não se manifesta por essas qualidades, mas *exprime-se.* (p. 38)

A noção de rosto remete-nos à anterioridade e ao imediato da história.

> A noção de rosto, a que vamos recorrer em toda esta obra, abre outras perspectivas: conduz-nos para uma noção de sentido anterior à minha *Sinngebung* e, desse modo, independente da minha iniciativa e do meu poder. Significa a anterioridade filosófica do ente sobre o ser, uma exterioridade que não faz apelo nem ao poder nem à posse, uma exterioridade que não se reduz, como em Platão, à interioridade da recordação e que, entretanto, salvaguarda o eu que a acolhe; permite, enfim, descrever a noção de imediato... O imediato é o frente a frente. (p. 39)

12.3 O rosto não se articula enquanto conceito ou número, ele é epifânico (manifestação). Esta manifestação do rosto provoca o Mesmo, pois não me relaciono

comigo mesmo ou com conceitos, mas com Outrem de materialidade, destinado ao infinito. O rosto de Outrem convoca-me à exterioridade radical, para o incontido desafiando-me em minhas seguranças. “A expressão que o rosto introduz no mundo não desafia a fraqueza dos meus poderes, mas o meu poder de poder” (pág.192). Outrem em sua alteridade radical paralisa o meu poder de poder, convoca-me à conversão, chama-me a ser de fato humano, a olhar a face de Outrem (rosto), sem querer poder nada.

> A alteridade que se exprime no rosto fornece a única “matéria” possível à negação total. Só posso querer matar um ente absolutamente independente, aquele que ultrapassa infinitamente os meus poderes e que desse modo não se opõe a isso, mas paralisa o próprio poder de poder. Outrem é o único ser que posso querer matar. (p. 192-193)

12.3.1 O rosto de Outrem revelado corre o risco da negação total; o assassinato. Um *não* absoluto pode constituir-se frente ao rosto de Outrem. Um não que atravessa os olhos de Outrem, um não ao brilho da face de Outrem, um rosto sem defesa cuja expressão recebe um não. Não viverás! O rosto de Outrem assassinado permanece absolutamente, pois é absolutamente transcendente.

12.3.2 O grande apelo presente na relação entre Caim e Abel (II parte, item 3) é: *não matarás!* Pois o caminho para se tornar humano é em relação com Outrem, seu acolhimento nu. Ao dizer não, o Mesmo assassina Outrem em sua alteridade radical e também se assassina em sua humanidade. O dizer não; assassinar é não se comunicar absolutamente, pois me fecho destrutivelmente em o Mesmo. Condição de ser só no mundo.

> O infinito apresenta-se como rosto na resistência ética que paralisa os meus poderes e se levanta dura e absoluta do fundo dos olhos, sem defesa na sua nudez e na sua miséria. A compreensão dessa miséria e dessa fome instaura a própria proximidade do Outro. (p. 194)

12.3.3 A voz de Outrem convoca-me a ser bom. “De maneira que, na expressão, o ser que se impõe não limita, mas promove a minha liberdade, suscitando a minha bondade”. (pág. 195) O rosto de Outrem não está reduzido a um fenômeno, conceito, ainda a interioridade, mesmo capturado as malhas subjetivas, Outrem esta além em alteridade radical. Levinas propõe um principio relacional de natureza ética. Onde a ruptura primeira

entre os homens (II parte, item 3) é restaurada, no face-a-face. A alteridade de Outrem, manifesta no rosto, constitui para mim um princípio relacional que me convoca a ouvir, inclinar-me, a ser bom.

13. Exterioridade

13.1 A afirmação contundente de Levinas é "O ser é exterioridade" (p. 286). Exterioridade que se manifesta na alteridade do rosto, constituidor do Mesmo e de Outrem em relação. A essência do homem não está em seus feitos ou conceitos ainda imagens, mas na manifestação de seu rosto que é infinitamente diferente.

> O ser é exterioridade: o próprio exercício do seu ser consiste na exterioridade, e nenhum pensamento poderia obedecer melhor ao ser do que deixando-se dominar pela exterioridade. A exterioridade é verdadeira, não um aspecto lateral que a capta na sua oposição à interioridade, mas num frente a frente que já não é inteiramente visão, mas vai mais longe do que a visão; o frente a frente estabelece-se a partir de um ponto, separado da exterioridade tão radicalmente que se agüenta por si próprio, é eu; de maneira que qualquer outra relação que não partisse desse ponto separado e, conseqüentemente, arbitrário (mas cuja arbitrariedade e separação se produzem de uma maneira positiva como eu), falharia o campo – necessariamente subjectivo – da verdade. (p. 286 – 287)

13.1.2 O frente a frente é uma relação última e irredutível em que nenhum conceito pode abarcar, pois acontece a revelação de Outrem que é exterioridade. O Outro para Levinas é Ele ou Ela, diferentemente do TU de Buber, pois eu não posso abarcá-lo totalmente na relação, não posso reter sua exterioridade última, não posso saber de sua intimidade radical. Ele ou Ela é presente, porém sempre ausente, dada sua exterioridade indomável.

> O frente a frente – relação última e irredutível que nenhum conceito pode abranger sem que o pensador que pensa tal conceito se encontre de imediato em face de um novo interlocutor – torna possível o pluralismo da sociedade. (p. 288)

13.2 O rosto de Outrem que é exterioridade, convida-me a viver não com o Mesmo, o significado, o já revelado e sim com o diferente, o plural. Sofremos uma profunda conversão na forma epistemológica de compreender o mundo, pois eu passo a viver o mundo não a partir de mim mesmo, mas a partir de Outrem e de sua infinita diferença radical. Aprendo e reaprendo a viver com a diferença.

13.2.1 Outrem, alteridade radical e exterioridade máxima vem de fora. É o estrangeiro, é o separado, é o rosto incontido e irredutível. Lança-nos ao infinito.

> O homem enquanto Outrem chega-nos de fora, separado – ou santo – rosto. A sua exterioridade – quer dizer, o seu apelo a mim – é a sua verdade. A minha resposta não se junta a um "núcleo" da sua objectividade como um acidente, mas *produz* apenas a sua verdade (que o seu "ponto de vista" sobre mim não poderá abolir). (p. 287- 288)

14. Exterioridade, o diferente e o horizonte para além (infinito)

14.1 O nosso ser possui como que originariamente uma curvatura (côncavo) para o além. A idéia do Infinito (*ideatum* p. 36) é esta curvatura que nos faz criar um horizonte sempre mais além, uma seta que pulsiona para a exterioridade, sempre mais para o infinito. É o desejo relacional para a exterioridade. Notemos bem que esta relação é assimétrica, sempre desigual, pois outro é Outrem não identificado ao Mesmo. O frente a frente da relação altérica, não pressupõe verdades universais, ou ainda semelhança subjetiva, códigos comuns (linguagem, cultura, arte etc) ou leis . Outro é Outrem!

> ... a relação entre Mim e o Outro começa na *desigualdade* de termos, transcendentes um em relação ao outro, onde a alteridade não determina o outro formalmente como a alteridade de B em relação a A que resulta simplesmente da identidade de B, distinta da identidade de A. A alteridade do Outro, aqui, não resulta da sua identidade, mas constitui-a: o Outro é Outrem. (p. 249)

14.2 O encontro com o rosto exterior é único e plural. Único porque o rosto não pode ser reduzido ou duplicado, plural porque é único em sua alteridade. As singularidades altéricas provocam a pluralidade e as multiplicidades dos seres e, portanto, das relações. Ao sermos lançados para o exterior "... de maneira que a multiplicidade original é constatada

no próprio frente a frente que a constitui" (p. 249), sofremos a conversão originária côncava para a diferença.

14.3 A exterioridade desconcerta a nossa fé e a nossa razão. Portanto, as nossas certezas mais profundas e bem reservadas. A exterioridade fere a minha existência e o modo de ser é ser para a exterioridade "O ser é exterioridade" (p. 286). A condição do ser transcender a si mesmo é ser para Outrem, constitui um para além do ser. Este movimento transcendente, instaura a lógica do diferente, nascente na alteridade de Outrem. Outrem é sempre diferente, desigual, inadequado, um modo de ser original.

> Consiste em ir onde nenhum pensamento iluminador – isto é, panorâmico – se apresenta de antemão, em ir sem saber onde. Aventura absoluta, numa imprudência primordial, a bondade é a própria transcendência. A transcendência é transcendência de um eu. Só um eu pode responder à imposição de um rosto. (p. 303)

14.4 O homem relacional em Levinas é um ser para Outrem "E só a idéia do infinito mantém a exterioridade do Outro em relação ao Mesmo..." (p. 190). Centralidade desta exterioridade é sua condição para o infinito. Outrem é aquele que esta além, fora, estrangeiro do Mesmo. O infinito cria um horizonte para o ser. Onde o ser se faz nesta caminhada, passagem para o que é sempre mais exterior, mais estrangeiro destinado ao infinito. O ser abre-se para aquilo que está além e constitui-se como diferente. No infinito está Outrem. A passagem ao infinito faz-nos transcendentes sempre mais além, pois o infinito jamais poderá ser contido. A idéia do infinito é este Outrem que está separado e que não pode ser contido, movente, caminhante que nos convoca sempre mais além, para um horizonte infinito "... o infinito é o absolutamente outro" (p. 36). Deste estamos próximos e sempre além.

15. (b) Implicações sobre a incomunicabilidade humana

15.1 A produção do sistema planetário mediático, tem como um dos seus objetivos, atender e reforçar os desejos de seus consumidores. Seja do livro impresso às novas tecnologias digitais. Não há dúvida que o sistema planetário atenda com perfeição a estas necessidades individualmente. Este é o reino do Mesmo, onde a inaltenticidade e a

inatualização vigoram. Embora se utilize de todo o tipo de inteligência e criatividade para vestir-se das mais diferentes formas. Permanece o Mesmo, pois não há a alteridade. Este sistema é incapaz de ir em direção do Outrem. Não é de sua natureza constituir a alteridade, sensibilizar-se com a presença e manifestação do rosto de Outrem. Comunica-se o que já se sabe, o já identificado, aquilo que é racional e irá reforçar os desejos dos consumidores. Não há o estrangeiro. Entrar no sistema é possível, sem constituir alteridade, simplesmente pela posse de um certo programa ou do software adequado (domínio de signos).

15.2 Por causa da imensa velocidade com a qual os processos virtuais se realizam, desaparecem as distâncias espaciais, da mesma maneira como as temporais. Tudo acontece aqui e agora, formatado em alto grau de codificação. Com o desaparecimento das distâncias temporais e espaciais, porém, perde-se a experiência de fronteiras. Também não há mais fronteiras entre o EU e o OUTRO, e é este fato que nos parece ser uma das mais importantes razões para a negação da alteridade de Outrem, que nós constatamos no sistema planetário de comunicação.

15.2.1 O sistema planetário de comunicação captura-nos sedutoramente e sempre faz-nos o Mesmo. Somos seres neste sistema que afirmam a palavra principio EU-ISSO, cega-nos à exterioridade de Outrem, torna-nos desatualizados e não autênticos. A sedução do sistema planetário de comunicação nos faz viver neste contínuo espectral, onde tudo se faz e se re-faz continuamente. Porém, é onde a vida está ausente, pois perdemos a capacidade de ouvir e de falar. Permanecemos na ontologia do Mesmo, onde a face de Outrem é ausente ou diluída em signos.

15.3 O único movimento que há, é o fluxo cada vez mais rápido rumo a novos impulsos. Sem o momento, porém, para viver a situação de “frente a frente”. A subseqüente incomunicabilidade amordaça-nos e nega aquilo que de mais humano existe: o viver face-a-face com Outrem. Em vez deste “viver”, as pessoas se perdem cada vez mais em experiências que no máximo são simulações virtuais de comunicação. Estas simulações carecem de alteridade. Em vez disso, as pessoas participam de um sistema interacional e operacional, cuja base cada vez mais não é o ser humano como sujeito. A sua referência, em vez disso são sistemas entrelaçados que realizam operações. Estes sistemas possibilitam, é verdade, uma participação indireta nas suas operações, assim como o

recebimento de informação. Mas a ausência de todo sujeito individual e dialogal que se apresente como um TU, impossibilita o acontecimento do encontro.

15.5 A incomunicabilidade manifesta seu efeito mais devastador no eu e no outro. A primeira manifestação eu e a segunda manifestação outro, não se encontram, não estabelecem relação. Permanecem no reino do Mesmo, cada um fixado em seus problemas, seus interesses, afirma-se o "meu" ou a "minha". Os signos operados remetem ao reforço deste encapsulamento e cada vez mais aprofundado, perdemos as faculdades de ouvir, falar, perceber e dialogar. Distanciamo-nos do outro, perdemos a passagem para a relação com o outro. Este não está mais próximo, não possui presença.

15.5.1 A incomunicabilidade devasta, tanto no eu como no outro, o desejo para outrem. Este desejo é a passagem para a exterioridade. Exterioridade é outrem, incapturável em sua alteridade (Ele ou Ela). Para o encontro com a exterioridade abro mão de meu poder de poder, esvazio-me para acolher outrem, inclino-me para o infinito. A incomunicabilidade instalada entre eu e o outro, faz-nos perder o horizonte do infinito. O infinito é o reino da exterioridade, do estrangeiro, do outro, uma passagem para um mais além do Mesmo. O horizonte do infinito rompe as totalidades e nos põe em relação com a exterioridade.

Obra 1, referente aos itens 2 ss

Escolhemos este texto como referência e fundamento da temática tratada nos itens dois seguintes. Temática esta profundamente arraigada no pensamento de Buber e Levinas, que por sua vez são influenciados pelo pensamento semita.

Bíblia de Jerusalém. *Parábola do bom samaritano*. Lucas 10, 25-37

E eis que um legista se levantou e disse para experimentá-lo:
"Mestre, que farei para herdar a vida eterna?"

A pergunta do legista é central na cultura judaica, pois se ocupa da vida eterna com Deus. O sistema do templo é a fonte segura para o legista, quanto a esta pergunta.

Ele disse:
"Que está escrito na Lei? Como lês?"

Ao letrado obtém-se a vida eterna observando a lei, portanto viver é cumprir terminantemente a lei.

Ele, então, respondeu:
"Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, com toda a tua força e de todo o teu entendimento; e a teu próximo como a ti mesmo".

No cálculo total dos rabinos, há seiscentos e treze preceitos, que devem ser observados como lei divina para a aquisição da vida eterna. Disto o legista já sabia. A questão é o cumprimento da mesma.

Jesus disse:
"Respondeste corretamente; faze isso e viverás".

Estas leis são esvaziadas quando está ausente a vida. Há dois mandamentos que são a alma de todos os outros: amar a Deus e amar ao próximo. Somente o amor pode dar sentido a todos os outros. O homem viverá em plenitude, segundo esta tradição, saindo de si para Deus e para o próximo correlativamente.

Ele, porém, querendo se justificar, disse a Jesus:

O legista quer se justificar por ter feito a pergunta anteriormente. O problema em amar a Deus está resolvido para o legista, pois ele possui como certo quem é Deus. Porém, quem é o próximo?

"E quem é meu próximo?"

Proximidade: o tema da proximidade atravessa toda a tradição semita. Para certas correntes (Levíticos), próximos eram aqueles "de casa" (o israelita), estes são irmãos. Pois, falavam a língua hebraica, comungavam de uma fé em um único Deus, participavam de uma mesma cultura, possuíam idéias políticas semelhantes etc. Decide-se previamente quem é o próximo.

Jesus retomou:

"Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado e espancado, foram-se, deixando-o semimorto. Casualmente, descia por esse caminho um sacerdote; viu-o e passou adiante. Igualmente um levita, atravessando esse lugar, viu-o e prossegui. Certo samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão. Aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho, depois colocou-o em seu próprio animal, conduziu-o á hospedaria e dispensou-lhe cuidados.No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: 'Cuida dele, e o que gastares a mais, em meu regresso te pagarei'.

Um homem: este é caracterizado como pessoa sem identificação, não possui pátria, um qualquer (o estrangeiro). Seu estado é de semimorto. Portanto, corre risco de vida, condição material extrema da existência.

Jerusalém (a): o homem que sai de Jerusalém e se dirige a Jericó está dentro "da casa", é alguém conhecido. Estar em Jerusalém significa ser de um horizonte ontológico que oferece identidade, proximidade de uns aos outros. Jerusalém é o centro de uma cultura milenar, em Jerusalém está Deus, a lei, a política, etc.

Jerusalém (b): “descia por este caminho” esta era uma rota para ir até Jerico, saindo de Jerusalém, faz-se aqui clara menção ao cotidiano. Primeiro um sacerdote, passa pelo homem caído, vê e passa adiante. Reside aqui uma grande contradição no horizonte ontológico, pois este não vê a alteridade de um próximo. Alteridade está justificada no grande signo que é Jerusalém e por alguém que por dever é obrigado ao acolhimento, o sacerdote. Segundo: o levita. Este é conhecedor das escrituras. Também não possui horizonte para a alteridade. Ambos fundamentam-se em Jerusalém (princípio de identidade), essencialmente no templo (funcionários do culto), porém estes contraditoriamente não reconhecem a alteridade.

Exterioridade: após a passagem dos de casa, passa alguém que é estrangeiro, da Samaria. Lugar este considerado impuro, pessoas de comportamento duvidoso, região fora do ambiente sagrado (Jerusalém). Os samaritanos eram quase um insulto aos judeus. Este é o estrangeiro, o herege de quem se espera ódio. Porém, o novo acontece. Este é capaz de ver a alteridade de Outrem e se faz próximo do rosto.

Exterioridade e infinito: aplica-se aqui a revolução de ser no mundo. Ao reconhecer o rosto de Outrem, inverte-se profundamente a constituição de uma cultura, religião, política e sociedade. Outrem é a possibilidade (passagem) para a existência da comunicação.

> Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?
> Ele respondeu:
> “Aquele que usou de misericórdia para com ele”.

Misericórdia: o ser relacional faz-se em relação com Outrem, nesta passagem está a positividade da comunicação. Ir em direção ao rosto de Outrem (infinito).

> Jesus então lhe disse:
> “Vai, e também tu, faze o mesmo”.

Reflete-se aqui a força da tradição semita, onde a questão não é conceituar, significar ou racionalizar, mas fazer. O acontecimento e sua atualidade se dá no mundo, o lugar do evento é o mundo (matéria). É preciso tornar-se próximo para ser.

CONCLUSÃO

Concluímos que o homem do sistema planetário de comunicação vive em um estado de *incomunicabilidade humana*. Incomunicabilidade instaurada em última instância na relação eu e o outro, onde um homem não se comunica com o outro homem. A incomunicabilidade humana esvazia a face de outrem, destitui o horizonte para a exterioridade, fecha a passagem para o infinito. Por fim, a incomunicabilidade humana condena o homem a fechar-se sobre si mesmo.

Dominar e manusear signos do sistema planetário de comunicação não significa que haja comunicação. Saber linguagens não significa que se estabelece comunicação entre os homens. Desenvolver técnicas que performatizem e que dêem aos signos uma volatilidade por todo o planeta, não garante a existência da comunicação. Por outro lado, o próprio homem não é mais ser essencial para a existência e o desenvolvimento do sistema planetário de comunicação. Este sistema é absoluto. O sistema planetário de comunicação que inaugurou o Eu midiático, paradoxalmente destina o homem a fechar-se em si mesmo.

O espaço social para o homem falar e ouvir, no sistema planetário de comunicação é cada vez mais minimizado. Vagarosamente este homem do sistema planetário de comunicação desaprende a falar e a ouvir. Conseqüentemente, o diálogo está comprometido. O diálogo é o espaço do humano, do encontro face-a-face, da manifestação da presença de outrem.

A relação eu e o outro está comprometida pela presença dos meios de comunicação, que atuam no “entre”, interfaceando esta relação eu e o outro. Observa-se a extinção do espaço relacional, onde o eu e o outro manifestam a sua face. Os meios de comunicação substituíram o outro a quem dirijo minha palavra, com quem me relaciono. Por fim, não compomos o horizonte da alteridade. A morte da alteridade no sistema planetário de comunicação leva-nos à ausência da face do próximo (Outrem), constituindo, portanto, impossibilidade radical para o infinito.

Contudo, não negamos o desejo humano para Outrem; o desejo do infinito. Este desejo abre a positividade para a existência da comunicação. Estamos desafiados a sermos humanos. Este humano constitui-se na relação com outrem, por anterioridade radicalmente exterior. O que nos faz ser relacional para o diferente. Esta relação (re-ligamento primeiro)

que manifesta a face de outrem é postura anterior e própria do ato de ser homem. Afirmamos como possibilidade da existência da comunicação o desejo do encontro, do revelar a face, da busca pela presença altérica, de encontrar o outro para nos fazermos humanos. Outrem convoca-nos ao infinito. Abrimo-nos concovadamente à exterioridade de Outrem que está sempre mais além.

Portanto, o desafio atual é o homem. A positividade da possibilidade da existência da comunicação passa pela abertura, inclinação do homem (Eu), diante do outro homem (Outrem). Está implicada na existência da comunicação, vivermos profundamente enquanto humanos.

É da humanidade ouvir Outrem, acolher o estrangeiro, esvaziar-se para o infinito. Esta é a possibilidade para a existência da comunicação, onde o homem lança um olhar fraterno ao seu semelhante, sem cisões e sem medo. Um na presença do outro.

BIBLIOGRAFIA

Elementar

APEL, K. Otto. *Transformação da filosofia I*: filosofia analítica, semiótica, hermenêutica. São Paulo: Loyola, 2000.

APEL, K. Otto. *Transformação da filosofia II*: o a priori da comunidade de comunicação. São Paulo: Loyola, 2000.

ARISTÓTELES. *Metafísica.* Vol. I, II, III. São Paulo: Loyola, 2001.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulações*. Portugal: Relógio D'água, 2000.

BIBLIA DE JERUSALEM. São Paulo: Paulus, 2002.

BIBLIA DO PEREGRINO. São Paulo: Paulus, 2006.

BRUN, Jean. *O Estoicismo.* Lisboa: Ed. 70, 1986.

BORNHEIM, A. Gerd. *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 2005.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Moraes, 1974.

BUBER, Martin. *Eu e Tu.* São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no país das maravilhas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CASARES, B. Adolfo. *A invenção de Morel*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido.* São Paulo: Perspectiva, 2003.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuas, 2005.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1967.

DICIONÁRIO DA COMUNICAÇÃO. Org. Ciro Marcondes Filho. São Paulo: Paulus prelo.

DICTIONNAIRE CRITIQUE DE LA COMMUNICATION. Org. Lucien Sfez. Vls. I, II. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.

FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

HABERMAS, Jurgen. *Racionalidade e comunicação.* Lisboa: ed. 70, 1996.

HABERMAS, Jurgen. *O discurso filosófico da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. *A essência do fundamento*. Lisboa: ed. 70, 1949.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos*: o breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOMERO. *Odisséia*. São Paulo: Cultrix, 2006.

HUSSEL, Edmund. *A idéia da fenomenologia*. Lisboa: ed. 70, 1986.

HUSSEL, Edmund. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia Fenomenológica.* Aparecida: Idéias e Letras, 2006.

LEVINAS, E. *Entre nós*: ensaio sobre a alteridade. Petrópolis: Vozes, 1997.

LEVINAS, E. *Ética e infinito.* Lisboa: Ed. 70, 2000.

LEVINAS, E. *Humanismo do Outro Homem.* Petrópolis: Vozes, 1993.

LEVINAS, E. *Totalidade e infinito*: ensaio sobre a exterioridade. Lisboa: ed. 70, 2008.

LUHMANN, Niklas. *A improbabilidade da comunicação*. Lisboa: Vega, 1999.

LUHMANN, Niklas. *A realidade dos meios de comunicação*. São Paulo: Paulus, 2005.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

MARCONDES FILHO, C. *A produção social da loucura.* São Paulo: Paulus, 2003.

MARCONDES FILHO, C. *Até que ponto de fato nos comunicamos?.* São Paulo: Paulus, 2004.

MARCONDES FILHO, C. *Cenários do novo mundo.* São Paulo: Eca-usp/ntc, 1998.

MARCONDES FILHO, C. *Da arte de envenenar dinossauros e outros ensaios midiáticos* . Eca-usp/filocom, 2003.

MARCONDES FILHO, C. *O escavador de silêncios*: formas de construir e de desconstruir Sentidos na comunicação. São Paulo: Paulus, 2004.

MARCONDES FILHO, C. *O espelho e a máscara:* o enigma da comunicação e o caminho Do meio. São Paulo: Unijui e Discurso Editorial, 2002.

MARCONDES FILHO, C. *O silêncio na sala*: sobre o declínio da comunicação na vivência conjugal. São Paulo: ESPM. Revista Comunicação mídia e consumo: epistemologia da comunicação. Ano 3, Vol. 3 Número 8. novembro 2006.

MARCONDES FILHO, C. *Para entender a comunicação*: contatos antecipados com a Nova teoria. São Paulo: paulus, 2008.

MARCONDES FILHO, C. *O pensar-pulsar.* São Paulo: Eca-usp/ntc, 1996.

MARCONDES FILHO, C. *O princípio da razão durante*: por uma lógica do acontecimento Em comunicação. São Paulo: Paulus: prelo.

MARCONDES FILHO, C. *SuperCiber: A civilização místico-tecnologica do Século 21*. São Paulo: Paulus, prelo.

MARCONDES FILHO, C. *Vivências eletrônicas.* São Paulo: Eca-usp/ntc, 1998.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins fontes, 2006.

MORGENTHAU, J. Hans. *A política entre as nações*: a luta pelo poder e pela paz. Brasília: Unb, 2003.

PLATÃO. *A república*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PLATÃO. *Diálogos*: protágoras, górgias e fedão. Belém: UFPA, 2002.

PLATÃO. *Fedro*. Lisboa: 1997

PLATÃO. *Fédon*. São Paulo: Atena Editora: 1961.

REALE, Giovanni. *Para uma nova interpretação de Platão*. São Paulo: Loyola, 1997.

RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola, 2000.

SFEZ, Lucien. *Crítica da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1994.

TEIXEIRA, Coelho. *História natural da ditadura.* São Paulo: Iluminuras, 2006.

VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade*: niilismo e hermenêutica na cultura pós-Moderna. Lisboa: Editorial Presença, 1987.

Complementar

ARENAL, Celestino del. *Introducción a las Relaciones Internacionales*. Madrid: Ed. Tecnos, 1990.

ALLENSBACHER, Markt-und Werbeträgeranalysen 1999-2002, em: STEINLE & WIPPERMANN, *Die neue Moral der Netzwerkkinder,* Piper, München-Zürich, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidad liquida*. Argentina: Fundo de cultura Econômica, 2003.

BULL, Hedley. *A sociedade anárquica*. Brasília: Unb, 2002.

DUSSEL, Enqrique. *1492 El encubrimiento del Otro*: Hacia el origen Del "mito de la Modernidad". La Paz: Plural Editores e UMSA, 1994.

DUSSEL, Enrique. *Ética da libertação:* na idade da globalização e da exclusão. Petrópoles: Vozes, 2000.

DICIONÁRIO DE FILOSOFIA DE CAMBRIGE. Org. R. Audi. São Paulo: Paulus, 2006.

DICIONÁRIO DE SOCIOLOGIA. Org. Luciano Gallino. São Paulo: Paulus, 2005.

DICIONÁRIO DE POLITICA. Org. Norberto Bobbio. Brasília: Unb, 2003.

EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

FERRY, Jean-Marc. *Filosofia da comunicação*. Lisboa: Fenda edições, 2001.

FERRY, Jean-Marc. *Filosofia da comunicação:*da antinomia da verdade à fundação última Da razão, justiça política e democracia procedimental. São Paulo: Paulus, 2007.

FINK, Eugen. *Nietzesch Philosophie,* Stutthart-Berlin-Köln-Mainz: ed. Kohlhammer 1979.

HOMERO. *Ilíada*. São Paulo: Ateliê Editorial e Unicamp, 2008.

JACKSON, Robert e SORENSEN, Georg. *Introdução as relações internacionais.*Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

JAEGER, Werner. *Paidéia:* a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

KERÉNYI, Carl. *Dionísio*: imagem arquetípica da vida indestrutível. São Paulo: Odysseus, 2002.

LAÊRTIOS, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasília: Unb, 1987.

LYPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio*. Portugal: Relógio D'água, 1983.

LYOTARD, Jean-François. *Peregrinações*: lei, forma, acontecimento. São Paulo: Edições Liberdade, 2000.

MACHADO, Alindo. *O sujeito na tela*: modos de enunciação no cinema e no ciberespaço. São Pulo: Paulus, 2007.

MERCIER, Pascal. *Nachtzug nach Lissabon,* Munique: ed. Btb, 2006.

MIÈGE, Bernard. *O espaço público*: perpetuando ampliando e Fragmentando. Revista novos olhares, ano 2, Numero 3. São Paulo: Eca-Usp, 1999. Págs. 04- 11.

MOUNIER, E. *Revolución personalista y comunitária.* Madrid: ed. Zero, 1998.

NOVAES, Adauto (Org.). *O Homem-Máquina.* São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano*: da cultura das mídias à Cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lucia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade.* São Paulo: Paulus, 2007.

SERRA, Antonio Truyol y. *La sociedad internacional.* Madrid: Alianza Editorial, 2006.

TEIXEIRA, F. João. *A mente segundo Dennet.* São Paulo: Perspectiva, 2009.

VATTIMO, Gianni. *A sociedade transparente. Lisboa*: Relogia D'Agua, 1992.

FILMES

DENISE ESTA CHAMANDO. Direção Hal Salwen. Produção J. Todd Harris. Gênero: Filme. Distribuidora: Alpha filmes, 1995. 1 filme (137 mins), vhs, colorido.

FLORES PARTIDAS. Direção Jim Jarmusch. Gênero: filme. Distribuidora: Europa filmes, 2005. 1 filme (106 mins), dolby digital, colorido.

JORNADA DA ALMA. Direção: Roberto Faenza. Gênero: filme. Distribuidora: Paris

Filmes, 2004. 1 filme (89 mins), dolby digital, colorido.

LOST IN TRANSLATION. Direção: Sofia Coppola. Gênero: filme. Distribuidora: Focus Features, 2003. 1 filme (102 mins) dolby digital, colorido.

NELL. Direção: Michael Apted. Gênero: filme. Distribuidora: Fox, 2003. 1 filme (112 mins), 5.1 dolby surround, colorido.

NO DECURSO DO TEMPO. Direção e produção Wim Wenders. Gênero: filme. Distribuidora: Europa Filmes, 2007. 1 filme (168 mins), dolby digital 2.0, preto e Branco.

O SHOW DE TRUMAN: o show da vida. Direção de Peter Weir. Produção Scott Rudin. Gênero: filme. Distribuidora: Paramount Collection, 1998. 1 filme (103 mins), dolby Digital 5.1, colorido.

PARIS, TEXAS. Direção e produção Wim Wenders. Gênero: filme. Distribuidora: Europa Filmes, 2007. 1 filme (139 min), dolby digital 2.0, colorido.

DOCUMENTÁRIOS

SOB A NÉVOA DA GUERRA. Direção de Errol Morris. Gênero: documentário. Distribuidora: Columbia, 2004. 1 filme (107 min), dolby digital 5.1, colorido.

JANELA da alma. Direção de João Jardim e Walter Carvalho. Barueri: Europa filmes, 2003. 1 filme (73 min), son dolby digital 2.0, color.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo